



Pandemia no Brasil e Interseccionalidade: Um panorama do Impacto do Covid-19 sobre o género feminino

UMinho | 2023 Aline Felipe Ribeiro de Araujo



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Aline Felipe Ribeiro de Araujo

Pandemia no Brasil e Interseccionalidade:
Um panorama do impacto do Covid-19 sobre
o género feminino

Abril de 2023



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Aline Felipe Ribeiro de Araujo

**Pandemia no Brasil e Interseccionalidade:
Um panorama do impacto do Covid-19 sobre
o género feminino**

Dissertação de Mestrado
Crime, Diferença e Desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Dra. Paula Cristina Marques Martins
Coorientação **Dr. Teodoro Adriano Zanardi**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos que consegui enfrentar ao longo do curso. À minha mãe, ouro de mina, inspiração eterna a quem me espelho, mulher de força, serenidade, coragem que me deu a vida e proporcionou sem medir esforços que meus sonhos se concretizassem.

À minha irmã pelo apoio acadêmico, exemplo de competência e força de vontade a qual me orgulho de ter como hermana. Ao meu marido Gustavo, pelo amor, apoio e parceria de vida. A minhas queridas amigas brasileiras (A3L2) e Rachel, às quais me ajudaram a dividir os anseios e comemorar as vitórias do tão sonhado mestrado.

À minha estimada orientadora Dra. Paula Cristina, a qual tenho profundo respeito pela competência e partilha de sabedoria repassada com muito zelo através das correções e aulas ministradas no curso, que foram fundamentais para meu aprendizado e desenvolvimento do presente estudo. Ao Dr. Teodoro Zanardi, que felizmente aceitou ser meu coorientador e pude desfrutar novamente de seus ensinamentos repassados com muita didática e maestria e todos os professores que me deram aula no mestrado de Crime, Diferença e Desigualdade, os quais repassaram seus conhecimentos de forma inenarrável e contribuíram imensamente para meu desenvolvimento como aluna acadêmica e cidadã no mundo.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Pandemia no Brasil e Interseccionalidade: Um panorama do impacto do Covid-19 sobre o género feminino

RESUMO

A pandemia do Covid-19 não foi à mesma para todas as pessoas. No Brasil trouxe impactos muito mais penosos sobre determinados corpos vulneráveis, interseccionais, em especial aqueles do género feminino, que sofrem dupla punição na atual sociedade sexista. Assim, se faz necessário estudar a origem do termo Interseccionalidade, e como a pandemia afeta o género, raça e classe social no contexto brasileiro, quem são os vulneráveis na pandemia com uma breve análise sobre a necropolítica no Brasil.

No recorte de género, serão abordados conceitos estruturais sobre sua definição, como as mulheres são vistas no patriarcado, a dupla vulnerabilidade da mulher na pandemia, o desemprego da mulher em relação ao homem nesse período, convergindo os conceitos de raça, classe e cor sob o viés da interseccionalidade.

O estudo traz ainda um enfoque sobre a violência doméstica contra a mulher e população LGBTQIA+, que se fizeram mais presentes que nunca, apesar de haverem subnotificações mascaradas pelas cifras negras, tendo em vista as falhas das políticas públicas voltadas para este público durante o período pandêmico que perduraram até o final de 2022.

A metodologia de pesquisa abrange métodos qualitativos, com entrevistas semiestruturadas aplicadas às cidadãs em contexto pandêmico na cidade de Belo Horizonte e interior de Minas Gerais (Nepomuceno), realizada com mulheres de diferentes perfis que viveram na pandemia do Covid-19, como mães, mulheres solteiras, casadas, professora, cuidadora de idosos, trabalhadoras sexuais, advogada, psicóloga, acerca de suas percepções na pandemia e os impactos sofridos durante e pós Covid, em nível psicológico, econômico e escolar, demonstrando em seguida os resultados alcançados e as contribuições para estudo.

Palavras-Chave: Interseccionalidade, Covid-19, Género, Classe, Raça/Cor

Pandemic in Brazil and Intersectionality: An overview of the impact of Covid-19 on the female gender

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic was not the same for everyone. In Brazil, it brought much more painful impacts on certain vulnerable, intersectional bodies, especially those of the female gender, who suffer double punishment in the current sexist society. Thus, it is necessary to study the origin of the term Intersectionality, and how the pandemic affects gender, race and social class in the Brazilian context, who are the vulnerable in the pandemic with a brief analysis of necropolitics in Brazil.

In the gender cut, structural concepts about its definition will be addressed, how women are seen in the patriarchy, the double vulnerability of women in the pandemic, the unemployment of women in relation to men in this period, converging the concepts of race, class and color under the intersectionality bias.

The study also brings a focus on domestic violence against women and the LGBTQIA+ population, which have become more present than ever, despite underreporting masked by black numbers, in view of the failures of public policies aimed at this public during the pandemic period, which lasted until the end of 2022.

The research methodology covers qualitative methods, with semi-structured interviews applied to citizens in a pandemic context in the city of Belo Horizonte and interior of Minas Gerais (Nepomuceno), carried out with women of different profiles who lived in the Covid-19 pandemic, such as mothers, women single, married, teacher, caregiver for the elderly, sex workers, lawyer, psychologist, about their perceptions in the pandemic and the impacts suffered during and after Covid, at a psychological, economic and school level, then demonstrating the results achieved and the contributions to study.

Keywords: Intersectionality, Covid-19, Gender, Class, Race/Color.

SUMÁRIO

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	3
AGRADECIMENTOS	4
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
ABREVIATURAS E SIGLAS	9
ÍNDICE DE FIGURAS.....	10
ÍNDICE DE TABELAS	11
INTRODUÇÃO.....	12
1.Enquadramento:Interseccionalidade e as diferentes quarentenas na pandemia do Covid-19	16
2. As diferentes quarentenas. A pandemia foi a mesma para todos?.....	23
4. Mães e filhas na pandemia	62
5. Subnotificação - Cifras negras – A invisibilidade da violência contra as mulheres	69
8. Método de investigação.	87
8.1. Participantes	87
8.2. Instrumento de recolha de dados e procedimento	89
9.2 . Discussão	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
BIBLIOGRAFIA	110
LEGISLAÇÃO	134
ANEXOS	135

ABREVIATURAS E SIGLAS

ASPROMIG - Associação das Prostitutas de Minas Gerais

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

CPF - Cadastro de Pessoas Físicas

CR/88 – CF – Constituição Federal de 1988

EAD - Educação à Distância

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OEA – Organização dos Estados Americanos

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OMS- Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual.

USP – Universidade de São Paulo PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUS - Sistema Único de Saúde

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Conceito sociológico da interseccionalidade.....	17
Figura 2: Indicadores Sociais Mercado de Trabalho, Distribuição de Renda, Educação, Violência e Representação Política.....	26
Figura 3: Mapa 1: Mapa Corona Nas Periferias	33
Figura 4: Taxa de Desocupação por Raça/ Cor e Sexo - 1º e 2º Trimestre de 2020 e 2º Trimestre de 2021	57
Figura 5: Rendimento Médio Real dos Ocupados no Trabalho Principal por Raça/Cor e Sexo – 1º e 2º Trimestre de 2020 e 2º Trimestre de 2021	58
Figura 6: Variação de Ocupados por Raça/ Cor e Sexo Segundo Posição a Ocupação - 1º e 2º Trimestre de 2020 e 2º Trimestre de 2021	59
Figura 7: Tipos de violência doméstica sofrida por mulheres brasileiras durante a pandemia. ...	74

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Participantes	87
-------------------------------	----

INTRODUÇÃO

No final de dezembro de 2019, a Covid-19, doença de vasta disseminação, transmitida pelo Coronavírus (SARS-CoV-2), teve seu primeiro registro em Wuhan, na China. Por conseguinte, em janeiro de 2020, foi declarado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), que o surto do Coronavírus tratava-se de alerta de “emergência de saúde pública de importância internacional”¹, com o objetivo de conter o vírus. Os sintomas da Covid-19 são inicialmente semelhantes a de uma gripe, como dificuldades respiratórias, febre, tosse, mas a gravidade da doença vai muito além “de uma simples uma gripezinha” e podem levar à internações hospitalares envolvendo intubação e até a morte.

Diante da gravidade, a OMS e os órgãos oficiais dos países atingidos, estabeleceram uma série de normas para evitar a disseminação da doença, como lavar as mãos, usar álcool em gel 70%, fazer distanciamento social e utilizar máscaras. Desde então, o mundo passou a ter como protagonista a pandemia do Coronavírus, deixando mais de 14,9 milhões de mortos em 2020 e 2021, segundo os dados levantados pela Organização Mundial de Saúde, em 2022. Medidas como o isolamento dos infectados e suspeitos, fechamento de instituições de ensino, comércio, distanciamento social para os grupos de risco e quarentena para os demais, foram adotadas em diversos países com o fim de diminuir os impactos da pandemia e a proliferação do vírus.

A crise sanitária do Coronavírus afetou as pessoas de forma desproporcional, a pandemia foi muito mais voraz para pessoas interseccionais, vulneráveis, mulheres, negros e comunidade LGBTQIA+. Ademais, apenas uma mínima parcela da sociedade brasileira pode cumprir a quarentena e as recomendações da OMS. Em termos profissionais e gerais, os enfermeiros, cuidadores de idosos, faxineiros, coletores de lixo “garis”, caixas de supermercado, empregadas domésticas, auxiliares de produção, vendedores ambulantes foram os que mais sofreram com as externalidades negativas da pandemia.

A pandemia do Covid 19 não só afetou a saúde física das pessoas, como também a mental, surtindo efeitos econômicos, alterando modos de vida e decisões políticas internas e internacionais em todo o mundo, haja vista que a pandemia não foi apenas sanitária. Todos sofreram com a pandemia do COVID-19, houve fechamento de empresas e instituições públicas, aumento de

¹ Emergência de saúde pública de importância internacional significa um evento extraordinário que, nos termos do presente Regulamento, é determinado como: (i) constituindo um risco para a saúde pública para outros Estados, devido à propagação internacional de doença e (ii) potencialmente exigindo uma resposta internacional coordenada; (Brasília, 2005 . Acessado em setembro, 10, 2022. <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/regulamento-sanitario-internacional/arquivos/7181json-file-1>

desemprego, mudanças no regime de trabalho, mudanças no comportamento das pessoas e aprofundando as desigualdades sociais. Entretanto, as mulheres sofreram de forma desproporcional em relação aos homens nesta pandemia, esse sofrimento é ainda maior se visto por uma lente interseccional.

Esses dados motivaram a realização da presente pesquisa, porque as mulheres estão em sua maioria prestando serviços essenciais à saúde e são as responsáveis, por cuidar em maior escala dos filhos, do lar, de parentes, casas de família e pessoas doentes, acrescenta-se ainda uma sobrecarga maior de sofrimento quando se fala da mulher negra e da mulher pobre, daí a necessidade do aprofundamento do estudo da interseccionalidade, que é um conceito amplo e vem sendo construído diariamente.

Desta forma, o estudo foi orientado pelos seguintes objetivos: Conceituar da pandemia do Covid-19 no contexto brasileiro; Identificar de quem são os vulneráveis na pandemia no Brasil; Indagar se todos no Brasil tem condições de cumprir as recomendações da OMS como o distanciamento social, a etiqueta respiratória, higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza de ambientes e isolamentos de casos suspeitos; Conceituar o termo necropolítica relacionando com interseccionalidade na pandemia do Brasil; Especificar a questão do gênero feminino na perspectiva de Judith Butler e em seguida a posição da mulher na sociedade patriarcal nesta pandemia; Relacionar a interseccionalidade na pandemia com a questão de subempregos e desempregados que mais afetam o gênero feminino interrelacionando a classe e a raça; Expor a dupla vulnerabilidade da mulher no contexto da pandemia, com duplas jornadas, sobrecarga de tarefas nos lares e ainda o aumento significativo de violência doméstica, feminicídio, e o motivo das cifras negras neste momento;

Para tanto, o estudo foi dividido em seis capítulos que abordaram os seguintes aspectos:

O primeiro capítulo traz o conceito do termo Interseccionalidade e apresenta as diferentes quarentenas na pandemia do Covid-19, destrinchando a palavra interseccionalidade pormenorizando os conceitos de gênero, na perspectiva de Judith Butler, raça/cor e classe, através do diagrama matemático resultando num entroncamento desta tríade, apresentando o conceito sociológico da interseccionalidade, desde a sua origem, cunhada por Kimberlé Crenshaw, perpassando por outras autoras como Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge , Carla Akotirene , Audre Lorde, dentre outras (os), que contribuíram e vem contribuindo para o entendimento do termo interseccionalidade, que está em constante construção. Aqui será exposto ainda como a mesma

pandemia se mostrou para diferentes pessoas resultando em diferentes quarentenas, diante de tantas desigualdades acirrando como nunca os desníveis sociais.

Em seguida será abordado o peso do gênero na pandemia do covid 19 para as mulheres negras, mulheres não negras, meninas, mães. Em relação ao gênero, as mulheres e principalmente as mulheres negras tiveram maior índice de desocupação em seus trabalhos, na esfera familiar, as mulheres que conseguiram trabalhar em regime “home office” tiveram suas rotinas sobrecarregadas, diversas vezes pelo trabalho profissional cumulado ao trabalho doméstico, com afazeres do lar, acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Assim, a pandemia apresenta um duplo viés em que de um lado permanece o discurso dominante e patriarcal, e do outro lado aqueles que são dominados. Vale lembrar o caso da empregada doméstica idosa, uma das primeiras vítimas que morreu com coronavírus, no estado do Rio de Janeiro ao ter contato durante o seu trabalho, com a patroa, que voltou da Itália e testou positivo para o Covid-19 e estava de quarentena, “*No Brasil informal com coronavírus, domésticas dependem de altruísmo de patrões para evitar contágio.*” relatou o jornal *El País*, em 17 de março de 2020.

A sociedade patriarcal exige maiores atribuições que são impostas à mulher desde crianças, cuidar da casa, alimentar a família, fazer atividades escolares com os filhos, além do trabalho externo. Essa dupla jornada de trabalho aumenta a vulnerabilidade das mulheres, principalmente em relação a interseccionalidade, levando em conta a raça e a classe, resultando em maiores índices de desemprego, exposição e por conseguinte o sofrimento, somado ao fato do Brasil ser um país com racismo e machismo estrutural em que perpetua estereótipos e reafirma o cisheteropatriarcado.

Neste sentido, as mulheres sempre estiveram envolvidas no “care”. Na pandemia não foi diferente, elas foram as destinadas a cuidar de seus entes, e também, em sua maioria, são as profissionais responsáveis pelo cuidado com as famílias de fora, sendo aquelas que mais estiveram presentes na linha de frente na pandemia, como as enfermeiras, cuidadoras de idosos, empregadas domésticas...

O capítulo Mães e filhas na pandemia vai abordar como a pandemia afetou a vida das mães que convivem com seus companheiros ou de famílias monoparentais, que tiveram que se desdobrar com duplas ou triplas jornadas, fazendo serviços de casa, cuidando da alimentação, tarefas escolares dos filhos e ainda conciliando com seus empregos formais, ou sendo

interrompidas em seus home offices, acarretando em altos índices de sobrecarga física e emocional.

A questão da violência doméstica contra a mulher na pandemia será abordada através do capítulo Subnotificação, Cifras Negras e a invisibilidade das mulheres na pandemia que irá tratar sobre o aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia e o motivo dos índices de notificações das agressões não terem se elevado. Nesta linha de raciocínio, será apresentado o conceito de “cifras negras”, termo utilizado pela doutora Emanuele Ivone, para as explicar as subnotificações existentes em contraponto ao nítido aumento de casos de mulheres que sofreram violência doméstica na pandemia mas que tiveram dificuldade de realizarem denúncias no momento pandêmico por estarem justamente confinadas ao lado dos agressores.

Encontram-se também nessa situação grande parte da população LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais e assexuais), desta forma, o capítulo Um olhar sobre a Queerentena dos LGBTQIA+ na pandemia, demonstrará que pandemia do COVID-19 foi também marcante e teve um impacto significativo para as pessoas LGBTQIA+ que também sofreram e vivenciaram o aumento da violência de gênero e violência doméstica, acarretando por consequência grande sofrimento mental.

Para cumprir os objetivos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas no período de novembro de 2021 e novembro de 2022, com dez mulheres brasileiras que residiam no estado de Minas Gerais, mais precisamente nas cidades Belo Horizonte e Nepomuceno, dentre as quais foram contempladas oito subamostras, com perfis variados, com filhos e sem filhos, casadas e solteiras de diferentes profissões e escolaridades. Foram utilizadas fontes documentais através de livros, artigos da CAPES, matérias de jornais, revistas, que contribuíram para o levantamento de dados estatísticos e informações sobre a pandemia do Covid-19 com o recorte da interseccionalidade que foram fundamentais para a satisfação dos objetivos do estudo.

Em relação ao método, a pesquisa foi realizada por meio de amostragem não probabilística, simples e do tipo bola de neve, haja vista que houve cooperação de uma entrevistada indicando outra para compor o estudo. Todas as entrevistadas viveram no contexto da pandemia do Covid-19 no Brasil e relataram que sofreram externalidades da pandemia na esfera familiar, psicológica e econômica. O método qualitativo através da entrevista semi estruturada pode confirmar diferentes perfis de mulheres entrevistadas que vivenciaram a pandemia e trouxeram relevantes falas que foram de encontro com os estudos apresentados.

Acerca das perguntas das entrevistas, estas foram no sentido de relacionar às implicações do Covid-19 para que as mulheres pudessem expor os efeitos da pandemia do Covid-19 em relação a seus empregos, vivência familiar, meio social, e também perguntas relacionadas às suas impressões sobre o auxílio do governo, entidades não governamentais e se estão amparadas por alguma política governamental do controlo da pandemia. Não houve relatos de violência doméstica entre as amostras coletadas, diferente dos dados apresentados ao longo da dissertação de acordo com a pesquisa bibliográfica, o que não exclui o alto índice de violência doméstica vivido pelas mulheres e pela população LGBTQIA+.

Desta forma, a pandemia do Covid-19 foi devastadora para a população mundial. Milhares de mortes, alteração modos de vida, trabalho, desempregos e saúde mental afetada pelo medo do desconhecido vírus, sobretudo em relação às pessoas vulneráveis, negras e mais pobres que não tiveram recursos suficientes para cumprirem a quarentena com privilégios sociais. Entretanto, a situação pandêmica foi ainda mais devastadora quando se afunila a camada vulnerável para a tríade: género, classe e raça, isto porque estudos vão demonstrar que as mulheres foram as pessoas que mais sofreram os impactos e as externalidades negativas da pandemia, principalmente mulheres negras e de classe social menos privilegiada, que além de todos os impactos psicológicos, sociais e familiares vividos por todas do género, foram as mais prejudicadas em relação à esfera econômica.

1. Enquadramento: Interseccionalidade e as diferentes quarentenas na pandemia do Covid-19

Antes de adentrar no tema sobre a Pandemia no Brasil e seus Impactos sobre o Género Feminino, é importante conceituar e destrinchar que seria interseccionalidade e qual sua relação com os objetivos da pesquisa, tendo em vista que esta palavra que está em constante evolução, está intrinsecamente relacionada aos impactos sofridos pelas mulheres principalmente quando se afunila as interseções da tríade: género, raça e classe social, com as experiências de discriminações e opressões vividas em uma sociedade com pilares de base sexista, machista e racista, que privilegia o cisheteropatriarcado, invisibilizando o direito das minorias vulneráveis na sociedade.

A palavra interseccionalidade em si não está definida no dicionário da língua portuguesa, a etimologia aponta que sua origem nasce da interseção. E o que seria a interseção? De acordo com

o dicionário Michaelis, a interseção se refere ao ponto de encontro de linhas que se cortam pelo cruzamento.

O conceito matemático se refere à "operação por meio da qual se obtém o conjunto formado pelos elementos comuns a dois outros conjuntos".² Mas não é objeto desse estudo aprofundar em teorias matemáticas e sim a visão sociológica do termo. Através de uma representação geométrica, o conceito sociológico da interseccionalidade pode ser representado por interações e marcadores sociais dos quotidianos das minorias, resultantes do cruzamento dos conceitos de gênero, raça/cor e classe/origem, em que juntos convergem para um entroncamento, formando, a interseccionalidade, ou seja, "um sistema de opressão interligado"³, podendo ser representado da seguinte forma:

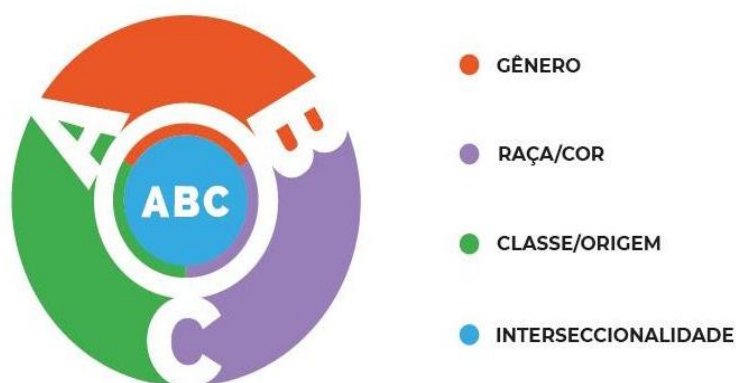


Figura 1: Conceito sociológico da interseccionalidade

No que se refere ao gênero feminino, vale dizer que tal referência vai muito além da definição biológica, trata-se de uma construção cultural que não se delimita apenas na mulher *cis* gênero, envolve também as homossexuais, transgênero, transexuais e travestis. Neste sentido imperiosa a definição de Judith Butler:

Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a

²MICHAELIS. (Sem ano). Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa – Interseção. Site UOL Brasil. Acessado em setembro 10, 2022, em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=interse%C3%A7%C3%A3o&r=0&f=0&t=0>

³ AKOTIRENE, Carla. (2020, p. 21).

biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (Firmino e Porchat, 2017).

Em relação à classe e raça, Collins e Bilge (2020) defendem que as estruturas interseccionais de gênero, raça, sexualidade, capacidade, cidadania se inter-relacionam de forma justaposta a resultados no processo de disparidades de rendas contribuindo para a desigualdade social e econômica, influenciando as mudanças na estrutura do pensamento da sociedade em relação ao emprego, riqueza e indicadores de desigualdades sociais e econômicas, demonstrando como exemplo, as diferentes formas de mercado de trabalho, benefícios sobre aposentadoria, seguridade social, benefícios relacionados à saúde, salários que incidem de forma diferentes para cada grupo social, destacando no texto pessoas negras, jovens advindos de regiões rurais, pessoas sem documentos pessoais dentre outros que enfrentam barreiras sociais para terem acesso aos benefícios e boas remunerações.

As autoras sabiamente interligam os conceitos (classe, raça, gênero), chamando atenção para as desigualdades sociais, fruto de sociedades neoliberais que usufruem da exploração de classe para obter lucro em benefício de uma pequena camada da sociedade, patriarcal, racista e cisheterossexista. Em contrapartida, apontam que as políticas públicas voltadas para o bem estar social e ampla participação da população, são utilizadas como instrumentos para tentar diminuir as diferenças sociais, através de medidas para mitigar as discrepâncias oriundas das desigualdades econômicas, nas palavras de Arthena Matua:

Quando ativistas de direitos civis falam sobre raça, aprendem que precisam pensar também em classe. Quando as feministas antirracistas tratam dos problemas relativos ao racismo de gênero, também devem incluir classe. Portanto... ao formular a desigualdade de classe, devemos ter em vista também raça e gênero. *O capital é interseccional*. Ele sempre intersecciona os corpos que produzem o trabalho. Logo, o acúmulo de riqueza está incorporado nas estruturas racializadas e engendradas que o aumentam. (Collins e Bilge, 2020).

É importante frisar que a raça tem um significativo destaque no entroncamento do gênero e classe, isto porque, a invisibilidade da mulher negra somada às discussões de gênero, raça e

classe/origem há muito fazem parte das feridas abertas do “racismo estrutural”⁴ associado ao cishetropatriarcado.

Através de uma entrevista realizada por um grupo de intelectuais, com Patrícia Hill Collins em 2021, através da Revista publicada pela Universidade de São Paulo, foi trazido à lume uma importante reflexão acerca dos conceitos pormenorizados de raça, classe e cor quando se trata de interseccionalidade, isto porque nas palavras da autora todos nós estamos situados em uma teia de relações simultâneas que podem privilegiar ou penalizar o indivíduo, de acordo com a posição social ocupada por cada pessoa, por isso, classe, raça e cor não podem ser analisadas de forma separada, são entidades interconectadas. Neste contexto:

Tratar a interseccionalidade como um quadro de referência que diz respeito primeira ou unicamente à experiência das mulheres de cor, das pessoas negras, das minorias sexuais, dos pobres, jovens e politicamente excluídos é a expressão de uma perspectiva que costuma representar esse tipo de conhecimento como particularista e não universal, ou que reconhece a sua utilidade apenas quando trata das preocupações preexistentes da elite. Uma tal perspectiva teórica confere utilidade às culturas e experiências desses grupos apenas quando provêm dados para as teorias formuladas por grupos da elite, ou quando tais teorias se atêm às particularidades da subordinação. As duas presunções deixam subteorizados a dominação e o privilégio, assim como as hierarquias de poder em que se sustenta o próprio conhecimento ocidental. (Guimarães e Acciari, 2021).

As mulheres negras sempre tiveram uma marcante atuação no abolicionismo e feminismo afro-americano levantando importantes debates e olhares acerca da necessidade de debater sobre gênero e raça:

Sojourner Truth foi buscada como ancestral inspiradora para o feminismo negro afro-americano pela ativista e acadêmica Angela Davis em 1981, no livro *Mulher, raça e classe*. Davis, assim como Audre

⁴ O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coibam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas” (Souza J. . Silvio Rodrigues citado por Jessé de Souza - *Como o racismo criou o Brasil* . 2021)

Lorde, protagonizou com as mulheres negras as primeiras reivindicações de um movimento que ganharia visibilidade principalmente a partir dos anos 1970. Em paralelo aos movimentos sociais e de contracultura que abalaram o final da década de 1960 em algumas partes do mundo, o ativismo das mulheres negras marcava seu lugar. A base daquela pirâmide começava a apresentar suas primeiras fissuras de fato mais visíveis.” (Veiga, 2020, p. 6)

Entretanto, em 1989, nos trilhos dessa luta, Kimberle Crenshaw⁵, foi a primeira a cunhar o termo interseccionalidade, quando publicou um artigo no Fórum Legal da Universidade de Chicago intitulado "Demarginalizando a Intersecção entre Raça e Sexo". Para Crenshaw, a interseccionalidade cuida de tratar especificamente “o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.” (Veiga, 2020). Neste sentido:

é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Assis, 2019,p.20)

A interseccionalidade pode ser associada a outros gêneros, como ocorreu nos Estados Unidos, quando utilizaram de esteriótipos racializados relacionados ao gênero masculino relacionando tais corpos a comportamentos violentos racionalizando o linchamento de homens afro-americanos.(Crenshaw, 2002)

⁵ Kimberle Crenshaw é professora de Direito e pesquisadora da teoria crítica da raça, leciona na Escola de Direito de Harvard, L.L.M. Universidade de Wisconsin, Universidade da Califórnia, Los Angeles, B.A. Universidade de Cornell.. Acessado em 10, dezembro, 2022. <https://www.law.columbia.edu/faculty/kimberle-w-crenshaw>.

Crenshaw, entende ainda que a interseccionalidade é concomitantemente a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não de forma exclusiva para as mulheres negras, mesmo porque as mulheres não negras também devem pensar de modo articulado todas as experiências identitárias. (Akotirene,2020). Desta forma, Hirata acrescenta:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais. (Hirata,2014, p.70).

Assim, como Audre Lorde destaca que não há hierarquias de opressão, Patrícia Collins, assevera que a interseccionalidade é uma ferramenta multifacetada através do lugar de fala de cada indivíduo para entender as múltiplas opressões a partir de suas experiências. Para tanto, torna-se relevante estabelecer alguns pontos: a) interseccionalidade é uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões; b) a interseccionalidade não estabelece uma hierarquia ou somatória de opressões; c) o lugar de fala de cada indivíduo é multirreferenciado a partir de suas experiências (Assis, 2019).

O sentido do conceito de interseccionalidade é entendido a partir de uma metáfora de encontro de avenidas, onde os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas, que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos, e é através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. De acordo com Crenshaw (2002), “as mulheres racializadas freqüentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. (Barbosa, Lanna, Lima, Santos e Andrade, 2020)

Desta forma, vale dizer que a interseccionalidade é fruto de um constante “devir⁶” multifacetado em caminhos opostos a relação de poder, pertencem a eixos de subordinação que obrigatoriamente partem de sistemas discriminatórios que criam desigualdades contra corpos de determinado gênero, raça/origem, classe, dentre outros, que pertencem a eixos de subordinação. Ela deve ser utilizada como ferramenta da justiça analítica contra o sistema que gira em torno da imposição do cisheteropatriarcado. Não é atoa que a tais conceitos são colocados à frente nas escrituras⁷ de muitas autoras e autores como Kimberlé Williams Crenshaw(2002), Patrícia Hill Collins (2020), Angela Davis(2016), Carla Akotirene(2020), e Conceição Evaristo (1994), termo utilizado sabiamente por Evaristo, para transcrever o cotidiano, injustiças e trajetórias de vida e sofrimento por ser mulher, negra e periférica.

Esclarecido o conceito de interseccionalidade, necessário se faz relacionar o que o sujeito interseccional tem a ver com a pandemia do COVID-19 no cenário brasileiro. De acordo com estudos, ficou comprovado que as mortes relacionadas à pandemia do Covid-19 são superiores em pessoas negras se comparadas às brancas e às pardas, (Isis, 2021). Este fenômeno ocorre devido às condições de acesso à saúde e condições de trabalho, pelas desigualdades sociais e marcadores interseccionais do país que ultrapassam gerações.

Ademais, além dos dados de mortalidade, ficou demonstrado ainda que o Covid-19 teve um peso diferenciado quando o sujeito é pessoa vulnerável fruto do cruzamento de gênero, raça e classe, tornando-se muito mais penoso para os corpos interseccionais em comparação aos demais, que não são marcados pelas externalidades negativas de uma sociedade machista, racista

⁶ No “devir da interseccionalidade”, a identificação é um processo e a identidade é um evento (PUAR, 2013, p. 360): a ênfase é no movimento, nas conexões das relações, em vez da inércia, o que gera a necessidade de se localizar epistêmica e socialmente. (Pereira, Flávia Souza Máximo; Bersani, Humberto. (2020, novembro). Crítica à interseccionalidade como método de desobediência epistêmica no Direito do Trabalho brasileiro. Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro. Acessado em 07, julho, 2022: <https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/cr%C3%ADtica-%C3%A0-interseccionalidade-como-m%C3%A9todo-de-desobedi%C3%Aancia-epist%C3%Aamica-no-direito-do>)

⁷A palavra escrituras é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos. A ideia de juntar escrita e experiência de vida está em vários textos ligados à literatura contemporânea[...]Evaristo se apropria do termo para elucidar seu fazer poético e lhe fornece contornos conceituais. Traçando a trajetória do termo, podemos partir do texto de 2005 publicado pela Editora Universitária da UFBA, referente a uma conferência dada dois anos antes na mesma faculdade intitulado —Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. Nele, há uma definição que acaba por se aplicar a toda uma geração de escritoras negras que imprimem em seu texto o desejo de que as marcas da experiência étnica, de classe ou gênero estejam realmente representadas no corpo do texto literário. (Cortes, Cristane Felipe Ribeiro de Araujo - AS PONTAS DE UMA ESTRELA: POÉTICAS DO SILÊNCIO EM MACABÉA E PONCIÁ). Acessado em 07, outubro, 2022. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-ATBPKJ>

e classista. Assim, a interseccionalidade afeta a vida dos sujeitos pertencentes a esse cruzamento em todas as esferas de suas vidas. É o que será estudado no próximo capítulo e demais capítulos.

2. As diferentes quarentenas. A pandemia foi a mesma para todos?

O termo pandemia significa segundo o dicionário⁸ doença epidêmica de ampla disseminação, “o sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível.” (Santos, 2020), o livro explica que “Pandemia é, por definição, um fenômeno ou acontecimento sanitário de impactos globais e extensão transnacional, mas suas ressonâncias na vida das pessoas e grupos – considerando os marcadores de raça/cor, etnia, gênero, geração, renda/classe, território, escolaridade, deficiência – são desigualmente distribuídas.” (Moreira e Dias, 2021, p. 49)⁹, e de fato, o novo coronavírus, que surgiu no final de 2019, é sem dúvida uma doença de alta disseminação que atingiu cerca de 1.662.792 mortos resultantes de mais de 74,8 milhões de casos de infecção em todo o mundo, conforme um levantamento feito pela agência francesa AFP. (Agence France-Presse, 2022), trazendo para o mundo uma das maiores pandemias vividas pela humanidade e a maior dos últimos tempos.

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas. (Organização Mundial de Saúde, 2019, sem paginação).

Em meio ao avanço de toda ciência, a única recomendação dos órgãos mundiais de saúde foi manter o isolamento social, usar máscaras e o álcool em gel, higienizar as mãos, fazer *home office* e realizar quarentenas, “as recomendações da OMS parecem ter sido elaboradas a pensar numa classe média que é uma pequeníssima fração da população mundial.” (Santos, 2020). No

⁸ MICHAELIS. (Sem ano). Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa – Pandemia. Site UOL Brasil. Acessado em janeiro 17, 2021, em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=G9Qdx>

⁹ <https://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320.pdf>. Acessado em 27 de fevereiro de 2023.

início a maior parte da população imaginou que seria uma breve crise e que logo tudo voltaria ao normal. Entretanto a crise perdurou e a cada dia mostrou uma faceta diferente... *“A crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas.”* (Santos,2020)

A respeito da quarentena, vale dizer que *“qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros”* (Santos, 2020) e esta tem uma variação absurda cuja determinante se faz pelo nível financeiro do indivíduo. *“a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática.”* (Santos,2020).

O livro *A Pedagogia do Vírus*, ensina que existe um grupo de pessoas com vulnerabilidades sociais acirradas na quarentena, houve um aumento da exploração capitalista, a discriminação sexual e racial. Boaventura de Sousa Santos define que os vulneráveis são as mulheres, os trabalhadores precários, informais, autônomos, moradores de rua, moradores de periferias pobres, moradores de favelas, os internos em campos de refugiados, imigrantes sem documentos, indígenas, negros, deficientes e os idosos...

A covid-19 evidenciou as desigualdades sociais e econômicas no Brasil e no mundo. Por aqui, a falta de políticas públicas e de acesso a serviços básicos, como saneamento e saúde, agravou a situação dos mais pobres. No país, mais de 13 milhões de pessoas vivem em comunidades sem saneamento básico, postos de saúde e mobilidade urbana adequados. Essa realidade torna-se ainda mais impactante quando pensamos que milhões de pessoas vivem sem as mínimas condições de isolamento social, higiene e alimentação. (Organização Humanitária. OXFAM Brasil, 2020).

Inicialmente é importante contextualizar que no Brasil, a questão sócio econômica está imbricada à raça. “Essas condicionalidades se acumulam e se inter-relacionam em um cenário de crise sanitária como no caso da pandemia da Covid-19. Elas precisam ser consideradas no enfrentamento da pandemia.” (Santos et. al., 2020). Um estudo da USP¹⁰, apontou que a maior

¹⁰ USP. (2022, junho). A desigualdade racial no Brasil. Site Comissão de Direitos Humanos – Apoio às disciplinas da Universidade de São Paulo. São Paulo. Acessado em novembro 14, 2022, em: <https://edisiplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=3010086&forceview=1>

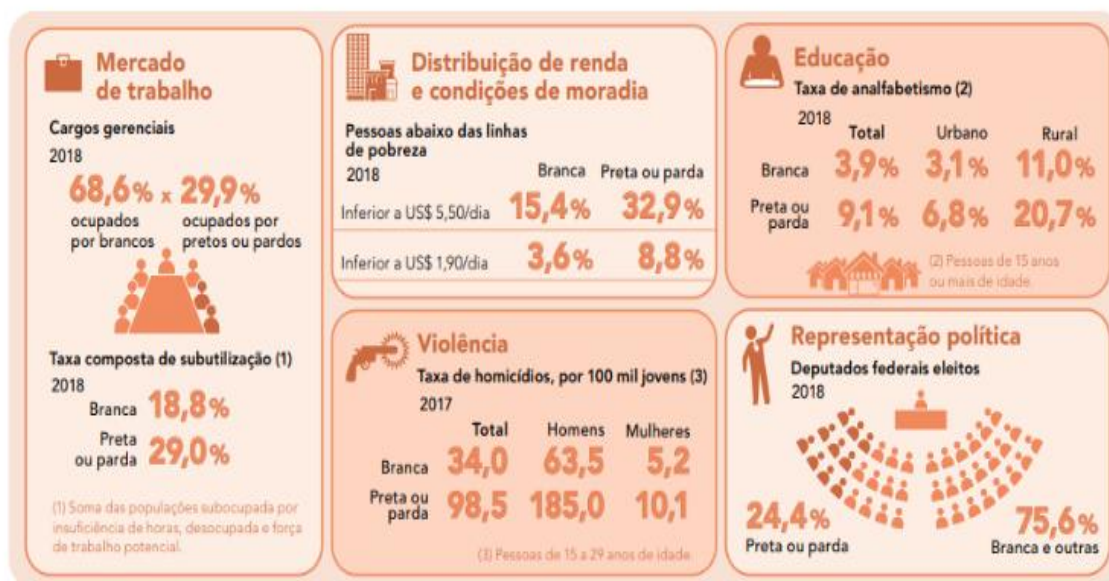
parte da população que vive em pobreza extrema declara-se como negra e parda. Os dados foram baseados na pesquisa sobre Desigualdade Social por Cor e Raça no Brasil, através do IBGE¹¹.

Ademais, foi observado que havia um maior padrão de infecção em bairros ricos e brancos em relação aos pobres e negros, entretanto, os índices de mortalidade eram maiores nos bairros pobres e negros, “relacionado com o tratamento e não com a possibilidade de ser exposto ao vírus também varia racialmente, impactando desproporcionalmente de forma negativa negros indicando uma negativa de direitos informada por classe e raça.” (Conceição, 2021)

Estudos sobre a demografia e as condições socioeconômicas da população evidenciam o perfil social da população brasileira (IBGE 2019) como majoritariamente negro, estando fortemente impactado pelas privações sociais, de moradia, saneamento, educação, emprego e renda. Ademais, dados de mortalidade, morbidade, incapacidade, acesso a serviços, qualidade da atenção, condições de vida e fatores ambientais são métricas utilizadas na construção de indicadores de saúde, que se traduzem em informação relevante para a quantificação e a avaliação em saúde. (Batista et al., 2004).

No quadro abaixo, através de uma entrevista realizada pelo IBGE, que fez um levantamento de dados sobre os indicadores sociais do mercado de trabalho, distribuição de renda, educação, violência e representação política, foi constatado entre os entrevistados que a população negra e parda fica aquém da população branca em relação ao mercado de trabalho, distribuição de renda, condições de moradia, educação e representatividade política. Entretanto, no que se refere à violência (homicídios entre jovens), os negros e pardos possuem números extremamente elevados, em comparação a população branca. É o que pode ser visto na representação abaixo, nos anos de 2017 e 2018:

¹¹ A inclusão do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde é de competência das esferas de gestão do SUS, e a publicização de relatórios sistematizado acerca contendo informação desagregada por raça/cor passou a ser obrigatório a partir da publicação da Portaria n.344 do Ministério da Saúde em 2017 (BRASIL, 2017) - SANTOS, Márcia Pereira Alves dos. et. al. (2020, julho). População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. Revista Estudos Avançados. São Paulo. Acessado em outubro 17, 2022, em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LnkziXxJSJFbY9LFH3WMOHv/?lang=pt#ModalFigch1>



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Figura 2: Indicadores Sociais Mercado de Trabalho, Distribuição de Renda, Educação, Violência e Representação Política. Fonte IBGE

Contextualizando com a pandemia do COVID-19, o tema interseccionalidade vem à tona porque o vírus é muito mais cruel para as camadas mais vulneráveis, que sofrem diretamente com a “*à polícrise sanitária, social, política, econômica, moral*” (Santos, Nery, Goes, Silva, Batista, Araujo, 2020). Em relação a raça, um estudo realizado pela USP constatou que mesmo realizando as mesmas ocupações, os negros tendem a ter condições mais vulneráveis para a realização de suas atividades laborais, acesso à saúde, moradias mais insalubres, ou histórico de baixa qualidade nutricional e no Brasil, mulheres negras têm maior mortalidade por covid que qualquer grupo na base do mercado de trabalho, mesmo dentro da mesma ocupação. (USP, 2021)

Pessoas sem contrato formal de trabalho representam quase metade da força produtiva do país. E as opções se tornam quase sempre escassas: em plena crise, a maioria precisa escolher entre trabalhar e se expor ao vírus ou seguir as recomendações de quarentena e não ter dinheiro no fim do mês. Para aqueles que vivem em comunidades com becos fechados, sem saneamento básico ou com abastecimento irregular de água, lado a lado com centenas de vizinhos em igual situação de exclusão social, manter distanciamento e seguir as orientações de higiene são tarefas difíceis. (Betim, 2020).

O perfil de grupo de risco de morte deixou de ser vinculado a elementos como idade, doenças pré-existentes e imunodeficiência e passou a se relacionar com as interseções sociais construídas

com o decorrer da história associado à negativa de direitos básicos para pessoas socialmente vulneráveis (Isis, 2021). Neste sentido, a pandemia aumentou ainda mais a situação de grupos vulneráveis que sofrem discriminações estruturais.

Assim, Hermano Castro, diretor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, assevera que a situação de vulnerabilidade social força moradores de favelas a saírem de casa para trabalhar, agravando o problema. " *Há pessoas mais vulneráveis, que precisam de sustento e não conseguem ficar em quarentena. As pessoas se aglomeram para buscar algum tipo de recurso.*" (Herculano, 2020). No mesmo sentido, o Dossiê da Revista eletrônica na edição sobre "A nova pandemia e as velhas relações coloniais, patriarcais e racistas do capitalismo brasileiro, destaca:

Na cidade de São Paulo, jovens trabalhadores/as desempregados/as ou que precisam trabalhar fora de casa são os/as mais infectados/as pelo novo coronavírus. Aqui também, enquanto brancos/ as têm 8,1% de chances de se infectarem, as estatísticas revelam que os riscos são maiores para pretos/as e pardos/as, cujas probabilidades de contraírem a Covid-19 sobem para 14,8%. Outro dado revelador: pessoas brancas também são maioria entre as que puderam ser internadas, mas minoria entre as mortas (Sandes, 2020). Retrato de um Brasil em preto e branco que guarda estreita relação com o desenvolvimento do capitalismo dependente, de via colonial, com relações sociais de produção ancoradas na escravidão e na violência patriarcal. (Faustino e Gonçalves, 2020)

Vale ressaltar que a primeira morte pelo COVID aconteceu em São Paulo, no dia 17 de março de 2020¹², levando a óbito um porteiro, trabalhador de um prédio situado na Zona Sul de São Paulo, bairro Paraíso, um dos mais nobres da grande metrópole.

Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões, etc. Realizam tarefas que envolvem mais riscos, quer porque trabalham em condições

¹²ONU. (2020, junho). Nota técnica: VULNERABILIDADES DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL. Organização das Nações Unidas – ONU Mulheres. Brasil. Acessado em 14, maio, 2022: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/06/213247_NT_Disoc-N_75_web.pdf

que não lhes permitem proteger-se, quer porque são cuidadoras da vida de outros que têm condições para se proteger.(Santos, 2020)

Em sequência, no Rio de Janeiro, outra trabalhadora foi vítima do vírus. Trata-se de uma empregada doméstica, idosa, negra e periférica, que trabalhava em uma casa de família no bairro Leblon, um dos bairros mais nobres da cidade. A vítima teve contato durante o seu trabalho com a patroa que havia voltado da Itália e ficou de quarentena ao testar positivo para o Covid-19, mas se recusou a dispensar a aludida empregada, que acabou falecendo ao contrair o vírus. Assim como esta vítima, muitos trabalhadores foram expostos ao vírus, é o que pode ser explicado pela Organização Humanitária, OXAN Brasil em uma matéria online sobre reflexões de raça e gênero:

Muitas trabalhadoras e trabalhadores continuaram circulando pelas cidades, já que suas funções não podiam ser feitas de casa. São milhares de pessoas empregadas como babás, domésticas, motoristas, profissionais da linha de frente da saúde, etc. Ou trabalhavam, ou eram demitidos. Essa grande parcela da população é composta, sobretudo, por mulheres negras, que mesmo antes da pandemia já reunia os piores índices quando o assunto é direitos humanos. (Organização Humanitária. OXFAM BRASIL, 2020)

Durante a pandemia do Covid-19, muitos precisaram escolher entre trabalhar e se expor ao vírus ou seguir as recomendações da OMS. Estudos elaborados pela Fundação Instituto de Administração, demonstraram que o home office foi escolhido por cerca de 46% das empresas, e de acordo com os os dados do Pnad Covid-19 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), 67% dos trabalhadores sofreram dificuldades com o teletrabalho, confirmando que a pandemia aumentou o abismo social entre grupos de trabalhadores intelectuais e aqueles que exercem atividades no setor de serviços, reforçando ainda mais a desigualdade, contribuindo para a exclusão de trabalhadores no mercado de trabalho. (Agencia Brasil, 2020). Ademais, de acordo com os dados do IBGE, levantados pela Organização Humanitária, houve grande desnível em relação a taxa de desemprego entre brancos e pretos, configurando o pior índice desde 2012. Neste sentido:

Enquanto o índice para pretos está em 17,8% e para pardos, 15,4%, a taxa para brancos fica em 10,4%. Isso se deve à pandemia que atingiu principalmente as atividades com maior participação da população negra e parda: comércio, trabalho doméstico, serviços e construção civil.

O impacto também foi grande no setor informal, que é composto majoritariamente por pessoas negras.(OXFAM BRASIL, 2020).

Ademais, o serviço braçal não é abrangido pelo home office, outra pesquisa realizada pelo Datafolha (C6Bank notícias, 2020) mostrou que as classes A e B foram as que mais aderiram ao home office, totalizando 52% de trabalhadores, e apenas 29% pertencentes da classe C e 26% das classes D e E, alertando ainda sobre a interseccionalidade na pandemia, sobretudo nas desigualdades de gênero, classe e cor da pele. (Barbosa, Lemos, Mozato, 2020) .

Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões, etc. Realizam tarefas que envolvem mais riscos, quer porque trabalham em condições que não lhes permitem proteger-se, quer porque são cuidadoras da vida de outros que têm condições para se proteger.(Santos, 2020)

Assim, para os trabalhadores informais e precários a situação é muito mais complexa, “arriscarão desobedecer à quarentena para dar de comer à sua família? Como resolverão o conflito entre o dever de alimentar a família e o dever de proteger as suas vidas e a sua desta? Morrer do vírus ou morrer de fome, eis a opção.” (Santos, 2020).

Num país que tem a segregação espacial como um dos aportes fundamentais para a consecução histórica do que tem sido entendido como um genocídio contra o povo negro, é visível como o isolamento social tem sido vivenciado como uma marca de privilégio. Claramente, o isolamento como forma de segurança e proteção à saúde tem sido experimentado pelas classes médias e altas. Para esses segmentos sociais, apesar dos inevitáveis inconvenientes, tem sido facultado o recolhimento dentro de suas residências, com a possibilidade da realização de compras online, de trabalho remoto, do uso de máscaras apropriadas, do uso sistemático de álcool gel, dentre tantas outras medidas necessárias para a preservação da saúde(Flauzina e Pires, 2020)

No Brasil, a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito)¹³ da COVID, apontou que o governo priorizou a economia à saúde no combate à pandemia. A campanha publicitária sobre vacina somente foi efetivada após investigação iniciada pelo Senado. Acerca do assunto, o jornal El País Brasil, publicou de forma eletrônica que a comunicação do Governo priorizou economia à saúde no combate à pandemia, de acordo com documentos da CPI:

Um extenso relatório elaborado pelo Ministério das Comunicações a pedido da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia mostra que o Governo Jair Bolsonaro preferiu divulgar ações que o Executivo realizou na área da economia do que na de saúde durante o combate à pandemia de coronavírus entre os meses de março de 2020 e abril de 2021. Das 2.596 postagens do Governo em seus canais oficiais, 64% (ou 1.648) se referiam à preocupação do Governo com empregos, renda e auxílio emergencial, e 36% (948) tratavam de entregas feitas na área de saúde, dos repasses de verbas obrigatórios aos Estados e Municípios, das medidas de prevenção e da compra de vacinas.” (Benites, 2021).

O auxílio emergencial¹⁴, instituído pelo Decreto 10.661 de 2021, regulamentado pela Medida Provisória nº 1.039, de 18 de março de 2021, foi um benefício no valor de R\$ 600,00 (seiscentos reais), instituído com o objetivo de garantir uma renda mínima para os brasileiros em situação de vulnerabilidade durante a pandemia do Covid-19, sendo pagos para até duas pessoas em uma mesma família pelo período de três meses (podendo ser prorrogado por ato do Poder Executivo), com os seguintes requisitos: ser maior de 18 anos; não ter emprego formal (não pode ter carteira assinada); não ter benefício previdenciário ou assistencial, exceto Bolsa Família; renda familiar de ½ até três Salários Mínimos.

¹³ Art. 58. O Congresso Nacional e suas Casas terão comissões permanentes e temporárias, constituídas na forma e com as atribuições previstas no respectivo regimento ou no ato de que resultar sua criação. [...]§ 3º As comissões parlamentares de inquérito, que terão poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, além de outros previstos nos regimentos das respectivas Casas, serão criadas pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em conjunto ou separadamente, mediante requerimento de um terço de seus membros, para a apuração de fato determinado e por prazo certo, sendo suas conclusões, se for o caso, encaminhadas ao Ministério Público, para que promova a responsabilidade civil ou criminal dos infratores. [...] CR/88 - BRASIL. (1988). Constituição - 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal. Acessado em: 10, julho, 2022, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

¹⁴ <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.661-de-26-de-marco-de-2021-310836042>. Acessado em 02 de abril de 2023.

Ocorre que, apesar de ter sido criado com o objetivo de garantir uma renda mínima a pessoa em vulnerabilidade social durante a crise pandêmica, um estudo realizado pelo Grupo Primeira Infância, do Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS) da Ufes, concluiu que o auxílio é insuficiente para suprir as necessidades básicas e já existentes daqueles que não recebem outros benefícios do governo. (Alexandre, 2021)

Ademais, segundo o estudo da Ufes, a necessidade de um novo cadastro para recebimento do benefício mostra a realidade da política de assistência social brasileira, visto que 41% dos assistidos estavam fora dos programas sociais. “Trata-se de uma parcela do povo que já é historicamente desprotegida, e sofre ainda mais os efeitos da pandemia. (Alexandre, 2021)

O auxílio foi pago através do cadastramento do aplicativo do banco do governo Caixa Econômica Federal, CAIXATEM, que exigia CPF (cadastro de pessoas físicas) regular para cadastramento e recebimento do valor disponibilizado através da abertura da conta digital para recebimento do valor. Todo o procedimento para recebimento do auxílio foi de forma online, burocratizando e excluindo as pessoas mais vulneráveis que necessitavam do amparo do poder público, como moradores em situação de rua, moradores em áreas rurais, analfabetos que não contavam com a ajuda de pessoas para fazerem o cadastro, pessoas sem comprovante de residência e que foram deixadas de fora do programa diante das barreiras digitais e sociais.

De acordo com o Blog do Sistema Único de Saúde (SUAS, 2020), a situação foi minimamente sanada por assistentes sociais de prefeituras locais através “Centros Pop, dos CREAS, das Unidades de Acolhimento e/ou alojamentos provisórios e da Abordagem Social.” ou por meio de organizações não governamentais que atuam em favor de pessoas vulneráveis, como a ASPROMIG, pastorais e entidades filantrópicas.

Ainda sobre o assunto de exclusão, no que se refere a ausência de políticas públicas e acesso à saúde pública, para a contenção do vírus, equipamentos de oxigênio e obtenção de vacinas, importante trazer a lume o conceito de Necropolítica, termo cunhado pelo camaronês Joseph-Achille Mbembe (2018) que nunca esteve tão presente quando se refere a pandemia do COVID-19 no contexto brasileiro.

Neste mesmo sentido, Foucault (1999), filósofo francês, que antecede o pensamento de Mbembe, aborda o conceito de biopoder e biopolítica, destacando a forma como o governo gerencia e regula a população através de políticas sociais e mecanismos de controle, em uma espécie de seleção natural definindo quem permanecerá vivo, quem detém o poder, quem será submetido e quem vai morrer, em função do sistema, em uma engrenagem que gira em torno do

mais forte. Segundo Mbembe, para Foucault, o biopoder se faz através da divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer, em uma espécie de racismo, subdividindo a população em subgrupos. Neste sentido, (Furtado e Camilio,2016), destacam:

O racismo de Estado, perpetrado por nossas sociedades, distingue-se do tradicional ódio entre indivíduos, consistindo em um modo de purificação da população através da eliminação de determinados grupos étnicos. Um poder exercido por estruturas administrativas e de governo, que pressupõe a existência de um vínculo intrínseco entre a prosperidade e o extermínio. Deve-se entender esse extermínio não apenas como a derradeira aniquilação física, mas também “a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.” (Foucault, 1999, p. 306). Assim, para o racismo de Estado, “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (et al Foucault, 1999, p. 305).

No que se refere a divisão clássica de quem são as pessoas predestinadas a viver e aquelas à morrer, a Revista Le Mond Diplomatic Brasil, destacou um fala retirada do artigo sobre a pandemia de Débora Diniz, antropóloga e pesquisadora, afirmando que a biopolítica é usada pelo Estado como meio para regular e controlar a população, “toda biopolítica se torna uma necropolítica quando os governos e a sociedade determinam quem irá morrer ou viver. (Diniz, 2020)

Nesse sentido, importante trazer o ocorrido no supermercado do grupo WalMart na cidade de Wood River em Illinois, que denuncia o mais puro racismo horizontal em plena pandemia, ao identificar como suspeitos pelo simples fato de serem negros, dois homens que usavam máscara cirúrgica no supermercado, enquanto faziam compras, sendo retirados pelo agente do local sob a alegação de que não podiam usar máscaras naquele recinto, indo contra as recomendações das agências de saúde. Ademais, um grande número de afrodescendentes norte americanos sentem temor ao saírem nas ruas cumprindo as recomendações de segurança dos sanitaristas, “com o corpo todo coberto, olhos protegidos e máscara, o que os vulnerabiliza aos assédios dos policiais. No Brasil esse temor é também presente entre os homens negros.” (Conceição, 2021)

Esses episódios de violação horizontal de direitos, no contexto do deslocamento de epicentro da Pandemia de COVID-19, permitem que

ficou a atuação das ONGs e como seus trabalhadores e assistidos se adaptaram à pandemia” publicada em setembro de 2021, trouxe como exemplo o caso da ONG TETO, que inicialmente era conhecida no ramo de construção de casas emergenciais nas comunidades, e com a pandemia ampliou a atuação, passando a contribuir com o auxílio de alimentos para as comunidades. Importante registrar ainda que a TETO, juntamente com a FGV (Fundação Getúlio Vargas), apontou em um estudo realizado nas comunidades que atua, que 45% da população economicamente ativa não estava trabalhando e que 75% dos entrevistados também declararam estar ganhando menos do que no começo da pandemia, confirmando a importância do trabalho social de ações não governamentais como forma de amparo e proteção da população, quando não se pode contar com o amparo do governo. (Brasil, Freire e Vergasta, 2021).

Ademais, a TETO, possibilitou a entrega de 19.469 cestas básicas e arrecadou mais de meio milhão de reais, que além de máscaras e produtos de limpeza, levou para a Bahia, projetos de infraestrutura para o combate da doença, através de lavatórios, captação de água e posteriormente banheiros comunitários.(Brasil, Freire e Vergasta, 2021)

Da mesma forma, a revista ainda informou que o MSTB (Movimento Sem Teto da Bahia) colaborou com a distribuição de álcool 70 para a comunidade, além do Movimento, um grupo de voluntários da Oficina de Jesus também trabalhou no combate à fome através da entrega de cestas básicas em bairros carentes da cidade de Salvador e a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia realizou a entrega de kits de higiene, totalizando quatro mil sabonetes e dois mil e quinhentas máscaras para a proteção do Coronavírus, que segundo os representantes da Associação, foram medidas essenciais que contribuíram para evitar mortes em decorrência da doença.

Lado outro à miséria, existem alguns que não dependem de ações sociais e conseguem passar pela pandemia de forma mais segura e confortável. Essas pessoas possuem um falso sentimento de segurança, aliado ao poder de compra, se cercam de seguros, planos de saúde e bens de consumo inesgotáveis para suas comodidades, mas ainda assim estão sujeitos ao vírus, e fica a indagação “*se esse vírus pegasse somente os pobres teria tanta preocupação? Ou muita gente estaria feliz ?* (Collet, 2021).

Ainda que o vírus tenha sido mais letal para a classe mais empobrecida, é sabido que todas as camadas sociais foram atingidas, de modo que o mundo inteiro se voltou para a contenção e tentativa de erradicação do vírus. Bourdieu, em seu livro *Gostos de Classe e Estilos de Vida* menciona acerca da necessidade de consumo das classes privilegiadas versus as populares:

Onde as classes populares, reduzidas aos bens e às virtudes de “primeira necessidade”, reivindicam a limpeza e a comodidade, as classes médias, já mais liberadas da urgência, desejam um interior quente, íntimo, confortável ou cuidado, ou um vestuário na moda e original. Por serem muito arraigados, esses valores lhes aparecem como que naturais, evidentes e são relegados ao segundo plano pelas classes privilegiadas. (Bourdieu, 1930, p.85)

Segundo Faustino e Gonçalves (2020), o Covid-19 fez milhares de vítimas pelo mundo. Somente no Brasil, foram 34,6 milhões de casos e 685,300 mil mortes (Brasil, 2022), sendo São Paulo a cidade com mais casos (6,07 milhões) e falecimentos (174 mil falecimentos). Inicialmente, o vírus era visto como democrático, capaz de afetar qualquer pessoa sem distinção de sua posição social, mas com a chegada do vírus no Brasil, o vírus foi mais letal para as áreas mais precarizadas.

O Boletim Direitos na Pandemia, publicado através da difusão científica da Conectas Direitos Humanos e do Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), contextualiza as leis e direitos que envolvem o Covid-19, demonstrando que apesar de existirem mais de 3.049 (três mil e quarenta e nove) normas relacionadas à aludida pandemia, o Brasil ultrapassou o número de 614.186 mil mortes e mais de 22 milhões de casos, ignorando a extensa e legislação que poderia ser usada como meio para contenção do vírus.

As mortes e a intensa disseminação do vírus só tiveram um freio após o desenvolvimento da vacina. O Reino Unido foi o primeiro país do mundo a iniciar a campanha de vacinação em sequencia, no mesmo ano, 49 nações imunizaram seus povos e 41 destes também escolheram que a primeira dose fosse aplicada em uma pessoa do sexo feminino. (Fernandes, Farnese, Garcia e Demuru, 2021)

A vacinação chegou ao Brasil somente em 17/01/2021, data histórica marcada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) cuja aplicação da primeira dose também se deu em uma mulher, desta vez, a escolhida foi uma mulher negra e periférica, a enfermeira do Hospital Emilio Ribas, em São Paulo, Mônica Calazans. (Butantan, 2022) A escolha de uma mulher para a tão aguardada primeira dose no Brasil não foi uma coincidência, as mulheres estão na linha de frente cuidando não só dos seus (em casa), como também dos outros, como enfermeiras, cuidadora de idosos:

O maior estudo sobre o perfil da enfermagem no Brasil, realizado pelo Cofen/Fiocruz (2013), mostra que há, aproximadamente, 3,5 milhões de trabalhadores das diversas profissões da saúde, e a equipe de enfermagem compõe cerca de 50% destes trabalhadores, sendo que 86% desta equipe são mulheres, 0,6% (10.132) são indígenas e 53% (955.578) são negras e negros, que compõem 46,5% dos profissionais da enfermagem que atuam nos Serviços Públicos de Saúde no Brasil. Vale ressaltar que 47% dessa categoria que atua na rede pública afirma ter sofrido discriminação racial e 78,5% discriminação de gênero. (Alma Preta, 2020).

Em relação ao desemprego a pandemia do coronavírus foi mais cruel para negros e mulheres, é que foi comprovado através dos dados estatísticos coletados em novembro de 2020, através do IBGE: “a taxa de desocupação entre as representantes do sexo feminino foi de 17,2%, maior que a dos homens, de 11,9%. Na divisão por cor ou raça, 16,5% dos negros estão desocupados, enquanto os brancos têm 11,5% nessa situação.” (Lopes, 2020). Do mesmo modo, a dificuldade da população de rua que não possui casa, a precariedade sanitária para os moradores de periferias que vivem aglomerados e não tem condições de fazer isolamento, onde há casas com várias pessoas morando em um único cômodo; os deficientes, que diante das precárias mobilidades já sofrem isolamento social muito antes da pandemia do coronavírus. Os indígenas que sofrem com a vulnerabilidade econômica e sanitária.

Os desfavorecidos socioeconomicamente são representados por minorias raciais e étnicas que trabalham em empregos casuais e carecem de recursos financeiros necessários para o auto isolamento. Em contrapartida, uma elite cada vez mais pequena e seleta demonstra o poder do privilégio em uma pandemia, na qual os mais vulneráveis serão os mais atingidos.” (Estrela, 2020).

Ainda segundo Noam Chomsky, “*a ganância pelo lucro custa vidas humanas*”. Para ele, o sistema não tem interesse em evitar a crise e exemplifica sua fala com uma das maiores preocupações dos últimos tempos: a escassez de ventiladores, ele denuncia há alguns anos, o Department of Health and Human Services dos EUA estabeleceu que uma pequena empresa produzisse ventiladores a baixo custo e fáceis de usar, entretanto, esta empresa foi comprada por outra maior que desconsiderou o contrato sob o argumento de que os a produção desses

ventiladores não geram lucro suficientes para a empresa, ou seja, a ganância e o desejo implacável do lucro custam vidas humanas.(Stadler, 2020).

A ganância pelo lucro ainda que sacrifiquem vidas não ocorre somente nos EUA. Enquanto milhares morrem, os governantes e empresários se preocupam com a crise econômica e se esquecem do bem maior de um ser humano: a vida.

Esta é uma crise que afeta desproporcionalmente as pessoas pobres, com maior probabilidade de ter problemas de saúde, morando em moradias lotadas, carecendo de recursos para ficar em casa por longos períodos e trabalhando em empregos mal remunerados que os forçam a escolher entre arriscar a saúde de seus filhos ou a perda de renda.(Alves, 2020)

Lado outro, a crise econômica criada pela pandemia do novo coronavírus, atinge cruelmente os mais vulneráveis, *“pode aumentar o número de desempregados no mundo com a perda de quase 25 milhões de postos de trabalho, segundo uma avaliação da Organização Internacional do Trabalho, OIT”*. (ONU, 2019). O subemprego também aumenta, pois as empresas que não foram atingidas pela crise passam a trabalhar com reduções nas horas de trabalho e nos salários. Desta forma estudos comprovam que a pandemia acirrou o abismo social entre os pobres e os ricos:

Com essa falta de renda piorou mais ainda, para todas as comunidades, não só a nossa. Está impossibilitando algumas pessoas de poderem sair de casa para trabalhar, principalmente quem é autônomo. Mas temos conseguido doações através de alguns moradores, que têm mercearias aqui no bairro e ongs que ajudam muito a beneficiar os mais carentes da nossa população.(Colectivo Libertário,2020)

A Constituição Federal Brasileira, também conhecida como Cidadã promulgada em 1988, escrita com fundamento na dignidade da pessoa humana, que tem como objetivo erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais, bem como promover o bem de todos sem qualquer discriminação. Assim, A Constituição da República Brasileira de 1988, em seu artigo 6º garante a saúde como um direito social fundamental, e assegura em seu artigo 196º:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença

e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (Brasil, 1988).

Sob o mesmo fundamento a lei 13.714/2018, disciplina sobre a atenção integral à saúde de pessoas em vulnerabilidade/risco social/pessoal, garantindo direitos aos moradores de rua, pessoas sem residência fixa ou que moram em locais precários. Entretanto, o texto legal não foi suficiente para conter as milhares vítimas mortas no aguardo de leitos e oxigênio, carentes de amparo e estrutura pública, isto porque, apesar de ter como pressuposto no rol de fundamentos a promoção de bem estar a todos, sem distinção, o Brasil não se preparou para proteger os brasileiros do terrível vírus.

Em maio de 2020, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, foi realizada uma Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹⁵, em 295 residências, onde foi constatado que 62% dos profissionais da área da limpeza (Faxineiros, Coletores de lixo e Auxiliares) já foram internados pelo menos um dia em hospitais da Grande BH por COVID-19. É o que destaca a matéria *Limpeza vira profissão de risco na pandemia da COVID-19*, acrescentando ainda que dentre os mais internados, de acordo com o PNAD:

Aparecem os empregados domésticos, diaristas e cozinheiros, com 6,5% de participação nas internações de pelo menos um dia. Também um grupo de baixa renda e alta exposição a uma rotina com aglomerações e fontes de contaminação. O salário médio dessas pessoas que trabalham nas casas de outros é de R\$ 1.056 mensais. Na sequência, com 0,3% cada, apareceram os técnicos ou profissionais de saúde de nível médio, vendedores, caminhoneiros, entregadores de mercadorias e auxiliares de produção e o mesmo somatório de outras ocupações. (Via Comercial, 2021).

As pessoas mais atingidas pelo vírus são os trabalhadores da linha de frente, que no Brasil se dividem em sua maioria em negros, mulheres negras e pobres (pardos e negros). Os corpos que estão em contato direto com o vírus e não tem a opção de se isolarem são aqueles que ocupam profissões que estão na linha de frente e possuem uma exposição maior, necessitam do emprego, mas não tem escolha senão enfrentar o medo e arriscarem suas saúdes em troca de seus salários. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, diante da informalidade

e falta de fiscalização das relações do trabalho doméstico, somente 6% desses trabalhadores possuem proteção social completa. *“As trabalhadoras e os trabalhadores domésticos realizam uma importante contribuição para a sociedade, prestando cuidados vitais às famílias e aos domicílios, mas continuam a ser desvalorizados”*(OIT,2022)

A imposição do trabalho doméstico na quarentena demonstra a forma de como o corpo e a subjetividade das mulheres empregadas domésticas são alvejadas pela violência do racismo estrutural, que reduz a vida em objetos cuja utilidade é o trabalho. Uma vez que são retirados os direitos de as empregadas domésticas ficarem em casa para se proteger do vírus, e, de forma autoritária as colocam na atividade laboral está se produzindo o que Djamila Ribeiro identifica como desumanização da mulher negra, uma banalização da vida em nome do trabalho para a reprodução da economia capitalista. (Santos, 2021, p..38)

Neste sentido, o trabalho doméstico foi classificado pelo Ministério Público¹⁶ do Trabalho, como trabalho não essencial durante a pandemia, havendo orientação no sentido de que as trabalhadoras domésticas deveriam ser dispensadas e seus salários mantidos. Porém, foram raros os casos de manutenção de salários e dispensa no período da pandemia, resultando em demissões para os casos das trabalhadoras formais sem manutenção, dispensa do serviço sem manutenção do pagamento para as trabalhadoras informais. Nos seguintes termos:

Assim, o trabalho doméstico foi classificado pelo Ministério Público¹⁷ do Trabalho, como trabalho não essencial durante a pandemia, havendo orientação no sentido de que as trabalhadoras domésticas deveriam ser dispensadas e seus salários mantidos. Porém, foram raros os casos de manutenção de salários e dispensa no período da pandemia, resultando em

¹⁶ BRASIL. (2020). NOTA TÉCNICA CONJUNTA 04/2020 - Nota Técnica para a atuação do Ministério Público do Trabalho em face das medidas governamentais de contenção da pandemia da doença infecciosa (COVID 19) para trabalhadoras e trabalhadores domésticos, cuidadores ou vinculados a empresas ou plataformas digitais de serviços de limpeza ou de cuidado. Brasília. Acesso em 09, setembro, 2022: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica-no-4-coronavirus-1.pdf>

¹⁷ BRASIL. (2020). NOTA TÉCNICA CONJUNTA 04/2020 - Nota Técnica para a atuação do Ministério Público do Trabalho em face das medidas governamentais de contenção da pandemia da doença infecciosa (COVID 19) para trabalhadoras e trabalhadores domésticos, cuidadores ou vinculados a empresas ou plataformas digitais de serviços de limpeza ou de cuidado. Brasília. Acesso em 09, setembro, 2022: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica-no-4-coronavirus-1.pdf>

demissões para os casos das trabalhadoras formais sem manutenção, dispensa do serviço sem manutenção do pagamento para as trabalhadoras informais. Nos seguintes termos:

Garantir que a pessoa que realiza trabalho doméstico seja dispensada do comparecimento ao local de trabalho, com remuneração assegurada, no período em que vigorarem as medidas de contenção da pandemia do coronavírus, excetuando-se apenas às hipóteses em que a prestação de seus serviços seja absolutamente indispensável, como no caso de pessoas cuidadoras de idosas e idosos que residam sozinhos, de pessoas que necessitem de acompanhamento permanente, bem como no caso de pessoas que prestem serviços de cuidado a pessoas dependentes de trabalhadoras e trabalhadores de atividades consideradas essenciais nesse período (artigo 3º, § 3º, da Lei n. 13.979/2020); Garantir que trabalhadoras e trabalhadores domésticos sejam dispensados do comparecimento ao local de trabalho, com remuneração assegurada, pelo período de isolamento ou quarentena de seus empregadores (artigo 2º da Lei n.13.979/2020), caso tenham sido diagnosticados ou sejam suspeitos de contaminação da doença (artigo 3º, § 3º, da Lei n. 13.979/2020).(Ministério Público do Trabalho - Digital, 2019)

Imperioso registrar e jamais esquecer que, conforme citado alhures, uma das primeiras vítimas de morte pelo Covid-19 no Brasil foi Cleonice¹⁸, uma empregada doméstica negra, idosa e moradora periférica do estado do Rio de Janeiro se infectou ao ter contato durante o seu trabalho, no bairro Leblon, com a patroa, que voltou da Itália e testou positivo para o Covid-19. A patroa estava de quarentena, mas não dispensou a empregada do trabalho.

No país tropical, “abençoado por Deus”, a Covid-19 escancarou a profunda desigualdade na dinâmica das relações sociais. Aqui o vírus

¹⁸ Empregada doméstica, que trabalhava desde os 13 anos de idade, a companheira Cleonice Gonçalves foi a primeira vítima do coronavírus no Estado do Rio. Moradora de Miguel Pereira, centro-sul fluminense, enfrentava mais de 120 quilômetros para chegar ao seu local de trabalho, no Leblon, Zona Sul do Rio, onde morava durante a semana, com seus empregadores, que testaram positivo para a covid-19, antes de Cleonice ser infectada. [...] As mulheres negras, periféricas, as trabalhadoras que diariamente estão expostas nas ruas, são as que mais sofrem. - CAMTRA. (2021, fevereiro). Relembrar para não esquecer: Primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica. Site Casa da Mulher Trabalhadora. Rio de Janeiro. Acessado em outubro 10, 2022, em: <https://camtra.org.br/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>

chegou primeiro nas classes mais abastadas, às quais logo foi garantido um tratamento *vip-gourmet* nos chiques ambientes hospitalares, assegurados por seus pomposos planos de saúde. Enquanto o paciente zero se curava em famoso e caro hospital de São Paulo, vinha a óbito no Rio de Janeiro a primeira vítima da doença: uma empregada doméstica negra contagiada pela patroa branca, moradora do Alto Leblon – o bairro com o metro quadrado mais valorizado da cidade carioca. Esta, como o paciente paulistano, voltava da Itália (à época o epicentro da pandemia), mas não dispensou a trabalhadora doméstica e não respeitou a quarentena enquanto aguardava o resultado do teste para a Covid-19. (Gonçalves e Faustiano, 2020)

Aqui, vale uma atenção especial para as trabalhadoras domésticas, de acordo com a Nota Técnica, divulgada pela ONU Mulheres, sobre as Vulnerabilidades das Trabalhadoras Domésticas no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil existem 6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, dentre elas, é fulgente a falta de proteção social, em sua maioria são contratadas sem a carteira assinada e vivem de contratos informais por empregadores que burlam as relações trabalhistas, ou seja não possuem direitos trabalhistas como os outros trabalhadores formais, como direito à aposentadoria, auxílio maternidade, auxílio doença, horas extras férias, seguro desemprego, décimo terceiro salário. “*Os dados do primeiro trimestre da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2020 mostram que apenas 28% dos(as) trabalhadores(as) domésticos(as) do país possuíam carteira de trabalho assinada*” (ONU Mulheres, 2020).

No caso da contratação de trabalho doméstico, são mulheres, em geral, negras e pobres, com baixa escolaridade, que assumem o trabalho doméstico de famílias mais abastadas, possibilitando que os homens sigam se desresponsabilizando por este trabalho e que outras mulheres, em geral brancas e com maiores recursos, possam “resolver” sua sobrecarga de trabalho doméstico, tanto para a entrada no mercado de trabalho quanto para outros fins, entre os quais apaziguar eventuais tensões e conflitos causados por um estremecimento da divisão sexual tradicional do trabalho. A terceirização do trabalho doméstico cria, portanto, uma oposição de classe e raça entre as próprias mulheres, ao

mesmo tempo que se configura em uma solução privada para um problema público, sendo, portanto, acessível apenas àquelas famílias com mais renda.(ONU, 2020)

Assim, aponta a Nota Técnica, divulgada pela ONU Mulheres, que na pandemia do COVID-19, as empregadas domésticas são vítimas de uma dupla vulnerabilidade. Primeiro porque há um trabalho de intenso contato em local fechado (residências) e segundo porque não possuem equipamentos de proteção para o trabalho local e seguridade social, uma vez que em sua maioria são excluídas dos direitos trabalhistas.

Se a maior fonte de transmissão do vírus é por meio do contato social e das partículas expelidas pelos corpos humanos, o trabalho dessas mulheres, que demanda obrigatoriamente contato intenso entre as pessoas que habitam no domicílio e também com seus objetos, as expõe diariamente ao contágio, ainda mais porque não existe a possibilidade de controlarem os movimentos, as saídas e a qualidade do isolamento social de seus empregadores. Na verdade, ao serem mantidas em suas funções rotineiras no contexto da pandemia, rompe-se o isolamento social tanto da família contratante do trabalho doméstico quanto da família da própria trabalhadora. É, portanto, fonte de potencial circulação e disseminação do vírus.” (OIT, 2022).

O peso do gênero e este contexto somado a raça e classe, recai ainda mais quando se fala das relações de trabalho das cuidadoras: empregadas domésticas, enfermeiras, cuidadoras de idosos, babás, que são majoritariamente mulheres pretas, pobres e vindas do interior do país...É sabido que o trabalho doméstico no Brasil tem bases racializadas e segue perpetuando gerações de mulheres empregadas que servem famílias.

O mesmo acontece com as cuidadoras, que “são em sua maioria as mais pobres, as menos qualificadas, de classes subalternas, imigrantes”... (Hirata, 2007, p.67). Neste sentido, Nunes (2022) acrescenta:

O trabalho doméstico se consolidou por meio de bases racializadas e segue perpetuando essa tendência, considerando que a maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres negras ou de minorias étnicas. Trabalhar com o conceito de raça traz um viés sensível ao debate, tendo

em vista que a conceituação do termo não tem respaldo genético e sua discussão social remete ao discurso de distribuição de poder utilizado para colocar algumas “raças” como superiores ou evoluídas. A divisão racial do trabalho pressupõe a continuidade de resquícios escravagistas que aprisionam as mulheres negras à posição de subalternas e inferiores. Essa construção social baseada na distribuição de poder, foi crucial para formação político-econômica da sociedade, mas em contraponto, gerou traumas imensuráveis para as mulheres negras que ainda lutam por emancipação.” (Nunes,2022)

Desta forma, a interseccionalidade escancara na pandemia.“*O pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho* (Akotirene,2020), porque as mulheres sofrem na pele o peso do gênero quando são colocadas numa posição imposta pela estrutura do patriarcado de cuidadoras, “care”, já falado por Joan Tronto e Patricia Paperman, como muito bem trouxe Hirata:

Joan Tronto ([1993] 2009) nos Estados Unidos e Patricia Paperman (2013) na França mostram que o care é provido pelas dimensões de gênero, classe e raça, salientando também a dimensão histórica dessa imbricação das relações sociais no trabalho do care (cf. também Nakano Glenn, 1991, 2013). Como diz Tronto (2009, p. 156), “não é apenas o gênero, mas também o pertencimento de classe e de raça que, na nossa cultura, permitem identificar quem pratica o care e de que maneira”. O care revela, segundo Tronto, as relações de poder, pois “os que têm os recursos recebem cuidados independentemente de suas necessidades.” (Hirata, 2014, p.66)

Ponto importante para se destacar é o fato de que o fato da mulher ser a escolhida pela sociedade cisheteropatriarcal demanda “toda uma cadeia de valores morais, obrigações e responsabilidades que decorrem dessa divisão convencionou-se chamar de divisão sexual do trabalho.” (ONU Mulheres,2020).

São os estereótipos de gênero que sustentam a divisão sexual do trabalho, que, por mais que tenha se alterado ao longo dos anos, ainda mantém válida a ideia de que o trabalho não remunerado de cuidado, realizado nos lares, é uma responsabilidade das mulheres, além de

conferir a ele um valor menor do que aquele conferido ao trabalho produtivo, realizado no mercado de trabalho. Esse modelo, contudo, não responde ao cenário atual de massiva inserção das mulheres no mercado de trabalho. Em razão disso, estabelece-se uma tensão entre as esferas do trabalho produtivo e do trabalho não remunerado doméstico e de cuidados – uma tensão que recai especialmente sobre as mulheres, levando à conhecida dupla (ou tripla) jornada.(ONU Mulheres, 2020).

A socióloga e pesquisadora Hirata (2014), menciona ainda a questão da consubstancialidade, em um interessante e pertinente trabalho com recorte “trabalho do *care*”, e destaca que ambos termos partem do pressuposto patriarcal, ocidental em que os machos, homens brancos de classe dominante são os que comandam a racionalidade e a ciência. Ela frisa que em relação ao trabalho dos cuidadores, há que se destacar que este abarca a população mais vulnerável (pobres, negros, estrangeiros e periféricos), variando conforme o país, e no Brasil, as mulheres dominam esse mercado pouco regularizado.

A maioria das cuidadoras trabalha com jornada exaustiva, raramente conseguem cumprir o lapso de descanso, são sobrecarregadas com mais trabalho, supressão de horas extras e ainda fazem a jornada dupla ou às vezes tripla de trabalho quando chegam em casa. Conforme aqui demonstrados e ainda com base nos dados coletados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹⁹, em termos de raça, as pessoas mais prejudicadas na pandemia foram os negros/pardos, do ponto de vista em relação contratual foram os trabalhadores informais, no que concerne ao gênero, o isolamento orientado pelos órgãos oficiais de saúde foi ainda mais doloroso para o gênero feminino.

A filósofa Sandra Laugier, a psicóloga social Pascale Molinier, e a socióloga Patricia Paperman, ambas professoras universitárias francesas, destacam no artigo *Nous défendre – face au discours politique sur le Covid-19*, a desídia de governos no que se refere ao desinteresse em proteger as vidas na pandemia do Covid-19. Paralelo a isso, apresentam o duplo viés da pandemia, colocando de um lado o discurso hegemônico, dominante-masculino e patriarcal, representando a voz dos cientistas, governos e mídia, do outro lado o “*cotidiano do covid*”, aqueles que são

¹⁹ IBGE. (2020, novembro). PNAD Covid-19 – Trabalho. . Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Site IBGE. Acessado em outubro 02, 2022, em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>

dominados, em sua maioria as mulheres que estão na linha de frente dos hospitais, dos lares dos idosos ou que se desdobram em múltiplas funções conciliando o serviço doméstico, de mãe com o exaustivo trabalho e ainda os subalternos que trabalham realizam o trabalho essencial. (Laugier, Molinier e Paperman, 2019)

Em relação ao trabalho relacionado à questões de saúde das profissionais na linha de frente para o combate ao Corona Vírus, segundo a ONU, as mulheres ocupam em média 70% da mão de obra relacionada aos trabalhos na área da saúde, ficando mais suscetíveis e vulneráveis à exposição ao vírus. De acordo com a pesquisa realizada por Mônica Wermelinger, (et al, 2010), intitulada A força do trabalho do setor de saúde no Brasil: focalizando a feminilização, as mulheres ocupam 73,7% dos postos de nível técnico e auxiliar, que no país equivale a 900 mil empregos. Na China a situação é ainda mais drástica, de acordo com a jornalista Sophia Li, esses dados sobem para 90%, E diante da ausência de suprimentos e equipamentos de proteção individual - EPI , as mulheres trabalhadoras do setor de saúde, decidiram cortar ou raspar seus cabelos, fazerem uso de fraldas para evitar de usarem os banheiros e atrasar o ciclo menstrual com o uso de anticoncepcionais, com o intuito de evitarem contato com pessoas infectadas pelo vírus. Neste sentido, a Revista Psicologia e Saberes acrescenta:

Apesar da força de trabalho feminina ser maioria nos quadros de saúde que atuam na linha de frente do combate à Pandemia, aGlobal Health Reportdo ano de 2019 revelou que 72% dos chefes executivos em saúde global são homens. Esses homens, por sua vez, tendem, via de regra, a representar uma elite e um grupo social dominante. Desse modo, torna-se necessário e urgente uma postura feminista ativa a fim de garantir voz igual para as mulheres na tomada de decisões na resposta e no planejamento de impacto da pandemia COVID-19, para garantir que mulheres negras, mulheres mais pobres, e trabalhadoras informais sejam consideradas no enfrentamento à pandemiado Cornoravírus.(Siqueira, H. C. B. , Silva, V. O. B. , Pereira, A. L. S. , Filho , J. D. G. , & Silva, W. R. da , 2020, p. 221)

Ademais, apesar da Constituição do Brasil de 1988 assegurar que não existe desigualdade entre os sexos, a sociedade ainda caminha a passos lentos quando se trata de igualdade de gênero.

Em 2017, a ONU do Brasil, publicou um documento reunindo alguns fatos sobre desigualdades de gênero em diferentes partes do mundo. Esta lista apresentou um panorama alarmante das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, no campo social e político e na vida familiar. (Siqueira, H. C. B. ., Silva, V. O. B. ., Pereira, A. L. S. ., Filho , J. D. G. ., & Silva, W. R. da , 2020, p. 223)

A carga de trabalho passa a ser dobrada para a mulher, quando se trata de uma sociedade patriarcal em que a mulher possui dupla jornada, “*com as crianças e outros familiares em casa durante 24 horas, o stress será maior e certamente recairá mais nas mulheres.*”.(Santos,2020). Vale salientar que no Brasil, a questão da interseccionalidade é ainda mais latente. A maioria das mulheres que ficaram na linha de frente são as interseccionais. Assim, Araujo,(2020) assevera acerca das inúmeras tarefas domésticas desempenhadas pelas mulheres e complementa:

Os incontáveis afazeres que, juntos, são conhecidos como “tarefas domésticas” – cozinhar, lavar a louça, lavar a roupa, arrumar a cama, varrer o chão, ir às compras etc. –, ao que tudo indica, consomem, em média, de 3 mil a 4 mil horas do ano de uma dona de casa. [...] Assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família. As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis: ninguém as percebe, exceto quando não são feitas – notamos a cama desfeita, não o chão esfregado e lustrado (Davis, 2016, p. 214).

Nesse mesmo sentido, Oakley (1976), conclui que “*as tarefas domésticas invadem a personalidade da dona de casa profundamente, com frequência, a consequência psicológica é uma personalidade tragicamente reprimida, assombrada pelo sentimento de inferioridade*” (et al. Davis, 2016). Importante acrescentar que aqui, englobam-se todas as mulheres, uma vez que independente da cor o cisheteropatriarcado impõe desde cedo tais obrigações para o gênero.

Desta forma, a pandemia trouxe à tona diferentes realidades que reafirmam o abismo social e o sexismo existente no país: mortes, desempregos e o aumento e uma incontestável violência de gênero imposta às mulheres, que são as que mais sofreram o peso das externalidades negativas da pandemia. Com o estigma do “care”, elas foram colocadas à frente dos hospitais,

cuidando dos doentes e acumulando mais do que nunca as funções domésticas em seus lares e em lares dos outros, herança de uma sociedade patriarcal, racista e machista...É o que será tratado no próximo capítulo.

- **O PESO DO GÊNERO NA PANDEMIA DO COVID 19 PARA AS MULHERES NEGRAS, MULHERES NÃO NEGRAS, MENINAS E MÃES**

Aqui será abordado o peso do gênero na pandemia do COVID 19 para as mulheres e população LGBTQI+. Para tanto, é importante frisar que o conceito de gênero feminino ultrapassa a definição biológica e pode ser entendido como uma construção social e cultural que está em constante movimento, muito bem definido por Simone de Beauvoir (1980) na frase: “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”. Desta forma, é sabido que na visão de Butler que “*gênero e o sexo são efeitos de um discurso rígido que toma como modelo a heterossexualidade compulsória. O sujeito não é o seu próprio ponto de partida; ele é resultante das relações de poder que são internalizadas por meio do processo de socialização*”. (Sousa, 2016)

Faz-se ainda necessário, compreender o conceito de gênero para além da categorização binária, valorizando também as intersecções existentes entre os diversos marcadores (gênero, raça/cor, nível educacional, classe social, saúde, dentre outros), que só podem ser compreendidos de forma articulada nas interações entre as possíveis diferenças e desigualdades presentes em experiências sociais distintas, coletiva e individualmente. (Barbosa et. al., 2021).

Neste sentido, Sousa (2016), destaca o trecho da obra de Butler, em Problemas de Gênero, frisando que gênero é um termo em constante “devir”, regulada através do meio social que o indivíduo é inserido, “um construir do qual não pode dizer legitimidade que tenha origem ou fim. Como prática discursiva continua, ela está aberta à intervenção e à resignificação” . (Sousa, 2016)

Contextualizado ao objeto de estudo, na pandemia, a desigualdade de gênero, que sempre existiu, ficou ainda em evidência. Existem fatores que fragilizam mais o gênero feminino, como a informalidade no trabalho, fruto da crise econômica e de uma sociedade patriarcal que privilegia o homem. Os Dados coletados em 2018 através da Organização Internacional do Trabalho (OIT), apontaram que “o trabalho informal representa 42% do emprego feminino, enquanto

simboliza 20% do emprego masculino. Por estes dados, a ONU Mulheres aponta que há evidências de que os impactos econômicos da pandemia afetarão mais o sexo feminino que trabalha em empregos mal remunerados, inseguros e informais.” (Siqueira, H. C. B. ., Silva, V. O. B. ., Pereira, A. L. S. ., Filho, J. D. G. ., & Silva, W. R. da, 2020)

Houve uma dupla punição do gênero feminino na pandemia, além da carga psicológica, medo da doença e tensão ao conciliar emprego, casa, cuidar dos filhos e/ou parentes a mulher ainda teve a incumbência institucional herdada pelo cishetropatriarcado de “rainha do lar”, ou seja, a obrigação de cuidar da família, filhos e dos afazeres domésticos, tanto de seus lares como dos lares dos outros, uma vez que é sabido que a maioria do serviço doméstico é realizada pela mulher, acarretando em dupla ou até tripla jornada.

A sociedade patriarcal exige maiores atribuições que são impostas à mulher desde crianças, cuidar da casa, alimentar a família. Desde cedo as meninas já são conduzidas para esse cenário, brincar de casinha, ajudar a mãe na arrumação da casa, cuidar do irmão mais novo, fazer comidinha, brincar com bonecas fingindo ser mãezinha. A Teoria da Maternidade em Winnicott (Belo, Miranda, Timo, 2019)²⁰ e a sociedade sexista são responsáveis pelo sentimento do eterno cuidar, que acomete as mulheres desde a infância. Segundo a professora do departamento de Psicologia da UFPB, o trabalho doméstico é entendido erroneamente como parte da “essência da mulher”: é natural ser amável, cuidadosa e ter habilidades para cuidar. O doméstico não é enxergado como trabalho porque é entendido como da essência e natureza da mulher, quando não é, ele é uma construção social. (UFPB, 2021). Um estudo apresetado por Silva, Jorge e Ferreira (2020), aponta que “desde a infância até se tornarem idosas, as mulheres cuidam de crianças, idosos, deficientes e mesmo de homens adultos (et. all. Marcondes, 2013, p. 252, 2021).

Lado outro, para os meninos nada de brincar de casinha, nada de cuidar de bonecas, são criados desde cedo ganhando carrinhos, aviões, quebra-cabeças, acompanhando jogos... Tudo isso contribui para o machismo estrutural, reproduzindo os padrões de uma sociedade machista falocêntrica e heteronormativa, como bem define Foucault, no estudo de Silva, Jorge e Ferreira (2020):

²⁰ A obra de Winnicott é enfática no que diz respeito à definição dos lugares de gênero nas tarefas de cuidado e endossa uma visão de família heteronormativa (Belo et al., 2015). O autor não hesita em afirmar que são as mães – e, em última instância, as mulheres – que devem se ocupar dos cuidados infantis. - MIRANDA, Jhonatan Jeison de; TIMO, Alberto Luiz Rodrigues; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. Crítica à Teoria da Maternidade em Winnicott: é Preciso ser Mulher para cuidar de Crianças?. Revista Psicologia: Ciência e Profissão (Impressa). Brasil. Acessado em setembro 10, 2022, em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/475d6fx59GMGvPvwDCdS73f/?lang=pt>

Segundo Michel Foucault (1988), o sujeito é o resultado de uma prática discursiva social. Em outras palavras, ele é sempre fabricado, moldado por um discurso. Neste sentido, a família torna-se a primeira instituição-agente na produção de fabricar corpos legíveis e legítimos, de modo a atender aos padrões de uma sociedade heteronormativa, machista, falocêntrica e misógina” (Foucault, 1988, apud Araujo, 2018, p.13)

A pesquisa norte americana realizada pela ONG Kaiser Family Foundation²¹, verificou que “53% das mulheres declararam constante apreensão e estresse durante a pandemia, em contraposição ao índice de 37% dos homens.” Outra pesquisa conduzida pela equipe do neuropsicólogo Antônio de Pádua Serafim, do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) constatou através de entrevistas com três mil voluntários (homens e mulheres) que as mulheres foram as mais afetadas emocionalmente, “respondendo por 40,5% de sintomas de depressão, 34,9% de ansiedade e 37,3% de estresse.” A mesma pesquisa constatou ainda que houve abalo não só para as mulheres casadas, que possuem filhos e que acumulam multitarefas nos lares cuidando trabalhos domésticos e vida profissional, foi verificado que houve sofrimento psíquico também para as mulheres que moravam sozinhas e que não tinham filhos, nesse último caso, foram levados em consideração outros fatores, como desemprego, doenças crônicas, contatos com pessoas que estavam com o COVID-19.(Ferreira, 2021)

Assim, o isolamento social foi sentido de modo diferente entre homens e mulheres diante do machismo estrutural, “*sobrecarga e acúmulo de funções, a carga mental invisível, a violência doméstica e de gênero são produtos históricos da cultura patriarcal e machista na qual nos encontramos.*”(Socioeducation, 2020)

A pesquisa recente “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” (realizada pela ONG “Gênero e Número” e pela Organização Feminista “Sempreviva”), concluiu que entre as 2.641 mulheres entrevistadas, 47% afirmaram ser responsáveis pelo cuidado de outra pessoa: 57% são responsáveis por filhos de até 12 anos, 6,4% afirmaram ser responsáveis por outras

crianças, 27% afirmaram ser responsáveis por idosos e 3,5% por pessoas com alguma deficiência. Essa pesquisa fornece elementos importantes para olharmos as dinâmicas sexistas do cotidiano dos domicílios, e compreendermos que a pandemia pôs em foco a intensificação e o aprofundamento de dinâmicas de desigualdade que estruturam a sociedade brasileira e são sentidas no dia a dia das mulheres. (Unicamp,2020)

O planejamento familiar foi outro ponto prejudicado pela pandemia em relação à mulher, a diretora da Organização Pan-Americana da Saúde Carissa F. Etienne, advertiu sobre os “impactos devastadores na saúde e socioeconômicos que esse vírus tem nas mulheres” (OPAS, 2021). Isto porque houve interrupção dos serviços de saúde da mulher, dificultando o acompanhamento de programas e tratamentos pelo SUS (Sistema Único de Saúde). No caso do Brasil, os contraceptivos não foram listados como medicamentos essenciais para a população, é o que o ginecologista e professor da Unicamp assevera:

Luis Bahamondes, ginecologista e professor do Departamento de Tocoginecologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), alertou que a falta de acesso aos métodos contraceptivos pode afetar mais de 47 milhões de mulheres no mundo inteiro. Outro fator para o aumento no número de gestações pode ser a frequência de relações sexuais durante o isolamento social.(EBC, 2020)

Ademais, são as mulheres que mais sofrem o peso das externalidades negativas da pandemia. Em sua maioria, ficaram na linha de frente tanto dentro das famílias como no cuidado com os de fora. A maior parte dos funcionários de enfermagem são mulheres, bem como as cuidadoras de idosos e isso as expõe ainda mais, configurando uma dupla vulnerabilidade da mulher na pandemia do Covid-19. A Revista Brasileira de Enfermagem (Reben) divulgou uma pesquisa realizada em 2005, com 250 famílias, em que os informantes eram idosos e o cuidador principal, vinculados aos servidores públicos filiados ao GEAP²², em Porto Alegre, constatou, sob

²² GEAP: “Trata-se de uma entidade fechada de Previdência Complementar, sem fins lucrativos, que oferece aos servidores públicos federais planos e programas de saúde, assistência social e previdência complementar”. THOBER, Evelise; CREUTZBERG, Marion; VIEGAS, Karin. (2005, julho). Nível de dependência de idosos e cuidados no âmbito domiciliar. Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn. Acessado em novembro 21, 2022, em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/yFmT6mtZqWTNrPwfrcsvrMF/?format=pdf&lang=pt>

aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS, que são as mulheres as principais cuidadoras dos idosos, nos seguintes termos:

Em 90% dos casos o cuidado do idoso fragilizado é realizado por mulheres, sendo que o único cuidador masculino contava com o auxílio de ajudantes contratadas. Dentre as mulheres, 40% são esposas, 25% filhas, 16% contratadas. Estudos realizados no Brasil e no mundo constataam que os idosos dependentes recebem o apoio de uma ou mais pessoas dentre familiares, especialmente, mulheres que residem no mesmo domicílio e se tornam as cuidadoras de seus maridos, pais e irmãos (6,11). Em apenas um caso o cuidador principal não moram com o idoso, sendo os cuidados repassados a outro família. (Thober, Creutzerg, 2005)

De acordo com os dados do IBGE de 2020, ficou demonstrado também, “que as mulheres dedicavam o dobro de horas às tarefas de cuidado da casa e de outras pessoas.” Tal situação, associada ao fato de as mulheres comporem no mundo 70% da força de trabalho na área da saúde e social, resultou em uma enorme sobrecarga às mulheres durante o período da pandemia”. (et.al. ONU Mulheres).

No cenário de uma pandemia, em que o cuidado passa a ser solicitado de forma muito mais intensa e contínua nos diferentes âmbitos da nossa sociedade, a sobrecarga é sentida de maneira significativa pelas mulheres. Isso ocorre porque o cuidado - seja ele da natureza que for - tem sido uma função preponderantemente atribuída a elas, como algo intrínseco ao gênero. Dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que a taxa de realização de trabalhos domésticos, em 2018, era de 92,2% para as mulheres e de 78,2% para os homens. Em média, as mulheres dedicam 21,3 horas semanais para essas atividades, enquanto os homens dedicam 10,9 horas.

Na pandemia, 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém. Quando se considera o fator maternidade, temos um agravante na sobrecarga, principalmente no cenário pandêmico, como atesta um estudo recente sobre feminização do cuidado ligado ao mito do amor materno”(Canavêz,Farias,Luczinski 2021)

São as mulheres que são destinadas o trabalho do “care”, fruto de uma ideologia *cisheterossexista* , “ocupando 84,6% dos cargos existentes nas equipes de enfermagem (o que inclui enfermeiras, auxiliares e técnicas), de acordo com os dados informados pelo Conselho Nacional de Enfermagem, através de um ambiente de trabalho que não estava preparado para o enfrentamento da doença, levando muitas trabalhadoras à contraírem o vírus e até mesmo ao óbito. (Ferreira, 2020)

Na situação de pandemia, as mulheres estão mais expostas ao risco de contaminação e às vulnerabilidades sociais decorrentes desse cenário, como desemprego, violência, falta de acesso aos serviços de saúde e aumento da pobreza. A ameaça de precariedade inspira ainda mais cuidados em se tratando de países do sul global, como o Brasil, reconhecidos por acirradas desigualdades. Esse cenário atesta quão fundamental é discutir a pandemia a partir de uma perspectiva de gênero. É preciso que as medidas de enfrentamento considerem esse impacto desigual para que não se corra o risco de excluir de tais medidas quem mais tem sofrido seus efeitos: as mulheres, especialmente aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade social. O planejamento e a construção de ações de cuidado em saúde mental para esse público específico não podem prescindir de um olhar integral em relação às realidades vividas e suas repercussões subjetivas. Para fazê-lo, é preciso, então, considerar suas narrativas e buscar contemplar suas especificidades.” (Canavêz,Farias,Luczinski 2021)

Um ponto importante a se destacar, é o fato de que a interrelação de gênero, classe e raça, formando a interseccionalidade, tem um peso maior no quesito exploração e sofrimento, mulheres, em especial as pobres e negras, porque são as que mais perderam em empregos e as

que mais trabalham em profissões como cuidadora de idosos, técnicas de enfermagem e empregada doméstica. Faustino e Gonzales(2020), no dossiê *A nova pandemia e as velhas relações coloniais, patriarcais e racistas do capitalismo brasileiro*, relembram a renomada Lélia Gonzalez, em seu clássico artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” da seguinte forma:

A autora constata que há uma divisão sexual do trabalho, mas também que existe uma *divisão racial do trabalho*, não sendo possível analisar o caso brasileiro sem somar à divisão sexual a divisão racial, constantemente camuflada sob o manto do mito da democracia racial. Na divisão racial do trabalho, a “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, cobradora de ônibus ou prostituta.” (Gonzalez, 1984, p. 233).

Assim, a situação é ainda mais nefasta para as mulheres negras. De acordo com a Fiocruz (2020)²³, na pandemia, a população idosa de baixa renda sofreu na pele o peso da interseccionalidade. Diferente de famílias declaradas brancas, somente 10% das idosas que se declararam negras, recebia auxílio de um profissional, ou seja, 90% dos casos, o trabalho de cuidador é gerido e realizada pelos familiares, em sua maioria mulheres. Algumas inclusive precisam trabalhar como cuidadoras²⁴, “também são a maioria nos setores que envolvem os serviços considerados essenciais durante a pandemia. Além do que, a elas não coube decidir pelo isolamento social, na medida em que são a maioria entre os trabalhadores informais. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 93% dos trabalhadores domésticos na América Latina e Caribe são mulheres.” (Ferreira, 2020).

²³ FIOCRUZ. (2020, julho). Covid-19: Idosos negros têm menos acesso ao auxílio de cuidadores contratados. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Acessado em junho 15, 2022, em: <https://agencia.fiocruz.br/covid-19-idosos-negros-tem-menos-acesso-ao-auxilio-de-cuidadores-contratados>

²⁴ Os primeiros resultados da ConVid já foram divulgados, e apontam por exemplo para o fato de que mais da metade dos idosos sem vínculo empregatício perdeu renda durante a epidemia. A investigação é coordenada pelo Instituto de Comunicação e Informação em Saúde (Icict/Fiocruz), em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Estadual de Campinas. A amostra da ConVid foi calibrada por meio dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad, 2019) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para obter a mesma distribuição por Unidade da Federação, sexo, faixa etária, raça/cor e grau de escolaridade da população brasileira (FIOCRUZ. (2020, julho). Covid-19: Idosos negros têm menos acesso ao auxílio de cuidadores contratados. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Acessado em junho 15, 2022, em: <https://agencia.fiocruz.br/covid-19-idosos-negros-tem-menos-acesso-ao-auxilio-de-cuidadores-contratados>).

Um estudo realizado por Peixoto, Fagundes e Luczinski²⁵ entrevistou 602 mulheres através de análise qualitativa em que ficou comprovado como as questões de gênero afetam as mulheres que trabalham na área da saúde principalmente em relação ao autocuidado e saúde mental.

Dadas as características do seu trabalho, a maioria das profissionais de saúde não pode se manter restrita ao lar e, saindo de casa, mantém uma aparente fronteira entre vida pessoal e trabalho. No entanto, isso significa maior exposição a riscos - inclusive de contágio de familiares - e estresse emocional, que se amplia com as demandas em casa. Nesses moldes, mesmo saindo para trabalhar, tais profissionais se sentem responsáveis pela casa, por idosos e crianças, relatando uma profunda sobrecarga.” (Canavêz,Farias,Luczinski 2021)

O fato é que no Brasil, cuidadores de idosos também se encontram em situação de vulnerabilidade social, dados de outra pesquisa mostraram que “em 56% dos domicílios em que havia um idoso assistido por um cuidador, o profissional continuou trabalhando durante a pandemia, sem poder fazer isolamento.” (Fiocruz, 2020)

Acrescenta-se, tragicamente, as mulher de baixa renda começam a trabalhar desde muito novas, principalmente à negras. Esse processo se dá de forma tão estrutural que o trabalho das meninas negras é velado, não é visto como uma relação trabalhista. Neste sentido:

O trabalho infantil doméstico de meninas é o espelhamento das questões de classe, de gênero e de raça, presentes na realidade de parte da infância e adolescência brasileira, apesar das lutas tenazes desenvolvidas por setores da sociedade civil organizada, instituições públicas do executivo, órgãos do judiciário, organismos internacionais e outros, para eliminar o trabalho infantil em todas as suas expressões. Ocorre que o próprio reconhecimento do trabalho infantil, como violação de direitos, ainda não é uma realidade amplamente difundida no país. (Silva, 2021)

Essas meninas que iniciam o trabalho na infância são, em sua maioria, vindas do interior do Brasil ou de famílias muito pobres, que precisam de um teto para não passar fome.” Se a vaga

²⁵ [https://www.scielosp.org/article/sdeb/2021.v45nspe1/112-123/Acessado em 08 de março de 2022](https://www.scielosp.org/article/sdeb/2021.v45nspe1/112-123/Acessado%20em%2008%20de%20março%20de%202022)

de emprego fosse anunciada de forma sincera, o texto seria esse: “Procura-se uma menina entre cinco e 17 anos que aceite trabalhar como empregada doméstica em troca de comida, shampoo e aulas em escola pública”. (Felizardo, 2019).

Segundo uma pesquisa do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil com base em dados da PNAD em 2013, mais de 200 mil crianças e adolescentes pobres entre 5 e 17 anos eram vítimas do trabalho infantil doméstico; 94% delas meninas, 73% negras e 40% nordestinas. Dados mais recentes, de 2016, mostram que 12,7% das vítimas de trabalho infantil eram exploradas em atividades domésticas. Metade delas tinha entre cinco e 13 anos. Esses dados, no entanto, são subnotificados. Por ocorrer em ambiente residencial, o trabalho infantil doméstico não pode ser inspecionado ou fiscalizado sem mandado judicial, o que dificulta a comprovação das denúncias.

Ocorre que, esses dados, são subnotificados, por ocorrerem em ambiente residencial, o trabalho infantil doméstico torna-se de difícil fiscalização, dificultando a comprovação das denúncias. (Felizardo, 2019).

Nas palavras de Akotirene, “para a mulher negra inexistente tempo para parar de trabalhar”. (Akotirene, 2020). O Relatório Pesquisa Sem Parar (2021) traz importantes dados sobre o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, indicando como as desigualdades raciais e de renda marcaram suas vidas. A pesquisa foi realizada através de um questionário online composto por 52 questões fechadas, no ano de 2020, com o método “bola de neve”, totalizando 2.641 respostas, dentre os dados levantados, foi possível concluir que: 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários afirmaram trabalhar mais na quarentena, cuja maior parcela delas é branca, urbana, concluiu o nível superior e está na faixa dos 30 anos; 40% das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco, em que a maior parte das que têm essa percepção são mulheres negras (55%), que tem até o ensino médio de escolarização, e estavam com dificuldades para pagarem de contas básicas, terem acesso a alimentos básicos e pagamento do aluguel e ainda que 58% das mulheres desempregadas são negras. (Felizardo, 2019)

A sociedade há muito vem segregando e explorando os negros, já dizia a diva do samba, Elza Soares, “*a carne mais barata do mercado é a carne negra, que fez e faz história, segurando esse país no braço...*”, na pandemia não poderia ser diferente:

A Desigualdade entre negros e não negros se aprofundou, de acordo com os dados do DIEESE (2021), “*o número de pessoas que perdeu postos de trabalho por causa da crise sanitária, entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, foi de 8,8 milhões. Desses, 71,4% ou 6,3 milhões eram negros: 40,4%, mulheres, 31%, homens*”. Ademais, os dados apontaram ainda que, entre o primeiro e segundo semestre de 2021, foi possível ver através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que “8,9 milhões de homens e mulheres saíram da força de trabalho – perderam empregos ou deixaram de procurar colocação por acreditarem não ser possível conseguir vaga no mercado de trabalho. Desse total, 6,4 milhões eram negros ou negras e 2,5 milhões, trabalhadores e trabalhadoras não negros.” (DIEESE, 2021). Ou seja, para a mulher negra a situação consegue ser mais agravante, desde a escravidão até os dias atuais a mulher negra é a mais sofrida entre todas as mulheres: “*há uma situação de profunda solidão da mulher negra. A mulher negra é rejeitada universalmente, é pisoteada*”. (Brum, 2015)

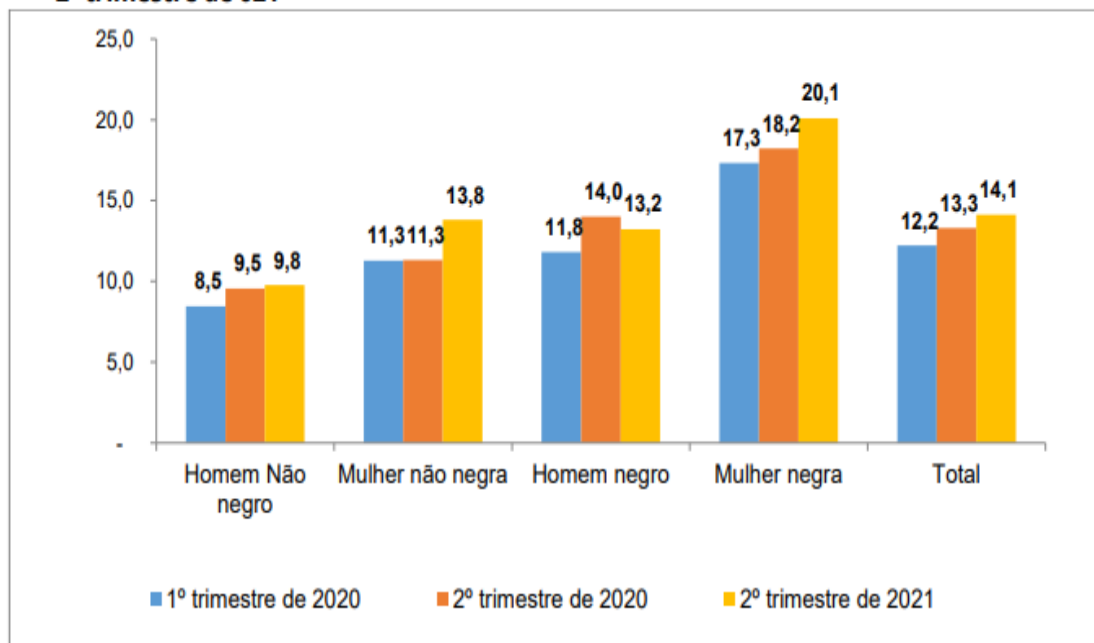
Se uma mulher é pobre, preta, periférica – podemos ainda acrescentar outras categorias, como lésbica (sexualidade), velha (geração), deficiente (capacitismo) –, o cruzamento desses marcadores de diferença atua diretamente sobre ela e seu lugar no mundo, já que ela é tudo isso ao mesmo tempo, inclusive mulher, estando situada na base de uma pirâmide social, cujo peso ela tem que suportar, enquanto o topo é ocupado por aqueles que não têm qualquer carga a assumir, como homens, brancos, heterossexuais e bem sucedidos – modelos inquestionáveis de uma tradição cultural herdada da modernidade. (Veiga, 2020, p.5)

Desta forma, estudos apontam que a taxa de desemprego é sempre maior para os negros em relação aos não negros, e maior em relação às mulheres negras quando comparadas as taxas relativas aos homens negros: “*para os homens negros, ficou em 13,2%, no 2º trimestre de 2021, para os não negros, foi de 9,8%. Entre as mulheres, a cada 100 negras na força de trabalho, 20 procuravam trabalho, proporção maior do que a de não negras, 13 a cada 100*”.

“torna evidente a existência de uma divisão racial do trabalho na sociedade, que reserva lugares socialmente distintos (sobretudo mais precários a trabalhadores/as negras/os. (DIEESE, 2021). Trata-se da constante atualização da dinâmica jamais encerrada entre a casa-grande e a senzala e, mais uma vez, o que está em jogo é a permanência das velhas relações coloniais, patriarcais e racistas do capitalismo brasileiro.”(Faustino, Gonçalves, 2020)

É o que demonstra o gráfico o IBGE, apresentado pelo Boletim Especial 20 de novembro - Dia da Consciência Negra, Desigualdade entre negros e não negro se aprofunda durante a pandemia:

Taxa de desocupação por raça/cor e sexo (em %) - Brasil - 1º e 2º trimestre de 2020 e 2º trimestre de 2021



Fonte: IBGE. PnadC. Elaboração: DIEESE

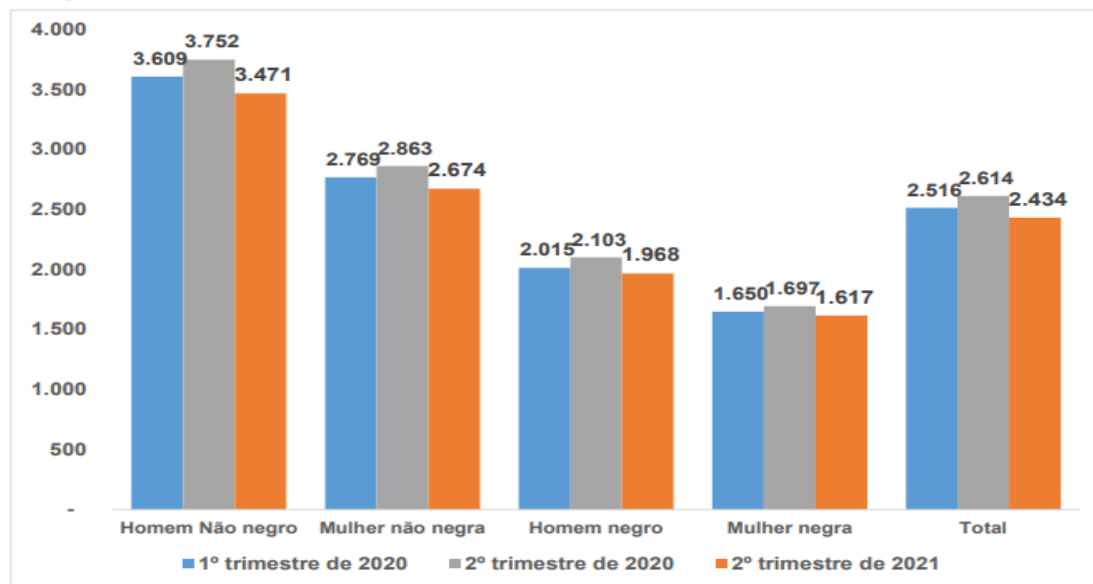
Figura 4: Taxa de Desocupação por Raça/ Cor e Sexo - 1º e 2º Trimestre de 2020 e 2º Trimestre de 2021

Fonte: IBGE

Em relação aos rendimentos obtidos por não negros homens e mulheres e negros homens e mulheres, também não foi diferente. O gráfico apresentado abaixo comprova que a desigualdade de rendimentos em relação a remuneração por cor, gênero e raça: “*Enquanto homens e mulheres não negros receberam em média R\$ 3.471,00 e R\$ 2.674, respectivamente, no 2º trimestre de*

2021, trabalhadores negros ganharam R\$ 1.968 e trabalhadoras negras, R\$ 1.617.” (DIEESE, 2021)

**Rendimento médio real dos ocupados no trabalho principal por raça/cor e sexo
Brasil – 1º e 2º trimestre de 2020 e 2º trimestre de 2021 (em R\$ do 2º trimestre de 2021)**



Fonte: IBGE. PnadC. Elaboração: DIEESE

Figura 5: Rendimento Médio Real dos Ocupados no Trabalho Principal por Raça/Cor e Sexo – 1º e 2º Trimestre de 2020 e 2º Trimestre de 2021. Fonte: IBGE

Acerca da variação das ocupações dos trabalhadores por raça/cor e sexo, também ficou demonstrado que os negros (independente do gênero) são nitidamente mais prejudicados que os não negros e a mulher negra é a mais prejudicada em relação a todos os sujeitos e setores aqui analisados:

Varição dos ocupados por raça/cor e sexo segundo posição na ocupação - Brasil - 2º trimestre de 2021/2º trimestre de 2020

(em %)

Posição na ocupação	Homem Não negro	Mulher não negra	Homem negro	Mulher negra	Total	Proporção do total
Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada	-1,7	2,3	-0,1	0,9	0,1	35,8
Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada	13,6	4,8	23,4	10,4	16,0	11,9
Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	-8,3	-8,3	-21,3	-3,8	-7,0	1,6
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	14,0	12,8	5,0	16,8	14,9	4,5
Empregado no setor público com carteira de trabalho assinada	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	0,0
Empregado no setor público sem carteira de trabalho assinada	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	0,0
Militar e servidor estatutário	-4,5	-7,0	-2,0	4,6	-2,3	10,0
Empregador	-3,5	-7,4	-5,0	2,6	-4,2	4,5
Conta-própria	12,2	20,5	13,5	15,8	14,7	29,4
Trabalhador familiar auxiliar	1,3	4,9	7,8	16,6	8,7	2,4
Total	3,8	3,8	7,1	6,4	5,3	100,0

Fonte: IBGE, PnadC

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação. Elaboração: DIEESE

Figura 6: Variação de Ocupados por Raça/ Cor e Sexo Segundo Posição a Ocupação - 1º e 2º Trimestre de 2020 e 2º Trimestre de 2021

Merece atenção em relação ao peso do gênero, a questão das trabalhadoras sexuais durante a pandemia, que diante do confinamento exigido pelas prefeituras do país tiveram que restringir seus atendimentos, reduzindo a possibilidade de trabalho nos ambientes que atendiam antes da pandemia .

A prostituição é entendida, pois, como uma das modalidades de trabalho sexual, compondo a complexa e diversificada indústria do sexo, e engloba diferentes formas de organização. Refere-se ao “campo amplo do complexo afetivosexual em que múltiplas formas de troca são registradas para atender às necessidades humanas de afeto, cuidado pessoais e relações sexuais” – nas palavras de Laura Agustín (2002, p. 534 – tradução nossa) –, e envolve valores monetários ou outros valores. (Rodrigues, 2021)

Em uma matéria do Jornal Estado de Minas, Gabriela, Gabriela (40 anos), mãe de dois filhos residentes em Angicos, no interior do Rio Grande do Norte, perdeu sua moradia, pois o hotel que residia na rua Guaicurus foi fechado por tempo indeterminado, e além disso, ela não pode mandar dinheiro para a família, pois teve drástica redução de sua renda devido a pandemia do Covid na cidade que reside por cinco anos, Belo Horizonte. Gabriela foi acolhida por um coletivo de profissionais do sexo, cedendo a moradia e alimentação durante a quarentena. “*Foi um alívio, pois*

voltar à minha cidade não é uma opção”, relata a profissional” (Emiliana, 2020). Importante destacar que profissionais do sexo não foram obrigadas a paralisar suas atividades e não foram contempladas pelo Decreto 17.304/2020, do prefeito Alexandre Kalil, que estipulou o fechamento de bares, shoppings e alguns estabelecimentos, e contaram com a redução de valores de algumas hospedarias, que não tiveram suas atividades suspensas.

Entretanto, Fátima Muniz, fundadora do Coletivo Clã das Lobas²⁶, entende que as atividades das trabalhadoras sexuais deveriam ser interrompidas *“Primeiro, porque é uma questão de saúde pública. Depois, porque continuar trabalhando também aumenta o estigma que existe sobre nós. Já somos vistas como veículos de doenças. Não queremos reforçar essa marca”*. Por sua vez, Cida Vieira, presidente da ASPROMIG, frisa que apoia as medidas de contenção do vírus mas questiona *“como essas mulheres vão se manter na quarentena? Porque nós existimos, embora o governo e a sociedade ainda insistam em negar isso. Inclusive, pagamos impostos”*. (Emiliana, 2020).

O que agrava a situação é que 90% da nossa categoria vêm de outras cidades. Com o sumiço dos clientes e o fechamento de hotéis, muitas ficaram sem dinheiro sequer para pagar a passagem de volta às casas de suas famílias. As que não têm para onde voltar e permanecem nos hotéis ainda em funcionamento, já não tem como continuar pagando as diárias. Até o agora, estamos praticamente abandonadas à nossa própria sorte, ou à caridade”, relata Cida Vieira, presidente da Aprosmig. (Emiliana, 2020)

Diante da inércia da iniciativa pública, vale ainda registrar o importante trabalho feito pelas ONGS e coletivos pastorais para as trabalhadoras sexuais, que durante a pandemia ficaram sem renda para colaborar com a distribuição de alimentos, produtos de higiene e limpeza. Essas entidades se articularam com secretarias municipais e estaduais de saúde, de assistência social, de direitos humanos e de diversidade, assim como com organizações não governamentais diversas, com maior estrutura e recursos para oferecer o apoio necessário. Associações de

²⁶ “O Coletivo Clã das Lobas é voltado à promoção de ações culturais, de saúde, além de assessoria jurídica para trabalhadoras sexuais da capital. A entidade conseguiu uma casa para alojar prostitutas que porventura perderem a vaga em quartos alugados. A lotação máxima da residência, no entanto, é de apenas 40 mulheres.” Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/03/20/interna_gerais,1130945/coronavirus-pandemia-deixa-prostitutas-de-bh-sem-renda-e-moradia.shtml

soropositivos, de LGBTQIA e associações culturais se destacaram entre estes parceiros. (Rodrigues, 2021)

O peso do gênero feminino também diferencia o trabalho das mulheres em relação ao trabalho dos homens quando se trata de home office. É sabido que o regime de trabalho em casa foi adotado em maior proporção durante a pandemia do COVID-19. De acordo com a Agência Brasil (2020) o home office foi um dos artifícios utilizados para driblar a crise na pandemia, porém ao adequar o trabalho nos lares as mulheres ficam mais sobrecarregadas porque na maioria das famílias elas precisam desdobrar sua atenção para os afazeres de casa e cuidado com os filhos, como auxílio no acompanhamento escolar dos filhos, principalmente na fase de alfabetização.

Essa sobrecarga de afazeres envolvendo família/trabalho acaba interferindo na saúde física e mental da mulher, além de prejudicar o rendimento do seu trabalho. “Além disso, podem surgir problemas como estresse, depressão, hipertensão, ansiedade, transtornos de humor e abuso de substâncias como maior consumo de álcool.” (Oliveira, Cavazotte, Paciello, 2013).

De acordo com a ONU Mulheres, em toda a história da humanidade as mulheres foram atingidas com mais intensidade nas crises sociais. Ademais, em entrevista da Unicamp com Simone Mainieri Paulon, psicóloga, professora e coordenadora do projeto Clínica Feminista na Perspectiva Interseccional da UFRGS, no qual acompanha mulheres em situação de vulnerabilidade, e com a psicóloga Marília Jacoby concluiu que a pandemia impacta mais a vida das mulheres e que desde o início da pandemia sofreriam esse impacto.

Na entrevista foi questionado se inicialmente o home office poderia gerar benefícios para as mulheres pela praticidade de trabalhar em casa, mas em resposta, ponderaram sobre como o modo repentino no trabalho em home office trouxe dificuldades adicionais, como a dificuldade de adequar espaços privativos para o trabalho e estudo, “*além disso, existe a lógica da produtividade a qualquer custo. Se não tivermos cuidado para estabelecer fronteiras claras entre o horário de trabalho e o tempo para demais instâncias da vida, o trabalho pode acabar tomando um espaço excessivo e indevido*”. (Canto e Comoli, 2020).

Neste sentido, temos ouvido relatos de mulheres que somaram à carga horária de suas atividades em ambiente virtual, todo trabalho doméstico, as atividades escolares dos filhos e os cuidados com parentes idosos que estão isolados. Além disso, mulheres ainda se deparam com as cobranças para não negligenciar os cuidados com a própria saúde e aparência física.” (Canto e Comoli, 2020).

O Tribunal Superior do Trabalho apresentou um estudo realizado por Maria Bridi e Giovana Bezerra, da Rede de Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista (Remir), onde ficou constatado através de um software de análise textual, que o trabalho remoto é vivenciado de forma diferente para homens e mulheres, no sentido de que as mulheres relataram “à dificuldade de concentração e às interrupções que sofrem durante a atividade de home office” e os homens não mencionaram as intervenções domésticas, focaram apenas em mencionar que a dificuldade de home office estaria ligada a “à falta de contato com os colegas.”. De acordo com a Ministra Maria Cristina Peduzzi, presidente do Tribunal Superior do Trabalho, “a mera ideia de supermulher está fora de qualquer realidade possível e palpável... é preciso ajuste, gerenciamento e renúncias.”(Tribuna Superior do Trabalho, 2021)

4. Mães e filhas na pandemia

No contexto pandêmico, as meninas também já estão sofrendo o peso do gênero antes mesmo de alcançarem a vida adulta. A maior parte das famílias de baixa renda que vivem nas periferias e favelas no Brasil são monoparentais, as mães criam as filhas sozinhas e muitas vezes a gravidez na adolescência repete a história da mãe e com as creches fechadas às mães que antes podiam deixar seus filhos em creches precisam deixá-los em casa, transferindo para a filha mais velha a responsabilidade de olhar os irmãos em casa, prejudicados os estudos, conforme apontado por Betim e Felipe, 2021. A música do cantor Chico César muito bem ilustra a rotina apertada das famílias monoparentais: *“Mama África, a minha mãe é mãe solteira e tem que fazer mamadeira todo dia, além de trabalhar como empacotadeira nas Casas Bahia”*. É a realidade de muitas família brasileiras.

A situação é ainda mais precária para as famílias monoparentais ²⁷... As mães solo precisam se desdobrar para conseguirem sustentar suas famílias, pagarem despesas com moradia, saúde,

²⁷ Esta configuração familiar só foi reconhecida pela Justiça Brasileira pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 226, parágrafo 4º. As principais motivações histórico-sociais que levam ao monoparentalismo são: liberdade afetiva, capitalismo e o feminismo crescente. Os motivos para a constituição do monoparentalismo, em sua grande maioria, são o divórcio, a viuvez e gravidez precoce. A maioria das famílias monoparentais são famílias chefiadas por mulheres, isso acontece quando a mãe é a provedora econômica da família, não coabitando com os pais de seus filhos por motivos diversos (falecimento, divórcio ou separação). A família monoparental é, portanto, retratada nos artigos estudados como predominantemente formada por mãe-mulher, enfatizando a sobrecarga de tarefas e dificuldades, inclusive financeiras para o sustento da prole - KOBELINSK, Milena. (2020). FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E FAMÍLIAS MONOPARENTAIS: REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DESSA RELAÇÃO NA VIDA DAS MULHERES-MÃES. (Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Serviço Social), Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. Acessado em outubro 14, 2022, em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8975/TCC%20Milena%20Kobelinski.pdf?sequence=1>

alimentação e ainda precisam conciliar seus serviços com afazeres domésticos além de ajudarem seus filhos com as tarefas online enviadas pela escola.

A maternidade na adolescência é uma realidade nas favelas e periferias brasileiras. Rejani deu à luz aos 17 anos. O pai do seu filho está ausente e lhe paga uma pensão de apenas 250 reais por mês. O pai dela própria também está ausente, e sua mãe trabalha como faxineira numa creche. O que ganha —cerca de 1.100 reais— é insuficiente para pagar a luz, a Internet, a comida e manter a família. Assim, além das atividades domésticas que já devia cumprir e dos seus estudos, ela também se viu obrigada a fazer alguns bicos para complementar a renda mensal. Os estudos então deixaram de ser prioridade. (Betim, 2021)

Ademais, até famílias tradicionais e que não estão em situação de alta vulnerabilidade sofreram uma carga elevada de estresse para conciliarem o chamado “novo normal²⁸” diante das multitarefas do dia a dia, que precisam conciliar o trabalho remunerado com as atividades escolares dos filhos, serviços domésticos gerando jornadas exaustivas e intermináveis. Desta forma, as mulheres ficam ainda mais afetadas pelo trabalho doméstico não remunerado, “devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças.” (ONU Mulheres, 2020)

Recentemente, um estudo identificou que mais da metade das mulheres entrevistadas passaram a cuidar de alguém por conta da situação pandêmica. Para 72% dessas mulheres, o cuidado com idosos e crianças passou a ser redobrado, já que houve o fechamento das escolas e a ausência dos cuidadores pelo risco do contágio (GÊNERO E NÚMERO e SEMPREVIVA, 2020). Esse contexto refletiu na desigualdade associada ao desemprego que, ao atingir 14,3% dos brasileiros nos primeiros três meses de 2020, foi ainda mais prevalente sobre as mulheres (25% a mais que os homens), obrigadas a sair dos empregos para cuidar dos filhos ou familiares ou demitidas por “não conseguir”

²⁸ O novo normal, na verdade, seria a proposta de um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência. Acesso em 17/10/2022.

conciliar o trabalho e as responsabilidades de cuidado com o lar ou família.” (Thompson, 2022)

Nota-se que até nesse contexto, as mulheres não marcadas pela interseccionalidade, sofrem o peso do gênero na pandemia, isso porque toda a cadeia do “care”, está intrinsecamente ligada à figura da mulher, que é a responsável por gerenciar os afazeres, que deveriam ser comuns a todos da família. Neste sentido, a psicóloga à BBC News Brasil destaca: *“O aumento de demanda dentro de casa foi muito grande (com a pandemia), e a gente sempre dividiu os cuidados das crianças com outras mulheres, seja na escola, com as avós ou funcionárias - uma vila que deixou de existir”*. (Idoeta, 2020)

As práticas sociais das mulheres, portanto, estruturaram-se em torno do mito da imagem materna e conjugal, assim como o trabalho feminino teve sua vinculação à esfera doméstica, à família e à produção dos cuidados. [...] o trabalho doméstico não aparece ligado à necessidade de habilidades e competências para a sua realização, uma vez que se manifesta como “natural”, isto é, constrói-se como valor natural vinculado a natureza feminina e por isso não tão digno de mérito quanto o trabalho produtivo que pressupõe a exigência de um conjunto de conhecimentos e habilidades adquiridos, essenciais ao desenvolvimento da sociedade.” (CARLOTO; GOMES, 2011, p.133, citado por SILVA, 2021).

Em contrapartida, os homens não se desdobram para cumprir as atribuições do lar e com seus filhos, apenas uma minoria dos pais de família dividem as tarefas diárias do lar:

Vislumbra-se que a figura masculina se ausenta com maior frequência das responsabilidades do lar. Santa Bárbara (2012, p. 126) assinala: mesmo que na sociedade contemporânea os papéis de homens e mulheres estejam sendo redimensionados, ainda recai à mulher a necessidade de se dividir entre a responsabilidade de cuidadora e, em muitos casos, de provedora, pois mesmo que o homem seja chamado cada vez mais a participar do universo doméstico e familiar, antes entendido como sendo apenas da mulher, a ele ainda cabe um certo “perdão cultural”, por não estar presente na vida dos filhos e não assumir todas tarefas do lar. Recai sobre as mães o tradicional papel do

cuidado e proteção, e na falta de condições de exercerem esse papel, são responsabilizadas e deslocadas de um debate macrossocial, e culpabilizadas por não conseguirem fazer tudo que é “esperado” da mãe.” (Kobelinski, 2020).

Conforme já mencionado, muitas mães tiveram que acumular suas profissões com o trabalho doméstico, arrumar a casa, preparar refeições, cuidar dos filhos que ficaram sem escola e creche durante o período. “*No Brasil, quase 8,5 milhões de mulheres deixaram o mercado de trabalho desde a irrupção da Covid-19. Para quem cria seus filhos sozinha, os retrocessos foram ainda mais profundos.*” (Arrellaga, Monteiro, 2021). Para mudar esse cenário e “para que haja eficácia legal da regra de igualdade é necessário que a percepção da igualdade na dimensão da vida cotidiana esteja efetivamente internalizada” (SOUZA, 2006, p. 37 citado por Siqueira, H. C. B. ., Silva, V. O. B. ., Pereira, A. L. S. ., Filho, J. D. G. ., & Silva, W. R. da . (2020).

Dentro desse universo feminino, as mães solo, que somam mais de 11,5 milhões no Brasil, passaram não somente a enfrentar mais riscos e dificuldades financeiras em decorrência da pandemia como também sofrem uma sobrecarga mental e um maior acúmulo de tarefas devido ao fechamento de escolas e creches”. (Arrellaga, Monteiro, 2021)

Estudos concluíram que mesmo as mulheres ocupadas ainda dedicam cerca de 18,5 horas semanais para tarefas domésticos, por sua vez, os homens, em iguais condições, dedicam 10,4 horas, totalizando uma diferença de 8,1 horas. Em relação aos homens e mulheres sem ocupação, essa diferença é ainda maior totalizando 11,9 horas a mais para as mulheres.” (Vasconcelos, 2021).

Segundo dados recentes de um relatório das ONGs Gênero e Número e da Sempre Viva Organização Feminista (SOF), 50% das brasileiras passaram a cuidar de outra pessoa durante a pandemia. Quase 40% das entrevistadas na pesquisa afirmaram que o isolamento social pôs em risco o sustento de seu lar; dessas mulheres, 55% eram negras, geralmente as mais afetadas”. (Arrellaga, Monteiro, 2021) .

Fato relevante nesta pandemia foi a alteração do ensino presencial para o remoto. “*O Ministério da Educação (MEC) autorizou a substituição das aulas presenciais pelo modelo remoto*²⁹ *para as instituições de ensino superior e, pouco depois, para a educação básica.*” (Araujo, 2021).

No primeiro semestre de 2020 as redes públicas municipais e estaduais e redes privadas de ensino determinaram a suspensão de aulas presenciais e o fechamento total ou parcial de escolas. Medida sanitária necessária para contenção da propagação da Covid-19, mas que, devido ao prolongado período longe do ambiente escolar, gerou uma série de fragilidades físicas, emocionais e nos processos de aprendizagem.

Segundo o relatório *Education at a Glance 2021*, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o Brasil foi o país que manteve as escolas fechadas para alunos mais novos por mais tempo, com uma média de 279 dias apenas no ano de 2020. No segundo semestre de 2021 as aulas retornaram em modelo híbrido na maior parte dos estados e, em 2022, a previsão é para que o retorno aconteça de forma presencial em 25 estados.” (Instituto Alana, 2022).

De acordo com o Ministério da Educação, o modelo de EAD (educação à distância) permaneceu até dezembro de 2022, mas, será que todos os alunos, principalmente de educação básica de escolas da rede pública e da rede particular, tiveram as mesmas condições de acesso para acompanhar as aulas? Será que ambos tiveram acompanhamentos necessários para desenvolverem suas atividades de aprendizado? A resposta é negativa.

Em 2021 a UNESCO constatou que quase metade dos estudantes do mundo foram afetados pelo fechamento das escolas, e que mais de 100 milhões de crianças terão desempenho abaixo do nível mínimo de proficiência em leitura em razão da crise. O estudo do UNICEF “Cenário

²⁹ O estudo *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais. –ARAÚJO, Ana Lídia. (2021, julho). *Pandemia acentua deficit educacional e exige ações do poder público*. Site Agência Senado - BRASIL. Brasil. Acessado em setembro 02, 2022, em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>

da exclusão escolar no Brasil”, publicado em abril de 2021, revelou que o país corre o risco de regredir mais de duas décadas no acesso de meninos e meninas à educação. Segundo a pesquisa, em novembro de 2020, mais de 5 milhões de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos não tiveram acesso à educação no Brasil. Destes, mais de 40% eram crianças de 6 a 10 anos, faixa etária em que a educação estava praticamente universalizada antes da pandemia”. (Instituto Alana, 2022)

Em uma pesquisa recente, ficou demonstrado entre os entrevistados que *“mais de 60% das famílias de estudantes da escola pública afirmam que contam com um serviço de baixa qualidade ou não têm acesso à rede, o que também pode impactar negativamente nesse período.”*. Já os estudantes de escolas particulares têm muito mais facilidade de acesso à internet, apenas 17% das famílias são afetadas pela precariedade da tecnologia. (Planeta Educação, 2021)

Se adaptar um curso de graduação para o ensino a distância já não é simples, quando isso se faz necessário na Educação Infantil, o desafio se torna muito maior. E foi exatamente o que aconteceu em 2020, quando a pandemia do coronavírus começou. Na tentativa de proteger os pequenos e seus familiares, o “fique em casa” passou a fazer parte da vida das pessoas de todo o mundo, inclusive das crianças. Com isso, as atividades que antes eram feitas com os coleguinhas ou até no parquinho, passaram a ser realizadas em frente a uma tela. (Planeta Educação, 2021)

Acerca do ensino online, é preciso considerar que não são todas as famílias que possuem condições de adquirir um computador ou monitorar o uso do celular dos filhos que passaram a depender destas tecnologias para acompanharem as aulas durante a pandemia. Um estudo realizado pela UFMG em parceria com outras universidades brasileiras, concluiu que a presença desses aparelhos na rotina das crianças e adolescentes contribuem para exposições precoces de conteúdos que não são adequados para aquelas idades, concluindo que *“efeitos de uma longa exposição ao tempo de tela podem ser notados na saúde mental, emocional e física. Os danos desse excesso causados ao desenvolvimento das pessoas até os 15 anos são tema de estudos e pesquisas no mundo todo.”* (UFMG, 2023)

Ademais, de acordo com Evelyn Eisenstein, coordenadora do Grupo de Trabalho Saúde Digital da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), o tempo excessivo de tela pode causar aumento da ansiedade, depressão, transtornos de humor, isolamento social e em alguns casos, gestos suicidas. (Carvalho, 2022) ³⁰

Muitas dessas mães com situação econômica de maior vulnerabilidade, possuem ainda menos tempo, pois precisam trabalhar e não podem contar com a divisão de tarefas, ainda que de forma mínima dentro dos lares e na maioria das vezes, não dispõem de computadores/celulares com tecnologia suficiente para acompanharem as aulas online e arquivos enviados pelas escolas, ficando muito mais prejudicadas, uma vez que elas dependem do trabalho como forma de subsistência e a maioria de seus empregos não negociam flexibilidades. Assim, contam com o auxílio de creches, pagam babás ou vagas em escolas públicas para deixarem seus filhos. Outro ponto relevante a se destacar é o fato que pesquisas apontam que as mães solteiras que não contam com o apoio de companheiros e criam seus filhos sozinhas, longe dos genitores, tendem a ter mais conflitos com os filhos do que as que vivem com seus parceiros. (Barbosa, Lemos e Monzato, 2020)

Para ajudarem as mães, crianças e jovens de famílias de baixa renda tiveram que interromper os estudos para se dedicar às tarefas domésticas. Com o confinamento o trabalho doméstico aumentou, assim, as meninas passaram a ajudar ainda mais as mães com as tarefas do lar e cuidado com os irmãos mais novos, prejudicando o desempenho escolar que ficam *confinadas em casa, e as demandas do lar ficam mais visíveis.*" (Betim, 2021)

Essa realidade ocorre muitas vezes de forma natural, levando-se em conta que as atividades domésticas historicamente nem são consideradas um trabalho. "Quando perguntamos aos nossos alunos quem trabalha e por quantas horas, as pessoas com tarefas no lar respondem que não trabalham. Estão cozinhando, cumprindo as obrigações dos adultos, cuidando dos seus irmãos, mas não entendem isso como um trabalho". (Betim, 2021)

Em relação às meninas negras a situação é ainda pior, o Dossiê Infâncias e Covid-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes, constatou através da pesquisa

³⁰https://www.terra.com.br/byte/criancas-estao-passando-mais-tempo-com-telas-quais-as-consequencias_0c44fb4b13db2b312e2255a9222a013cp1n1f07w.html. Acessado em 28 de março de 2023.

realizada por Geledés, em São Paulo, que durante a pandemia, houve ineficiência do ensino remoto além da falta de equipamentos e tempo para realizar as atividades, pois conforme acima narrado, essas meninas possuem atribuições domésticas desde a infância, e na pandemia a situação foi agravada.

Ao passo que os as crianças que estudam em escolas particulares, geralmente possuem maior acesso e muitos contam até com professores particulares³¹ para o auxílio das matérias lecionadas de forma online ou reforço escolar. As meninas de famílias não vulneráveis financeiramente não possuem atribuições domésticas para “renderem” suas mães nas tarefas de casa. As ocupações são outras como aulas de ballet, cursos de inglês, dentre outras atividades que diferem do serviço doméstico.

Assim, através dos dados apresentados, foi possível vislumbrar diferentes realidades vividas pelas mulheres durante a pandemia. Entretanto, há que se reconhecer que a pandemia foi ainda mais desigual quando considerada a raça e a classe social, haja vista o desemprego e a exposição ao vírus. Mas vale dizer que independente da interseccionalidade, a sociedade impôs durante a pandemia os mesmos padrões advindos do patriarcado, induzindo de forma institucional a responsabilidade do “care” para todas as mulheres desde a infância, acarretando rotinas de dupla jornada, conciliando o trabalho com o cuidado com a casa, acompanhamento escolar dos filhos e multitarefas que não são impostas aos homens, propiciando uma alta carga de tensão, sensação de cansaço e impotência, abalando a esfera psicológica da mulher.

5. Subnotificação - Cifras negras – A invisibilidade da violência contra as mulheres

É sabido que o Brasil é o quinto país do mundo quando o assunto é feminicídio³². Trata-se de um país com altíssimos índices de violência de gênero, e intolerância estrutural contra a população

³¹ Uma das justificativas é a dificuldade dos estudantes em aprenderem o conteúdo no formato remoto. Outros motivos são a falta de tempo dos pais para acompanhar as atividades escolares, já que muitos acabaram o home office e voltaram a atuar em seus locais de trabalho; ou o despreparo, no sentido pedagógico, para ensinar à prole - AZEVEDO, Margarida. (2020, setembro). Famílias contratam professor particular para reforçar ensino remoto. Site JC – UOL. Brasil. Acessado em outubro 17, 2022, em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2020/09/11971384-familias-contratam-professor-particular-para-reforçar-ensino-remoto.html>

³² A palavra feminicídio ganhou destaque no Brasil a partir de 2015, quando foi aprovada a Lei Federal 13.104/15, popularmente conhecida como a Lei do Feminicídio. Isso porque ela criminaliza o feminicídio, que é o assassinato de mulheres cometido em razão do gênero, ou seja, a vítima é morta por ser mulher. - MANSUIDO, Mariane. (2020, agosto). Entenda o que é feminicídio e a lei que tipifica esse crime. Site Prefeitura do Estado de São Paulo. São Paulo. Acessado em outubro 21, 2022, em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/entenda-o-que-e-feminicidio-e-a-lei-que-tipifica-esse>

LGBTQIA+. As Nações Unidas conceituam a violência contra as mulheres como sendo “*qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres*”.³³ No Brasil, em 2006, foi criada a lei nº 11.340/2006, conhecida também como Lei Maria da Penha, que define o conceito de violência doméstica, familiar e elenca artigos a fim de evitar agressões, punir o agressor e também estabelecer medidas protetivas de urgência nos casos em que a lei se aplica:

A Lei Maria da Penha contempla as violências contra as mulheres, que acontecem no convívio doméstico, no âmbito familiar ou em relações íntimas de afeto. Portanto, a Lei Maria da Penha se aplica: Aos maridos, namorados, companheiros, que morem ou não na mesma casa que a mulher. Aos ex que agredem, ameaçam ou perseguem a mulher. A outros membros da família, como por exemplo, mãe, filho/a, neto/a, cunhado/a, desde que a vítima seja mulher.” (Tribunal de Justiça do Paraná, sem ano).

Maria da Penha Fernandes foi uma mulher, vítima de violência doméstica, nascida em 1º de agosto de 1945, sua história ficou mundialmente conhecida ensejando a promulgação da lei brasileira nº 11.340/2006, diante da barbárie realizada pelo seu (ex) marido, Marco Antônio Heredia, quando em 1983, o economista tentou matá-la com uma espingarda, deixando-a paraplégica. Após o retorno do hospital, Maria da Penha foi mantida em cárcere privado, reclusa em sua casa pelo marido, que tentou matá-la novamente, durante o banho. Com a ajuda de amigos Maria da Penha conseguiu acionar a justiça, “*a sua trajetória em busca de justiça durante 19 anos e 6 meses faz dela um símbolo de luta por uma vida livre de violência*”³⁴. Após evidências dos crimes cometidos, o ex (marido) foi condenado, mas depois de recorrer conseguiu que o julgamento fosse anulado.

Frustradas as tentativas junto à justiça brasileira, Maria da Penha buscou o direito internacional para que fosse reconhecidas as gravíssimas violações de direitos humanos que sofreu durante tantos anos. As aludidas denúncias resultaram na condenação do Brasil diante da

[crime/#:~:text=A%20palavra%20feminic%C3%ADdio%20ganhou%20destaque.%C3%A9%20morta%20por%20ser%20mulher.](#)

³³ OPAS. (Sem ano). Violência contra as mulheres. Organização Pan-Americana de Saúde. Site OPAS. Acessado em outubro 14, 2022, em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>

³⁴ INSTITUTO MARIA DA PENHA. (Sem ano). Quem é Maria da Penha. Site Instituto Maria da Penha. Brasil. Acessado em outubro 14, 2022, em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>

omissão e tolerância de práticas de agressão doméstica em relação às mulheres brasileiras. Foi recomendado ao Brasil, através da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, uma série de medidas para conter, punir e investigar a violência doméstica.

A violência doméstica e familiar pode ser definida no artigo 5º da lei supracitada lei, como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” e estabelece as possibilidades em que a lei poderá ser aplicada. São elas:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual”..(Brasil, 2006)³⁵

As Nações Unidas estabelecem alguns dos fatores que contribuem para a violência contra as mulheres, o que mais chama atenção para o presente estudo em relação ao gênero é que, em sua maioria é praticada por parceiros. De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde), cerca de uma a cada três mulheres em todo o mundo foram vítimas de violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros em suas vidas, isso equivale a 35% das mulheres do mundo, e 38% dos assassinatos cometidos contra as mulheres são realizados um parceiro masculino. (OPAS, sem ano)

O Relatório A Vitimação de Mulheres no Brasil, organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontou que segundo pesquisas, a maior parte da violência de gênero é realizada por homens contra meninas e mulheres(Ross, 2018). Ademais, apontou as seguintes constatações:

No Brasil, a violência de gênero mais comum é aquela causada pelo parceiro da vítima, seja atual ou passado, podendo se manifestar de

³⁵ Lei Maria da Penha. Acessado em:10, outubro, 2022:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

diferentes formas: física, psicológica, moral, sexual, patrimonial. Concretiza-se em atos como ameaças, xingamentos, humilhações, perseguições, agressões físicas, estupro e, em sua forma letal, os feminicídios. (Relatório Visível e Invisível, 2021, p. 26)

É uma modalidade de violência que transcende diferenças socioeconômicas e geográficas, mas ao mesmo tempo se entranha no cotidiano como prática silenciosa e silenciada. Permeada por sentimentos como medo e culpa, e, não raro, dificuldade da própria vítima em reconhecer a violência sofrida. Isso pode se explicar, em parte, pelo fato de se tratar de um tipo de violência de certo modo naturalizado e tolerado socialmente, e que costuma ocorrer dentro de casa, na esfera privada. (Relatório Visível e Invisível, 2021, p. 26)

No que se refere à classe nos casos de violência de gênero, a OMS aponta que nos contextos de alta renda, a educação escolar contribui para a prevenção da violência entre os jovens. Por sua vez, em relação às camadas de baixa renda, estudos apontam que o uso de drogas ilícitas, o consumo de álcool, a baixa escolaridade e o desemprego agravam a ocorrência de violência de gênero. (Vieira, Pordeus, Ferreira, Moreira, Maia, Savioli, 2008)

Com a pandemia do Covid-19, a violência doméstica contra o gênero feminino não deixou de existir, muito pelo contrário, no estado de Minas Gerais, a cada hora 17 mulheres são vítimas de violência doméstica. Segundo levantamento da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública - SEJUSP, divulgado na Revista Tempo, somente no período de janeiro a novembro de 2019, cerca de 404 mulheres sofreram violência doméstica por dia.”³⁶ E o aumento da violência doméstica contra a mulher aumentou não só em Minas Gerais, foi um fenômeno mundial iniciado na China, se espalhando juntamente com a pandemia para os demais países e estados do Brasil. “No primeiro mês de quarentena na Europa, o número de casos quase dobrou comparado aos registrados no mês anterior à pandemia.”. (Siqueira, H. C. B. ., Silva, V. O. B. ., Pereira, A. L. S. ., Filho, J. D. G. ., & Silva, W. R. da, 2020, p. 221)

Segundo o Ministério da Mulher, entre os dias 17 a 25 de março, período em que as medidas de isolamento social entraram em vigor,

³⁶ <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1230/972>. Acessado em 13 de março de 2023.

as denúncias de violência doméstica verificadas através do número de ligações recebidas no canal do governo federal (canal 180), aumentaram em quase 9%. Entre os dias 1º e 16 de março de 2020, o número de ligações foram de 3.045 e 829 denúncias; já entre os dias 17 e 25 de março, esses números pularam para 3.303 e 978, respectivamente.” (Siqueira, H. C. B. ., Silva, V. O. B. ., Pereira, A. L. S. ., Filho, J. D. G. ., & Silva, W. R. da, 2020, p. 219)

A mesma entrevista citada alhures da Unicamp com as psicólogas Simone Mainieri Paulon e Marília Jacoby promoveram durante a pandemia, atividades remotas, e, junto à ONG Themis - Justiça de gênero e Direito Humanos, disponibilizando canais de escuta sistemática com atividades em grupos ou em determinados casos, através de canais virtuais como o Facebook e Instagram, espaços de acolhimento, promoção de saúde mental, e orientações sobre o acesso à justiça, serviços da rede pública de saúde, atividades culturais e encontros remotos.³⁷ Em seguida, apresentaram um quadro com os tipos de violência doméstica sofridos por mulheres brasileiras durante a pandemia, constatando que as mulheres negras foram as que mais sofreram violência doméstica neste período:

³⁷ <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>. Acessado em 22 de março de 2023.

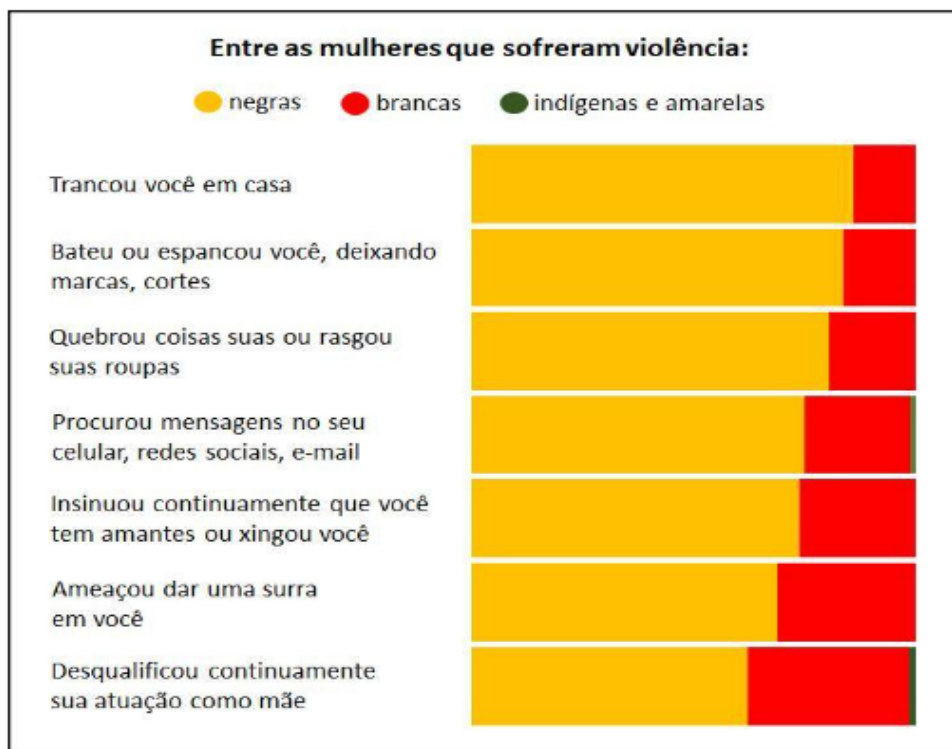


Figura 7: Tipos de violência doméstica sofrida por mulheres brasileiras durante a pandemia.

Fonte: Relatório Pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia

Desta forma, diante do confinamento os números de violência doméstica cresceram assustadoramente, pois a vítima ficou mais vulnerável uma vez que ela e o agressor dividem o mesmo teto, ficando juntas por muito mais tempo, mas esses casos nem sempre são notificados, pois é muito mais difícil realizar uma denúncia quando se está ao lado do agressor, contribuindo para as subnotificações que mascaram a realidade das agressões, dando uma falsa impressão de que a situação está se apaziguando. Ademais, o distanciamento dos espaços sociais e coletivos de convívio com outras mulheres que interagem através do diálogo, tornam ainda mais difícil a identificação da violência doméstica. (Campos et al., 2020, p. 11-12 citado por Mainart e Silva, 2021)

Conforme exaustivamente falado, esta pandemia propiciou diferentes quarentenas para as pessoas, já nos primeiros meses “*houve um crescimento médio de 14,1% no número de denúncias feitas ao “Ligue 180” em relação ao mesmo período de 2019³⁸*”. As campanhas de

³⁸ LIMA, Everton. (2021, novembro). Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19. Portal FIOCRUZ Brasil. Brasil. Acessado em agosto 12, 2022, em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19>

confinamento do “fique em casa”, tiveram um outro contexto para as mulheres que sofrem violência doméstica e para a população LGBTQI+, trazendo externalidades negativas oriundas da aproximação diária com seus parceiros e familiares em seus próprios lares. “Além disso, o vício em álcool, drogas e jogos de azar por homens em momentos de crise, usados como uma estratégia de enfrentamento, acabam contribuindo para o aumento da violência contra mulheres e meninas em casa (UZOBO et al, 2021) Otávio Diniz de Araujo Furtado”.³⁹

Ademais, segundo Barbosa e Outros (2018), o confinamento das mulheres em seus lares junto com seus companheiros ou familiares acirra o comportamento de determinados padrões na sociedade patriarcal, e concentra no ambiente doméstico as violências vivenciadas pela sociedade. “tornando-as mais evidente e fazendo emergir esse fenômeno como uma questão de gênero, portanto intimamente ligada às estruturas patriarcais, que se manifestam através do sexismo e machismo”.(Barbosa, Lima, Santos, Lanna, Andrade,2018).

É possível ter em mente que o confinamento entre uma vítima e agressor, obrigados a ficarem debaixo do mesmo teto, em cubículos de moradia, que muitas vezes contam com apenas um cômodo, gera uma situação de risco e conflito interpessoal infinitamente maior do que para aquela que divide um espaço maior. “Nesse sentido, cabem reflexões interseccionais acerca dos marcadores de raça, gênero e classe social, dentre outros, que se relacionam e se destacam na produção de desigualdades, impactando o acesso qualificado à saúde, à educação, ao emprego e renda, à justiça etc., e que são relevantes para a discussão sobre a violência contra as mulheres.” (Lavor Filho et al., 2018, citado por Barbosa, Lima, Santos, Lanna, Andrade).

Para Martins et al. (2020), a tendência de violência contra a mulher no contexto de quarentena é maior em situações em que a mulher passa a trabalhar em casa ou tenta manter a renda por meio de trabalhos informais, ao passo que as tarefas domésticas se multiplicam conforme mais pessoas ficam em casa por um período também maior. A sobrecarga de trabalho feminino nos cuidados com a casa, filhos, outros familiares, além do trabalho doméstico e de seu próprio trabalho remunerado, podem reprimir a capacidade das mulheres de

³⁹ Furtado, Otávio Diniz de Araujo. (2022). A violência doméstica contra as mulheres durante a pandemia da covid-19: causas e consequências. In ANAIS DO I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE (ON-LINE) – Resumos Expandidos. Editora Omnis Scientia. Triunfo – PE. Acessade em outubro 12, 2022, em: <https://editora.editoraomnisscientia.com.br/livroPDF/4-10598925457-09032022114218.pdf>

esquivarem-se de conflitos com seus agressores, tornando-as mais sujeitas à violência psicológica e à coerção sexual. Em somatório, Martins et al. (2020) destacam ainda outros fatores que contribuem para reprimir as mulheres no contexto da pandemia, como é o caso do desemprego, perda do sustento e dependência financeira, que se tornam obstáculos capazes de impedir que a mulher rompa a relação abusiva na qual se encontra. O aumento do consumo de bebidas alcóolicas e até mesmo de drogas ilícitas por parte dos agressores também é um agravante. Embora o isolamento social por si só não produza a violência, ele dá visibilidade às relações de poder historicamente construídas, que provocam a intersecção da questão de gênero, de raça e de classe (Gonzaga: Cunha, 2020 citado por Leite, R., Vasconcelos, M. ., Santos, A. ., Santos, T. ., & Drebes, L. M. 2021).

Com a pandemia, os serviços de atendimento à vítima estavam fechados para atendimento presencial mas as audiências e delegacias estavam funcionando de forma virtual, isso contribuiu para a inibição da vítima, pois as denúncias são feitas por telefone e a audiências de forma virtual, o que dificulta sua defesa pois muitas vezes ela está em uma casa pequena ao lado do agressor. “No período que abrange a pandemia de Covid-19, a rede nacional registou 15.919 atendimentos, fazendo agora, e desde a última quinzena de Maio, uma média de 4500 atendimentos, cada vez mais presenciais à medida que o desconfinamento avança, e que são quase o dobro dos 2500 atendimentos em média nas quinzenas de Abril.”⁴⁰ Outro fator que dificultou a busca pela ajuda da vítima, foi o fato de que as instituições de saúde redirecionaram sua atenção prioritária para atender os casos de Covid- 19, deixando em segundo plano o atendimento de mulheres vítimas de violência. (Martins et al., 2020 citado por Leite, R., Vasconcelos, M., Santos, A. ., Santos, T. ., & Drebes, L. M. . (2021).

Vários países afetados pelo COVID-19, viram aumentos nos níveis de violência ocorrendo em casa, incluindo violência contra crianças, violência contra parceiros íntimos e violência contra idosos. Os países

⁴⁰ Público. (2020, junho). Covid-19. Pandemia agudizou situações de violência doméstica já existentes. Autor – Lusa. Site Público – Categoria Sociedade. Acessado em janeiro 18, 2021, em: <https://www.publico.pt/2020/06/16/sociedade/noticia/covid19-pandemia-agudizou-situacoes-violencia-domestica-ja-existentis-1920817>

também enfrentam desafios crescentes para manter o apoio e a atenção aos sobreviventes da violência. Este resumo compila ações-chave que o setor da saúde pode empreender em uma resposta multissetorial para prevenir ou mitigar a violência interpessoal com base nas orientações existentes da OMS”.⁴¹

Esse fenômeno de subnotificações pode ser entendido como as “cifras negras”, ele é “utilizado para designar o número desconhecido das infrações que escapam às estatísticas policiais e que as autoridades judiciárias nunca chegaram a conhecer”(Cunha, p.54, 2019). É o que ocorre nos casos de violência doméstica e também nos casos de subnotificações nos casos de Covid-19 das favelas do Brasil.

O que se pode verificar é a evidente diminuição pela busca dos serviços de atendimento e proteção às mulheres, o que oculta dados dessa realidade. Fato que apenas enfatiza ainda mais a problemática causada pela (in)visibilidade histórica da violência doméstica e familiar e a subnotificação desse tipo de crime: em um momento que se debate questões de saúde pública e proteção à vida através do isolamento social, milhares de mulheres vivem um verdadeiro terror sob essas condições (Barbosa., et al., 2020 citado por Leite, R., Vasconcelos, M. ., Santos, A. ., Santos, T. ., & Drebes, L. M. . (2021).

Um estudo apresentado pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP) registrou que mais de 250 mulheres foram vítimas de violência por dia durante o isolamento social em 2020 no Rio de Janeiro, sendo que 61% desses homicídios aconteceram dentro das residências das vítimas. Justamente nesse período no ano de 2020, o Brasil teve uma drástica redução sobre o montante destinado à pasta para proteção às mulheres, alterando de R\$100,7 milhões, para 30,6 milhões em 2021, e o mísero valor de 9,1 milhões em 2022, conforme os dados da Folha de São Paulo.⁴² . Ocorre que, apesar do aumento do número de casos de violência de gênero na

⁴¹ WHO. (2020). Addressing violence against children, women and older people during the covid-19 pandemic: Key actions. Site World Health Organization. Acessado em 14, maio 2022.: https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Violence_actions-2020.1

⁴² Folha de São Paulo. (2022, setembro). Acessado em novembro 10, 2022, em : <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/bolsonaro-cortou-90-da-verba-de-combate-a-violencia-contra-a-mulher.shtml>.

pandemia , houve queda de 27% dos casos em relação ao mesmo período de 2019, quando houve 102.344 vítimas. (Índio do Brasil, 2020)

Para o ISP, isso pode indicar uma subnotificação provocada pelas restrições adotadas durante a pandemia. Em janeiro deste ano, o total de mulheres vítimas alcançou 12.924 e ficou próximo do que tinha sido anotado no mesmo mês de 2020: 10.878. Já em maio de 2020, um dos meses com maior taxa de isolamento social, as delegacias da Secretaria de Estado de Polícia Civil registraram 4.903 casos de violência contra a mulher, o que significa redução acima de 50% se comparado com janeiro do ano passado”. (Índio do Brasil, 2020)

Algumas subnotificações ocorrem diante do descaso do Estado com a população em relação a raça/cor/etnia, “nos sistemas de informação da saúde e da segurança pública, mesmo havendo um aparato legal que torna esse registro obrigatório.⁴³” O cavalheirismo judicial, está associado aos estereótipos ligados a mulheres brancas e de classe média, restando às mulheres de classe menos favorecida uma dupla criminalização. “Este cavalheirismo judicial apresenta uma conceção, notoriamente racista e classista. Isto é fundamentado pelas palavras de W. I. Thomas.”⁴⁴, confirmando que o género não é uma categoria homogénea. “No entanto, o cavalheirismo judicial, apenas é usado e está reservado para as mulheres menos propensas a terem algum tipo de contacto com o sistema judicial, ou seja, “ladies” e as mulheres brancas (caucasianas) de classe média (Klein, 1995). (Peres,2017)”. Apesar da expressão não ser mencionada em relação às subnotificações na pandemia, é possível adaptá-la também em relação ao descaso em relação a notação dos registos obrigatórios nos sistemas de segurança e instituições públicas quando deveriam especificar a cor/raça das mulheres vítimas de agressão, mas nem sempre tal registro é lançado, inviabilizando o real levantamento de dados e possíveis políticas públicas que poderiam ser voltadas para a diminuição dos índices de agressões ou mortes dessas mulheres.

De acordo com o Human Rights Watch, as mulheres que tentam acusar criminalmente estupradores dificilmente têm seus casos levados a

⁴³<https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2021/Pandemia-escancara-viol%C3%A2ncia-contra-popula%C3%A7%C3%A3o-negra> © 2023 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98. A sua publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia é proibida. Acessado em 17 de março de 2023.

⁴⁴ https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52329/1/Daniela_Costa_Peres.pdf. Acesso em 12/12/2021

juízo, especialmente nos casos que envolvem perpetradores de castas mais altas. Nos Estados Unidos, as mulheres negras e latinas raramente vêm os homens acusados de estuprá-las sendo processados e presos. Estudos sugerem que a identidade racial da vítima assume um papel significativo na determinação de tais resultados, e há evidências de que os jurados podem ser levados, pela propaganda sexualizada, a acreditar na maior probabilidade de que mulheres racializadas consentam em ter relações sexuais, em circunstâncias que eles achariam pouco prováveis se a vítima não fosse de uma minoria racial.” (Crenshaw, 2002, p. 178).

Além do telefone 180, utilizado para denúncias, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos criou mecanismos de auxílio para corroborar com as denúncias através de um aplicativo para proteção nos casos de violência contra mulher, um atendimento por chat, com acessibilidade para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e atendimento online através do Telegram. (BRASIL, 2020, citado por Leite, R., Vasconcelos, M. ., Santos, A. ., Santos, T. ., & Drebes, L. M. 2021). Infrutíferos. Esses meios de denúncias não foram eficazes, porque não são todas as mulheres que têm acesso a meios informatizados com acesso a internet para efetuarem as denúncias, ademais, até mesmo uma simples ligação é difícil pois na pandemia a agressor e vítima nunca estiveram tão próximos.

Assim, foi possível constatar que a pandemia acirrou situações de violência doméstica já existentes contra as mulheres, mas diante das subnotificações os números reais poderiam ser infinitamente maiores, porque conforme aqui trazido, a violência doméstica registrada nas delegacias caiu durante a pandemia diante da dificuldade da vítima realizar a denúncia, tendo em vista as restrições ao movimento da quarentena, fechamento de canais de proteção e contato diário com o agressor.

- **Um olhar sobre a queerentena dos lgbtqia+ na pandemia**

O Brasil é um país em que a homofobia é estrutural e velada pela população, assim como o racismo. De acordo com os dados coletados pelo do Sistema Único de Saúde (SUS), em 2020, “*a cada uma hora uma pessoa é agredida devido sua orientação sexual ou identidade de gênero*”.(CNS, 2021)

A situação pandêmica para a população LGBTQIA+ acirrou ainda mais os problemas vividos pela comunidade deixando a 'queerentena⁴⁵ das gays, lésbicas, bissexuais e transgênero com um peso diferenciado na pandemia do COVID-19, isso porque ficar em casa foi um enorme desafio para pessoas LGBTQI+ que são vítimas de violações de direitos humanos dentro de suas casas através de violências intrafamiliares, uma vez que foram forçados a permanecerem em casa ao lado dos parentes que muitas vezes foram os primeiros a praticarem agressões tanto psicológicas quanto físicas, aumentando ainda o sentimento de isolamento e solidão.

É sabido que onze estados no Brasil, dos vinte e seis existentes, ignoram as questões de gênero e não possuem registros de dados sobre LGTBI+fobia. Segundo Maite Schneider, mulher trans cofundadora da plataforma de uma plataforma que ajuda a empregar pessoas trans no trabalho "Transempregos", as pessoas transgênero não são reconhecidas como cidadãos e cidadãs legítimas que na sociedade brasileira. Uma pesquisa realizada pela Antra, apontou que a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada no Brasil, sendo que 82% dessas vítimas são pretas e pardas, e em 80% dos casos houve crueldade, apedrejamento e decapitação, revelando de acordo com o Relatório da Antra divulgado em janeiro de 2021 com base em dados de 2020 realizado por Mayara Kise um quadro de desumanização e transfeminicídio que intersecciona com classe e raça. (Brasil de Fato, 2022)

Em relação ao Covid-19, o mesmo relatório ainda apontou que na pandemia houve agravamento das desigualdades, e informou que 70% da população trans e travesti não tiveram acesso às políticas de emergência e ainda que houve um aumento de 34% da piora da saúde mental em relação ao ano de 2019. A fim de diminuir as externalidades negativas da pandemia, a ONG Transvest coordenada pela vereadora de Belo Horizonte, Duda Salabert, primeira Deputada Federal trans eleita em Minas Gerais, criou a Renda Mínima Trans, projeto que disponibilizou um valor de 100 a 200 reais por 14 meses para cerca de 250 travestis e transexuais de Belo Horizonte.

⁴⁵ Termo apresentado pelo projeto Histórias da Queerentena que buscou entender os impactos da pandemia entre as chamadas dissidências sexuais (termo considerado mais apropriado para expressar a complexidade das identidades de gênero não binárias, ou seja, que extrapolam os padrões convencionais do feminino e do masculino).

A iniciativa do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania da UFMG (NUH) coletou textos sobre vivências, testemunhos e reflexões, que serão reunidos em um livro nos formatos digital e impresso. Pablo Pérez Navarro, professor visitante de estudos queer/LGBT, gênero e sexualidade no NUH, falou sobre o diferencial dos relatos escritos em primeira pessoa - UFMG. (Sem ano). População LGBT+ ficou mais vulnerável com a pandemia. Site Universidade Federal de Minas Gerais – Categoria Saúde Mental. Acessado em outubro 16, 2022, em: <https://www.ufmg.br/saudemental/noticia/populacao-lgbt-ficou-mais-vulneravel-com-a-pandemia/>

A empresária Maite Schneider, refletiu que a pandemia é um estado cotidiano para as pessoas trans, “pessoas trans já não eram queridas por perto, não eram chamadas para festas e eventos. Agora, as pessoas trans que estavam começando suas carreiras nas empresas, sofreram com as demissões em massa e acabaram voltando para casa de seus familiares e pela falta de aceitação, algumas tiveram que ‘destransicionar.’” (Brasil de Fato, 2022)

Segundo o acadêmico Ilan Meyer, as pessoas LGBTQ+ estão expostas aos processos sociais que podem ser entendidos como “estresse das minorias”. Isso quer dizer que são pessoas em alerta constante de sofrerem violências diversas (verbal, moral, psicológica e física). A percepção que se está na iminência de sofrer uma agressão ou revivendo a memória de uma violência gera um constante estado de alerta.” (Diagnóstico LGBTQ+, 2021; PIMENTEL, 2020).

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em uma entrevista realizada em dezembro de 2020 concluiu que 94% dos entrevistados informaram que acreditavam que o mercado de trabalho é seletivo e não está aberto para a contratação de pessoas trans.

Mas não foi apenas a pandemia que impactou na entrada de pessoas trans no mercado de trabalho. Segundo mapeamento da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo, por exemplo, apenas 13% das travestis e 24% das mulheres transexuais moradoras da cidade declararam possuir trabalho formal.(Bronze, 2021)

A pesquisa acima mencionada está em consonância com os relatos apresentados pelo Diagnóstico LGBTQIA+ na Pandemia, acima mencionado:

Não tenho curso superior, não sei como fazer uma renda extra além da prostituição." NÃO-BINÁRIE PRETA PAN CLASSE D "

Depender de ruas em tempos de pandemia é o erro clientes não vão às ruas. MULHER TRANS BRANCA HÉTERO CLASSE C

Falta de empregabilidade, sem renda e residência fixa. Estou com bastante dificuldade para pagar o lugar que moro, as contas. HOMEM TRANS PRETA HÉTERO CLASSE D

Impacta um pouco por que o mercado de trabalho não abre oportunidade pra nós, as portas são mais fechadas. É a dificuldade das trans travesti, homem, trans, passando no mercado de trabalho."

MULHER TRANS BRANCA BI CLASSE D. (Diagnóstico LGBT+, 2020).

Desta forma, pode-se dizer que o confinamento da pandemia do COVID-19 trouxe impactos maiores na esfera psicológica e também na esfera econômica e em relação às agressões e violência doméstica para a população LGBTQIA+. O confinamento destes gerou com a família maiores desgastes emocionais e conflitos que acabaram gerando violência emocional e até física.

De acordo com o Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, feito por Acontece LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia, 161 mulheres trans e travestis foram assassinadas no país em 2020. O número é o maior entre as pessoas LGBTQIA+ e representa 67,9% do total de mortes de pessoas integrantes da comunidade assassinadas em 2020. (Bronze, 2021).

A pesquisa levantada pelo #VoteLGBT, apontou ainda que 55% da população LGBTQIA+ teve piora na saúde mental, financeira durante a pandemia⁴⁶. Nesse contexto, a questão psicológica foi a mais relevante nesta interseccionalidade: "As limitações e as incertezas do momento atual também podem agravar problemas preexistentes de saúde mental, comuns entre as pessoas LGBT+, como solidão, depressão, ansiedade e ideação suicida⁴⁷."

Ao contrário da fragilidade emocional que, como vimos, é um problema muito mais sério entre os mais jovens, os problemas de isolamento social se acentuam com a idade para pessoas LGBT+. Apenas as

⁴⁶ "Os dados, que mostram um agravamento da situação psicológica e financeira dessas pessoas, são de um trabalho realizado pelo coletivo #VoteLGBT, em parceria com a Box1824, especializada em pesquisa de mercado. O levantamento atualiza uma pesquisa lançada em junho de 2020, que ouviu mais de 7 mil pessoas das classes B e C, nas cinco regiões do país, e trouxe três impactos principais para essa população durante os primeiros meses da pandemia, incluindo a piora da saúde mental, o afastamento da rede de apoio e a ausência de fonte de renda." - ROCHA, Lucas. (2021, junho). 55% da população LGBTQIA+ teve piora na saúde mental na pandemia, diz estudo. CNN Brasil. Brasil. Acessado em agosto 16, 2022, em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/55-da-populacao-lgbtqia-teve-piora-na-saude-mental-na-pandemia-diz-estudo/>

⁴⁷ UFMG. (Sem ano). População LGBT+ ficou mais vulnerável com a pandemia. Site Universidade Federal de Minas Gerais – Categoria Saúde Mental. Acessado em outubro 16, 2022, em: <https://www.ufmg.br/saudemental/noticia/populacao-lgbt-ficou-mais-vulneravel-com-a-pandemia/>

dificuldades ligadas ao convívio familiar são também muito relevantes para adolescentes, além de pessoas com mais de 55 anos. Quando se trata das novas regras de convívio social e, especialmente a solidão, este público mostra-se muito mais vulnerável; esse é um dado que coloca luz sobre um tema ainda muito pouco debatido no Brasil: as dificuldades específicas do envelhecimento de pessoas LGBT+”. (Diagnóstico LGBT+, 2020).

Uma pesquisa realizada pela UFMG e Unicamp informou que população LGBT está mais vulnerável ao desemprego e à depressão por causa da pandemia, desses entrevistados, concluíram que 21,6% dos LGBTs estão desempregados enquanto que o índice total no Brasil é de 12,2%⁴⁸, segundo o IBGE.⁴⁹. No mesmo sentido, o Diagnóstico LGBT+ na Pandemia do ano de 2020, apresentou um documento intitulado *Desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus*, que mostra como o confinamento afetou a saúde mentais dos entrevistados e destaca que os três maiores impactos da pandemia na população LGBTQIA+ foram os seguintes: 1º Piora na saúde mental ; 2º Afastamento da rede de apoio; 3º Falta de fonte de renda. O aludido Diagnostico trouxe importantes relatos de pessoas LGBTQIA+ no contexto da Pandemia, como perda de emprego, conflitos familiares, agressões e transtornos psicológicos:

Estava estudando e a escola parou. Estou triste, perdi auxílio que [a] escola dava. Isolamento, solidão, tristeza, queria que acabasse essa pandemia. Sim perdi os estudos, quero me formar, ser alguém. Tristeza pelo o que estou passando, moro em albergue também." MULHER TRANS, PRETA, HÉTERO, CLASSE D

⁴⁸ Alvarenga, Darlan; Silveira, Daniel. (2020, abril). Desemprego sobe para 12,2% no 1º trimestre e atinge 12,9 milhões. Site G1 – Categoria: Economia. Brasil. Acessado em: 12, junho, 2022, em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/30/desemprego-sobe-para-122percent-em-marco-e-atinge-129-milhoes.ghtml>

⁴⁹ Ramos, Marcelo Maciel; Nicoli, Pedro Augusto Gravatá; Pedra, Caio Benevides. (2020, junho). Fora do armário e dentro de casa? Integrantes do Grupo Diverso, da Faculdade de Direito, refletem sobre os direitos humanos de pessoas LGBT+ na pandemia. Site Universidade Federal de Minas Gerais – Notícias. Minas Gerais. Acessado em: 12, junho, 2022. , em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/fora-do-armario-e-dentro-de-casa>

O impacto maior é ficar em quarentena com minha família. Como tenho que dividir residência com pessoas que não me aceitam como GAY, me sentir confortável, dialogar livremente, me sentir pertencente, é algo inexistível. Sinto falta da rua, sinto falta dos meus amigos. A solidão está insuportável, vejo uma casa lotada mas me sinto mais só do que nunca." MULHER CIS BRANCA LÉSBICA CLASSE B

Ter que ficar "enclausurada" com algum familiar que não entende e/ou respeita a sua orientação sexual é, ao passar dos dias, sufocante. Até um corte de cabelo vira motivo para algum problema." MULHER CIS BRANCA LÉSBICA CLASSE D

Distanciamento dos amigos com quem costumava me reunir frequentemente. Moro sozinho, de aluguel, sem renda fixa, isolado da família e amigos etc." HOMEM CIS BRANCA GAY CLASSE D

Parte importante da minha sociabilidade depende de encontros marcados por aplicativos ou idas em bares / baladas. Moro sozinho, então sem essas opções de sociabilidade eu sinto muito sentimento de solidão, fracasso, abandono etc, sentimentos de que já existiam foram potencializados pelo isolamento social. HOMEM CIS BRANCA GAY CLASSE B". (Diagnóstico LGBTQIA+, 2020).

Após um ano, em 2021, o mesmo Diagnóstico acima narrado ponderou que “6 em cada 10 pessoas LGBTQIA+ tiveram diminuição ou ficaram sem renda por causa da Pandemia de Covid-19”, e ainda que diante do agravamento da pandemia seguido do isolamento social, parte da população LGBTQIA+ sofreu com a perda de renda, perda de parentes e amigos, perda da vida social. No que se refere à vulnerabilidade financeira dos LGBTQIA+ na pandemia pesquisas apontam que grande parte desse grupo trabalha com serviços informais e sofrem com a seletividade do mercado de trabalho que emprega em sua maioria pessoas heterocisgenero, “com a perda de renda

causada pela pandemia, 41,53% da população LGBTQIA+ está em situação de insegurança alimentar. Em relação às pessoas trans, o percentual sobe para 56,82%.”⁵⁰.

Apesar do aumento da violência de gênero, os números de Violência Doméstica registrados nas delegacias caíram durante a pandemia, a violência não deixou de existir, isso se dá porque existem subnotificações dos casos uma vez que a vítima encontra dificuldades para procurar auxílio e acaba desistindo de denunciar o agressor. Neste sentido, Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, e Bruna G. Benevides, secretária de Articulação Política da ANTRA, destaca que os registros de violência doméstica realizados nas delegacias caíram consideravelmente, mas não pelo fato de deixarem de existir, e sim pela dificuldade de acesso aos equipamentos públicos. “quem trabalha no dia a dia tem a impressão de que a violência não caiu, muito pelo contrário, os casos que estão chegando, são casos com violência ainda mais intensa e os registros de feminicídio não estão caindo”. (Antra,2020)

Essa invisibilidade é resultado de uma sociedade machista, misógina, racista e cissexista⁵¹ que é conivente com as atrocidades contra essas minorias, fruto da ausência de amparo político para a comunidade LGBTQIA+ que sofre em todos os níveis de suas vidas as exclusões sociais e agressões na esfera física e mental. A situação seria menos caótica se existissem mais políticas públicas para proteção desta população tendo em vista que conforme o artigo 5º da Constituição da República de 1988, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”

- **Objetivos**

O presente estudo tem como objetivo relacionar o impacto da pandemia do Covid-19 no Brasil com a interseccionalidade do gênero, classe e raça, em relação a determinados corpos vulneráveis, sobretudo em relação ao gênero feminino que mais sofre com a dupla vulnerabilidade

⁵⁰<https://www.cnnbrasil.com.br/business/seis-em-cada-10-pessoas-lgbtqia-perderam-renda-ou-emprego-na-pandemia/>. Acesso em 22/11/2022.

⁵¹ Segundo a pesquisadora e ativista transfeminista, Viviane Vergueiro, o cissexismo consiste em um conjunto de normas silenciosas e sutis que atuam como pontos-base para a padronização dos corpos definindo o que é homem e o que é ser mulher. (<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>)

na atual sociedade sexista e racista que sobrecarrega a mulher com a imposição de padrões advindos do cisheteropatriarcado, além de mais especificamente pretende-se:

- Conceituar a pandemia do Covid-19 no contexto brasileiro.

- Identificar quem são os vulneráveis na pandemia no Brasil.

- Indagar se todos no Brasil têm condições de cumprir as recomendações da OMS como o distanciamento social, a etiqueta respiratória, higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes e isolamento de casos suspeitos.

- Conceituar o termo necropolítica relacionando com a interseccionalidade na pandemia do Brasil.

- Especificar a questão do gênero feminino na perspectiva de Judith Butler e em seguida a posição da mulher na sociedade patriarcal.

- Relacionar a interseccionalidade na pandemia com a questão de subempregos e desempregos que mais afetam o gênero feminino interrelacionando a classe e a raça.

- Demonstrar a questão do “care’, que impõe desde sempre às mulheres o cuidado com todos em sua volta, sobrecarregando suas vidas com incansáveis jornadas de trabalho em seus lares, cumuladas ao trabalho formal afetando seus modos de vida e saúde mental.

- Expor a dupla vulnerabilidade da mulher, no contexto da pandemia, com duplas jornadas, sobrecarga de tarefas nos lares e ainda o aumento significativo de violência doméstica, feminicídio, e o motivo das cifras negras neste momento.

8. Método de investigação.

Foi utilizado o método de amostragem não probabilística por conveniência e do tipo bola de neve, visto que algumas entrevistadas indicaram outras, contribuindo para a amostra de dados. As entrevistas foram focalizadas no tema pandemia do Covid-19, permitindo liberdade entre as falas, mas não deixando-as correr sem um enredo, para que não fosse disperso o assunto principal.

As participantes foram perqueridas com as seguintes perguntas e conforme a profundidade da coleta de dados houveram desdobramentos gerando outras perguntas, variando de acordo com cada entrevistada: 1) A pandemia teve impacto na sua vida familiar? De que forma a afetou e à sua família? 2) A pandemia teve impacto na sua vida ao nível económico/financeiro? De que modo? 3) A pandemia teve impacto em si ou nas pessoas à sua volta em termos psicológicos e emocionais? 4) A pandemia trouxe algum impacto para a sua vida escolar, ou de seu filho/ irmão ou alguém do seu núcleo? 5) Consegue lembrar-se de alguma situação que sentiu amparada pelo poder público na pandemia? Pode me contar como ocorreu? 6) Existiu alguma situação que sentiu desamparada pelo poder público na pandemia? Quando? 7) Em algum momento sentiu acolhida por alguma instituição

A amostra foi constituída por 10 mulheres, compondo um público com variações de idades entre 20 a 65 anos, diferentes profissões, estado civil e escolaridade do nível médio ao doutorado, que residiam em Belo Horizonte e Nepomuceno, cidades brasileiras que pertencem ao estado de Minas Gerais, no período de novembro de 2021 a novembro de 2022, com o seguinte perfil:

8.1. Participantes

Tabela 1: Participantes

PERFIL DAS ENTREVISTADAS ESCOLHIDAS PARA AS ANÁLISES:						
Participantes	Nome ou nome Ficto	Cor Autodeclarada	Idade	Estado Civil	Profissão	Nível Escolaridade
1	Márcia	Negra	65	Solteira	Aposentada e Cuidadora de Idosos	Ensino Médio Completo
2	Cristiane	Parda	41	Casada	Professora	Doutorado

3	Morgana	Branca (mulher trans)	25	Solteira	Cabeleireira, designer de roupas, “faz alguns bicos em outros lugares também”.	Ensino Médio Completo.
4	Maria de Lourdes (Lurdinha)	Parda	58	Amasiada (Casada)	Diarista (Faxineira)	Primeiro Grau Completo
5	Maria	Branca	39	Solteira	Advogada	Superior Completo
6	Lucimara	Branca	52	Solteira	Trabalhadora Sexual e Artesã (crochê).	Segundo grau completo, Técnico em contabilidade.
7	Aparecida (Cidinha)	Negra	64	Solteira	Redutora de Danos, ex trabalhadora sexual	Segundo Grau Completo
8	Elisabeth	Branca	52	Casada	Psicóloga	Superior Completo

As participantes tiveram a opção de usar o próprio nome ou um nome fictício, para resguardar suas confidencialidades. Perguntada a cor que se autodeclara, a cidade que reside, estado civil, nível de escolaridade e profissão. As respostas nem sempre foram longas, dado ao fato da personalidade mais retraída de algumas entrevistadas, mas ainda assim, os resultados não foram prejudicados. Em todos os casos as entrevistas aconteceram com o livre consentimento e interesse em participar da investigação, formalizando as participações por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

8.2. Instrumento de recolha de dados e procedimento

Em relação ao procedimento utilizado, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, para os dados qualitativos, com análise de conteúdo, mediante entrevistas realizadas com mulheres que puderam contribuir para o estudo através de suas realidades e contextos vividos durante a pandemia. As entrevistas foram em sua maioria realizadas nos domicílios das entrevistadas, exceto duas, que prefeririam que fosse realizada via telemóvel. Para captar com maior precisão foi utilizado gravador de voz, mediante autorização das entrevistadas para que não fosse perdida nenhuma fala e a transcrição das falas se desenvolvesse da forma mais fidedigna possível. Assim, todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente submetidas à análise de conteúdo. O estudo teve parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade do Minho.

À parte o lado humano, esse tipo de coleta de dados coloca a necessidade de o pesquisador fazer o que Mettel (1988) define como sendo o "bom uso da tecnologia" e que significa nesse caso lançar mão do recurso "gravação" para poder ao mesmo tempo auferir a vantagem da maior preservação possível do discurso dos entrevistados, e evitar o seu comprometimento, bem como da própria interação, pela tarefa de tomar nota das respostas".⁵²

- **Resultados**

A presente pesquisa buscou compreender os impactos da pandemia do Coronavírus para o género feminino em uma perspectiva interseccional. A técnica utilizada para o apuramento dos resultados foi análise de conteúdo. Para se alcançar os resultados, foi utilizado o método dedutivo, com categorias definidas no sentido de identificar as percepções das entrevistadas sobre os efeitos da pandemia do Covid-19 em suas vidas buscando analisar a interseccionalidade existente em suas falas.

Assim, a entrevista semi estruturada foi bastante desafiadora para a pesquisa. Não são todas as pessoas que possuem facilidade e desprendimento para relatarem com detalhes momentos de sua vida, para uma entrevista em que a entrevistadora acabou de se apresentar. Muitas vezes as perguntas geradoras remetem a emoções como perda de entes queridos ou situações vividas

⁵² ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. (2012, maio). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Fascículo publicado em julho de 1992. *Revista Paidéia*. Ribeirão Preto. Acessado em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yKQmzXgZMrhBCMkdbYvJYj/?lang=pt>

durante da COVID-19, e a condução da entrevista deve saber respeitar esses momentos e tentar usufruir das informações prestadas, sem se tornar invasiva para o sujeito entrevistado.

Exploração do Material - Definição da Categorização - Detalhamento das Entrevistas

André e Lüdke (1986), explicam que a categorização não deve esgotar a análise, deve ir além e ultrapassar a descrição de modo que acrescente “*É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações*” (André e Lüdke citado por Bartelmebs, p.49⁵³)

No presente estudo, as categorias foram divididas da seguinte forma: Categorias: O IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA FAMILIAR, Subcategorias: O impacto da pandemia na vida econômica, Subcategorias: O impacto da pandemia em termos psicológicos e emocionais, Subcategorias: O impacto da pandemia na vida escolar, Categorias: O AMPARO DO PODER PÚBLICO NA PANDEMIA, Categorias: O AMPARO DAS INSTITUIÇÕES NA PANDEMIA.

CATEGORIA: O IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA FAMILIAR

Inclui nesta categoria como a pandemia afetou a rotina familiar, resultando em alterações e modificações vivenciadas na estrutura doméstica das entrevistadas. Aqui, as entrevistadas demonstraram de uma forma geral que sofreram nítido impacto em suas vidas familiares principalmente em relação a rotina em seus lares. Foi observado também o aumento da carga de emocional; incumbência de cuidado de parentes próximos; aumento de conflitos em casa, diante do confinamento; alteração do regime de trabalho e escolar, trazendo o desafio do ensino à distância e um desafio pessoal para as mães que ficaram encarregadas do acompanhamento escolar dos filhos. Essas mudanças trouxeram transtornos e conflitos para a vida familiar das entrevistadas. O ambiente familiar passou a ser concorrido com o ambiente escolar dos filhos e ambiente laboral, tornando a rotina desgastante e pesada porque o ambiente não era delimitado

⁵³ http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf. Acessado em 23 de março de 2023.

e adequado resultando em cobrança pessoal excessiva para conseguirem se desdobrar para conciliar (lar/trabalho/escola dos filhos).

E1: “Três amigas minhas morreram com a pandemia, então isso pra mim afetou a família e me afetou também. Eu fiquei muito chateada com isso”.

E2: “Teve um impacto enorme porque eu comecei a dar aula online e aí eu tive que conciliar o trabalho de ser mãe, dona de casa.”

E3:” Como mora só eu e minha mãe, ela é minha família, e como na pandemia ficamos muito tempo juntas, acabou que teve conflitos familiares que é normal de toda família, desavenças, cabeça cheia, coisas assim mesmo..”

E4:”Teve, muito, bastante.. Porque no meu caso mesmo, que eu sou diarista, o movimento caiu muito, o pessoal não podia chamar a gente, não podia ir trabalhar porque a pandemia tava demais, o vírus só alastrando, alastrando... E ninguém me chamava para trabalhar, pra mim né, para meu marido não, ele continuou normal.”

Através das entrevistadas foi possível perceber que esta categoria abrange e dimensiona demais aspectos elencados, conduzindo mais subcategorias: psicológica, escolar e em relação ao impacto financeiro, que envolve as categorias poder público na pandemia, uma vez que este não foi eficaz para amparar todas as entrevistadas. e também acerca das instituições na pandemia que serviram como apoio emocional e contributivo para algumas entrevistadas.

SUBCATEGORIA: O IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA ECONÔMICA

Incluem nessa categoria todos os aspectos relacionados às externalidades oriundas da ausência de trabalho, renda ou emprego vivenciadas pelas entrevistadas durante a pandemia. Algumas entrevistadas que sofreram com a ausência do amparo do poder público foram justamente aquelas de classes mais baixas, que não tiveram acesso ao home office, e por conseguinte foram as mais prejudicadas, tanto em relação a perda de renda própria, quanto em relação a perda de renda familiar, que tiveram que arcar com todos os custos do lar. Dentro desta categoria encontram-se as autônomas que tiveram suas atividades que garantiam seu sustento e tiveram que parar de trabalhar, as mulheres que passaram a ser arrimo de família diante da ausência do trabalho dos demais entes da casa e que não conseguiram ter acesso ao auxílio do governo para amparo e complemento de renda.

E1; “No começo sim, porque eu não estava trabalhando, eu sou aposentada e aposentado ganha muito pouco. E como eu estava trabalhando com pessoas com um poder aquisitivo maior, eu ganhava bem.. Mas como agora eu estou com pessoas de nível mais baixo, então para mim tava sendo terrível, eu não conseguia colocar minhas coisas em dia como eu colocava antes. Me tirou da rotina.”

E3: “Muito, bastante, ainda mais para mim, que trabalho por conta própria, o movimento caiu demais e eu fiquei muito preocupada em relação a isso e qualquer coisa que estava aparecendo, eu tava indo para pode tava ganhando um lucrinho. Teve o auxílio emergencial, mas ele não foi suficiente para poder suprir nada não.”

E7: “Afetou sim, meus filhos ficaram desempregados, e foi por isso que a gente passou aperto. Moro eu e mais 2 filhos e uma neta, só eu que estava trabalhando.”

SUBCATEGORIA: O IMPACTO DA PANDEMIA EM TERMOS PSICOLÓGICOS E EMOCIONAIS

Esta categoria se refere aos impactos vividos pelas entrevistadas em relação a questões emocionais e psicológicas enfrentadas pelas mulheres durante a pandemia. Importante salientar que todas as entrevistadas relataram que a pandemia trouxe impactos emocionais e psicológicos em suas vidas, independente da diversidade da personalidade das entrevistadas. A maioria das entrevistadas perderam parentes ou amigos próximos mencionando a tristeza de não poderem velar pelos mortos e também o medo em relação ao vírus desconhecido, a incerteza de quanto tempo a situação ia durar, o isolamento obrigatório, a falta do afeto das pessoas próximas que tiveram que ficar distantes.

E1;” Sim, por causa das minhas amigas que faleceram.. Até hoje penso nelas e fico sensibilizada.”

E2: “Sim, muitos, muitos mesmo. Porque conciliar todo esse isolamento com medo, com a questão de uma nova modalidade de trabalho, as crianças sem escola, e essa mudança brusca de rotina fez com que a gente ficasse muito frágil emocionalmente.”

E4:” Sim, eu tive aquela Covid que chamam de vida longa, então eu tive muitas sequelas, estou fazendo fisioterapia por causa do pulmão, que eu tenho muito cansaço, e agora para mim tá sendo o período mais difícil, porque depois da pandemia eu tive depressão... Tive mas medo de não saber o que fazer, medo de saber se eu ia sobreviver, eram vários tipos de medo....”

Relatam que tiveram que se adaptar às mudanças bruscas de rotina, sem tempo para processar tudo que estava acontecendo, diante de tantas responsabilidades tiveram que ter forças para cuidarem de seus parentes e de seus trabalhos e atribuições, e isso contribuiu para que ficassem muito frágeis emocionalmente. Algumas inclusive desenvolveram depressão.

SUBCATEGORIA: IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA ESCOLAR

Esta categoria se refere às mudanças ocorridas no âmbito escolar das entrevistadas em relação a si, seus filhos ou demais pessoas que convivem em suas relações sociais. Através da análise, foi possível constatar que a maioria das mulheres tiveram uma sobrecarga em relação a vida escolar de seus filhos ou entes próximos ou puderam acompanhar a rotina de mães que tiveram que se desdobrar para permitirem que seus filhos não ficassem prejudicados com a ausência do ensino presencial durante a pandemia. As mulheres com filhos ou parentes/vizinhos que estudavam em escolas públicas relataram que tiveram uma preocupação em relação a defasagem do ensino, em relação ao ensino particular, principalmente na fase de alfabetização. Também houve preocupação com o confinamento das crianças, situação que afetou a rotina de suas casas, deixando-as as relações familiares mais conflituosas, diante da ausência de interação escolar.

E2;” Trouxe, para todos nós, principalmente por eu ser professora. E eu reparo por exemplo, que os meus alunos no início eles ainda participaram da aula, ainda procuravam fazer as atividades. E já no final do meio da pandemia pra frente ninguém fazia mais nada, ninguém abria a câmara, ninguém dialogava comigo nas aulas. Era como se eu só falasse pra ninguém. E aí eu percebi que da mesma forma que eu estava sofrendo, que estava sendo difícil pra mim conciliar pra eles também estava... Percebi desgaste em relação aos meus dois filhos. Meu filho mais velho teve que começar a fazer terapia. Ambos estudam em escola particular. “

E5: ‘Pois é, não havia aula online como havia nas escolas particulares...Na escola pública, que é a dela, foi criado um grupo de Whatsapp em que eram enviadas atividades, tarefas, direcionando os pais e responsáveis o que era para orientar a criança, com as tarefas mesmo e a gente tinha que sentar com a criança e fazer as tarefas e como eu não tenho formação em professora em pedagogia, eu fiquei bem perdida no início, para mim foi bem complicado. Eu não tinha ideia de como eu ia passar o conteúdo para a criança, como eu ia ensinar e achei bem complicado...“

E7: "Meu filho ficou desempregado e ele estuda na UFMG (Filosofia) e ele ficou dois anos dentro de casa, e minha neta, filha dele também, não foi na escola mais e ela ficava também muito quieta, e de uma hora para outra ela ficou sozinha, então teve impacto sim."

Tal categoria resultou em aumento da carga psicológica das mulheres envolvidas, uma vez que estas não estavam preparadas para alfabetizar suas crianças ou até mesmo acompanharem via internet altas demandas de conteúdos sem a didática necessária ou sem o tempo necessário para o acompanhamento integral, como seria na escola. Foi observado ainda que as entrevistadas que puderam fazer *home office* se viram divididas com suas obrigações laborais e afazeres escolares de seus filhos, que passaram a ficar o tempo todo em casa, alguns desenvolveram transtorno de ansiedade. Ainda que de forma implícita, foi possível identificar que a maior parte das entrevistadas são mulheres responsáveis por este encargo escolar em seus lares, ficando muitas vezes angustiadas por não darem conta de cumprir com excelência tal tarefa.

CATEGORIA: PODER PÚBLICO NA PANDEMIA

Inclui nesta categoria o auxílio emergencial criado pelo governo federal, através do Decreto nº 10.661, de 26 de março de 2021, que regulamenta a Medida Provisória nº 1.039, de 18 de março de 2021, que institui o Auxílio Emergencial 2021 para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19), para amparar as famílias de baixa renda que tiveram impactos financeiros com a pandemia do coronavírus ou demais medidas que pudessem dirimir as externalidades negativas.

E3; "Teve o auxílio emergencial, ele ajudou, se não tivesse tido ele, não sei o que eu ia estar fazendo da vida, tudo fechado, movimento parado, não podia trabalhar, como eu ia tirar uma renda?"

E4: "Eu peguei só as 4 primeiras parcelas do auxílio do governo, depois eles me tiraram sem eu saber o motivo, nem justificaram. Quando fui ver, eles cortaram por causa do salário do meu marido que ganha mil e poucos por mês..."

E6: "Eu me senti amparada porque consegui o auxílio emergencial. Não foi só o auxílio, algumas ONGS também nos apoiaram."

Esta categoria foi dividida por entrevistadas que não necessitam do amparo do governo, entrevistadas que não conseguiram ser contempladas pelo amparo do poder público no momento

em que mais necessitavam e uma minoria que pode se beneficiar do auxílio, embora destacasse que este era com valor inferior ao que necessitavam.

CATEGORIA: AMPARO DAS INSTITUIÇÕES NA PANDEMIA

Esta categoria se refere ao terceiro setor, organizações não governamentais, ou instituições como igrejas de demais templos. De acordo com as análises, foi possível identificar que para algumas entrevistadas tais instituições tiveram muita relevância na pandemia, principalmente em relação ao grupo das trabalhadoras sexuais e pessoas que prestam serviços sociais para este tipo de associação.

E1;” Eu não sou de frequentar igrejas, não porque não quero, mas porque eu trabalho com idosos. Eu assisto muito a TV Aparecida do Norte, eu assisto missa assim. Esses programas foram muito bons para mim”

E3: “Houve um certo amparo porque houve fornecimento de cesta básica durante um certo tempo para os estudantes de escola pública. Esse foi o único auxílio...”

E6: ‘Sim, tive apoio de diversas ONGs como o Clã das Lobas, Aprosmig, Central das Favelas...Então a gente teve um suporte de início assim, grande, graças a deus. Cestas básicas.. O governo já estava nos dando o auxílio, mas você sabe que tem o complemento né? Carne, ovos, outras coisas que não supre com isso....”

Foi observado que houve um amparo de caráter social e alimentar para estas entrevistadas contribuindo para o complemento de renda no momento mais crítico da pandemia. Igrejas e crenças religiosas tiveram importantes destaques para algumas entrevistadas que relataram que os momentos de reflexão e oração as acalmavam e diminuíram seus anseios para o que viria no futuro.

9.2 . Discussão

Diante das amostras aqui apresentadas, a Discussão dos Resultados tem o intuito de apresentar, interpretar e comentar os dados coletados, as descobertas, limitações e as conclusões da pesquisa qualitativa. Neste momento será exposto o que as participantes das entrevistas entendem sobre o impacto da pandemia e as diferentes dimensões dos desdobramentos da crise pandêmica relacionadas às suas vidas, bem como suas percepções sobre os impactos sofridos em termos familiares, psicológicos, escolares e econômicos e ainda se foram acolhidas pelo poder público ou entidades não governamentais durante a pandemia.

As categorias acima descritas serviram de base para compor a divisão da amostra em grupos diferenciados propositalmente, com o intuito de comparar as experiências e vivências compreendidas por cada entrevistada, relacionadas com os objetivos específicos norteados por oito perguntas acerca de suas percepções sobre o Covid-19, que se desdobraram a medida que a entrevista fluía.

O significado dessas descobertas demonstrou em sua maioria que todas as entrevistadas ficaram envolvidas com o trabalho do cuidado com seus entes ou com os de fora, durante a pandemia e demonstraram que sofreram impactos em diversas áreas de suas vidas, independente do estado civil, cor, idade, profissão e de serem ou não mães, sendo que o impacto psicológico foi o mencionado por unanimidade.

A Interseccionalidade e as diferentes quarentenas na pandemia do Covid-19 foi identificada na fala das entrevistadas em relação à raça, à classe social e ao gênero. Desta forma, em relação ao impacto da pandemia na vida familiar, foi possível perceber que todas as entrevistadas sofreram alterações de rotina juntamente com suas famílias, exceto aquelas solteiras, que moram sozinhas.

A fala de Cristiane, professora, uma das entrevistadas, demonstra claramente como o questão do gênero é marcante quando se fala dos impactos sofridos na esfera familiar principalmente em relação a sobrecarga de afazeres em casa, ao afirmar que a pandemia “*teve um impacto enorme porque eu comecei a dar aula online e aí eu tive que conciliar o trabalho de ser mãe, dona de casa*”. Neste sentido, a Teoria da Maternidade em Winnicott (Belo, Miranda, Timo, 2019), que estuda a questão muito cobrada pelas mulheres, esposas e principalmente mães que impõe o eterno cuidar, vinculando sua natureza feminina às habilidades do lar e do cuidado com os filhos e parentes. “*Segundo a professora do departamento de Psicologia da UFPB, O doméstico não é enxergado como trabalho porque é entendido como da*

essência e natureza da mulher, quando não é, ele é uma construção social” (UFPB, 2021). Neste sentido, a amostra confirma o que estudos já concluíram: *“as mulheres ocupadas dedicam em média 18,5 horas semanais para afazeres domésticos, enquanto os homens, na mesma condição, dedicam 10,4: uma diferença de 8,1 horas. Para homens e mulheres sem ocupação, essa diferença é ainda maior e chega em 11,9 horas a mais para as mulheres.”* (Vasconcelos, 2021)⁵⁴

Conforme mencionado, a categoria que indaga o impacto familiar reflete em diversas subcategorias: impacto na vida econômica; impacto em termos emocionais; impacto na vida escolar, esse acúmulo de impactos relacionados ao impacto familiar é a confirmação de que a vida da mulher está intrinsecamente associada aos demais acontecimentos no lar, resultando em estresse emocional e cansaço diante do estigma de que a “super mulher” é capaz de realizar multitarefas, diferente dos homens. Foi neste sentido que a pesquisa da Agência Brasil (2020) revelou que o home office, artifício utilizado para driblar a pandemia, propiciou que as mulheres ficassem ainda mais sobrecarregadas, isto porque “na maioria das famílias elas precisam desdobrar sua atenção para os afazeres de casa e cuidado com os filhos, como auxílio no acompanhamento escolar dos filhos, principalmente na fase de alfabetização (Oliveira, Cavazotte, Paciello, 2013). Desta forma, o impacto na vida escolar é notado, uma vez que a mulher passa a ser a titular responsável encarregada de cuidar do aprendizado dos filhos, que passaram a estudar à distância no caso dos filhos que estudavam em escola particular e apenas acompanhando tarefas enviadas por grupo da escola via whatsapp, no caso daquelas que seus entes eram de escolas da rede de ensino público.

Em relação ao impacto na vida escolar, vale destacar que a incumbência de acompanhar diariamente as atividades enviadas para ensino dos alunos em casa acarretou um imenso desgaste emocional para algumas entrevistadas. Maria, mãe solo, mencionou na entrevista que a filha “ficou mais ansiosa, não tinha coleguinha pra brincar, ela já começou a ficar mais nervosa, ansiosa porque ficava a maior parte do tempo em casa, né? E eu com outras coisas também pra fazer acabava ficando nervosa também por conta disso.”. Neste sentido, pesquisas apontam que as mães solteiras que não contam com o apoio de companheiros e criam seus filhos sozinhas, longe

⁵⁴ UFPB. (2021, agosto). Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Trabalho do cuidado dos filhos é invisibilizado e sobrecarrega mulheres. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Site - Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres na UFPB - Notícias. Acessado em outubro 12, 2022, em: <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/trabalho-cuidado-filhos-sobrecarrega-mulheres>

dos genitores, tendem a ter mais conflitos com os filhos do que as que vivem com seus parceiros. (Barbosa, Lemos e Monzato)

Em seguida, Maria, a entrevistada acima que informou que não havia aula online para sua filha, estudante de escola pública, diferente das escolas particulares, relatou que sua obrigação de ensinar ocasionou muito desgaste emocional e sensação de impotência, pois é advogada e não possui formação pedagógica para alfabetizar e acompanhar as atividades com a filha de forma didática: *“ eu não tenho formação em professora em pedagogia, eu fiquei bem perdida no início, para mim foi bem complicado. Eu não tinha ideia de como eu ia passar o conteúdo para a criança, como eu ia ensinar e achei bem complicado.”*. Concluiu ainda que esse desnível de ensino

Conforme mencionado em capítulo anterior, *“ mais de 60% das famílias de estudantes da escola pública afirmam que contam com um serviço de baixa qualidade ou não têm acesso à rede, o que também pode impactar negativamente nesse período.”*. Conforme relatado nas entrevistas, as mães ou mulheres que tinham contatos com crianças que estudavam em escolas públicas destacaram em suas falas como o ensino público foi ineficiente e deficitário para os alunos da rede pública. Deve ser levado em consideração ainda a dificuldade de acesso à tecnologia para algumas famílias que durante a pandemia tiveram que se desdobrar para não deixarem seus filhos sem acesso ao material disponibilizado de forma precária, via grupos de whatsapp, sem nenhum auxílio do governo ou reforço escolar para aprendizado da matéria.

O fato acima descrito, pode ser demonstrado com o relato de Lucimara, que mencionou em sua entrevista, o caso de duas vizinhas: Uma vizinha teve que comprar outro celular para a filha, de apenas dez anos, que até então era uma das melhores alunas do colégio, para que a menina acompanhasse o material enviado para estudo através dos grupos da escola. Ocorre que *“ desta idade, com celular na mão vai querer jogar, vai querer ver outras coisas e não vai estudar. Então ela tinha essa dificuldade, ela trabalhando fora, o marido trabalhando fora.”* Já a outra vizinha, em condições mais precárias não tinha celular e nem internet, precisava usar o celular e o acesso a rede da vizinha do andar de cima.. Lado outro, estudos afirmam que apenas 17% de famílias que possuem filhos que estudam em escolas da rede privada, são afetadas pela precariedade de tecnologia. (Planeta Educação,2021)

Outra entrevistada, Cristiane, que é professora, casada e possui filhos na rede privada de ensino relata que sofreu duplo impacto na vida escolar, primeiro relatou que como professora percebeu que os alunos não queriam fazer mais nenhuma atividade, nas aulas online não abriam as câmeras, não participavam, não tinha diálogo: *“ era como se eu só falasse pra ninguém. E aí*

eu percebi que da mesma forma que eu estava sofrendo, que estava sendo difícil pra mim conciliar pra eles também estava. Em relação aos filhos relata que o desgaste foi intenso, ao ponto do mais velho ter que iniciar terapia pois desenvolveu um transtorno de ansiedade o filho mais novo passou a ter comportamento agitado, ter aversão a escola.

Assim, o tempo excessivo de tela do ensino online, pode causar alterações na vida da criança, tanto na esfera física quanto mental. Neste sentido, as amostras aqui analisadas encontraram tais resultados no comportamento dos filhos e crianças de convivência das mulheres entrevistadas: nervosismo e ansiedade, apatia e comportamento mais agressivo. De acordo com a coordenadora do Grupo de Trabalho Saúde Digital da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), este excesso de tela pode causar aumento da ansiedade, depressão, transtornos de humor, isolamento social e em alguns casos, gestos suicidas.(Terra, 2022)

Em relação ao *home office* importante destacar o relato da entrevistada Cristiane, que menciona o quão penoso foi conciliar a rotina de seu trabalho de home office, com os seus dois filhos em casa, destacando que, como professora pode trabalhar em casas através de aulas online, mas que seu trabalho foi interrompido diversas vezes para resolver conflitos entre os filhos e isso acarretou um desgaste emocional enorme, uma vez que *“as tarefas domésticas invadem a personalidade da dona de casa profundamente, com frequência, a consequência psicológica é uma personalidade tragicamente reprimida, assombrada pelo sentimento de inferioridade”* (DAVIS, 2016, sem paginação). Aqui, englobam-se todas as mulheres, uma vez que independente da cor o cisheteropatriarcado impõe desde cedo tais obrigações para o gênero.

Um estudo apresentado por Maria Bridi e Giovana Bezerra, da Rede de Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista (Remir), constatou através de um software de análise textual, que o trabalho remoto é vivenciado de forma diferente para homens e mulheres. Tal pesquisa foi publicada através da Revista do Tribunal Superior do Trabalho, em que as mulheres relataram *“à dificuldade de concentração e às interrupções que sofrem durante a atividade de home office”* e os homens não mencionaram as intervenções domésticas, focaram apenas em mencionar que a dificuldade do home office estaria ligada a *“à falta de contato com os colegas”*, confirmando que as mulheres, independente da classe social, são as mais afetadas pela realização de multitarefas em casa, somado a jornadas exaustivas, obrigações escolares com os filhos em casa sofrendo as consequências da crise pandêmica que foi responsável pelo fechamento de instituições e escolas.

Tanto a entrevistada casada, quanto a mãe solo, relataram que não contaram com a ajuda de mais pessoas em suas casas, acarretando em desgaste emocional e cansaço pelo acúmulo de tarefas e responsabilidades.

Estudos apontam que, em média, as mulheres dedicam 21,3 horas semanais para as atividades do lar, enquanto os homens dedicam 10,9 horas. Na pandemia, não foi diferente, 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém. Quando se considera o fator maternidade, temos um agravante na sobrecarga, principalmente no cenário pandêmico, como atesta um estudo recente sobre feminização do cuidado ligado ao mito do amor materno.” (GEAP, 2022)

Conforme mencionado, a pesquisa norte americana realizada pela ONG Kaiser Family Foundation, concluiu que “53% das mulheres declararam constante apreensão e estresse durante a pandemia, em contraposição ao índice de 37% dos homens”, e ainda que houve abalo não só para as mulheres casadas, que possuem filhos e que acumulam multitarefas nos lares cuidando trabalhos domésticos e vida profissional, foi verificado que houve sofrimento psíquico também para as mulheres que moravam sozinhas e que não tinham filhos, nesse último caso, foram levados em consideração outros fatores, como desemprego, doenças crônicas, contatos com pessoas que estavam com o COVID-19.

Desta forma, essa sobrecarga de afazeres envolvendo família/trabalho interfere na saúde física e mental da mulher, além de prejudicar o rendimento do seu trabalho, “além disso, podem surgir problemas como estresse, depressão, hipertensão, ansiedade, transtornos de humor e abuso de substâncias como maior consumo de álcool”. (Oliveira, Cavazotte, Paciello, 2013)

Uma pesquisa realizada através do IBGE, em 2020, identificou que mais da metade das mulheres que foram entrevistadas passou a cuidar de alguém na pandemia, e ainda que o cuidado às crianças passou a ser redobrado, diante do fechamento das escolas gerando sobrecarga física e emocional, com a responsabilidade do cuidado, o acúmulo de tarefas em casa, ao conciliar a atividade laboral com as tarefas domésticas e afazeres escolares de seus filhos.

Em relação aos impactos psicológicos na vida das mulheres, mesmo diante da diversidade das entrevistadas, todas relataram que sofreram impactos psicológicos durante a pandemia, indo de encontro ao estudo apresentado no capítulo anterior em que a equipe do neuropsicólogo Antônio de Pádua Serafim, do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), o qual constatou que as mulheres foram as mais

afetadas emocionalmente, independente do estado civil, idade e se tinham filhos ou não...Neste sentido, a entrevistada Elisabeth, psicóloga trouxe para a entrevista o sofrimento ao acompanhar seu marido, que teve covid e não pode contar com o auxílio de nenhum parente, amigo ou cuidador, "...no Covid você não podia ter contato né? Então foi um momento de muita solidão, na hora que eu recebia a notícia da médica (sobre o estado de saúde do marido internado com Covid), eu tinha ainda que elaborar aquilo, digerir para ver como eu ia repassar isso para as pessoas", a sogra idosa que não sabia que o filho estava doente e todos os parentes. Elisabeth contou ainda que teve que se isolar de sua mãe e sentiu muita falta do convívio social.

Outras entrevistadas também relataram que foi um período muito difícil que tiveram o psicológico abalado, Marta, cuidadora de idosos, conta que perdeu amigas que faleceram com Covid, ferida ainda não superada, "até *hoje penso nelas e fico sensibilizada.*" Morgana, mulher trans, conta que um grande amigo suicidou-se na pandemia e todos se voltaram muito para outras preocupações da pandemia e deixaram o lado psicológico de lado, Lurdinha relata que teve o emocional abalado, pegou covid e não tinha vacina, ela é diarista " *Eu e meu marido ficamos em casa, sem trabalhar, sem poder fazer nada e me senti muito afetada.*" Cristiane relata a dificuldade de conciliar o isolamento com o medo, nova modalidade de trabalho e mudança de rotina com os filhos " *essa mudança brusca de rotina fez com que a gente ficasse muito frágil emocionalmente.*" Lucimara conta que teve Covid e sequelas da doença, está fazendo fisioterapia por causa do comprometimento do pulmão e está com depressão " *Tive mais medo de não saber o que fazer, medo de saber se eu ia sobreviver, eram vários tipos de medo, você está na pandemia, e eu falava para muitas pessoas que eu conversava online, minha meta é sobreviver, estou aqui, meta cumprida.*"

Cidinha perdeu uma pessoa muito querida da família, uma tia que morava com ela desde pequena faleceu de Coronavírus, conta que foi muito triste não poder visitar, ter " *o enterro dela foi de caixão fechado, não teve velório, foi um enterro que ela não merecia isso...* ". Conta ainda que teve que ter muita força, pois todos ficaram muito abalados com o falecimento da tia, alguns desempregados e ela precisou ser forte, " *se todo mundo ficar fraco não dá, e eu tive que ser forte para dar conta de passar por isso, mas que foi difícil, foi.*"

Sobre os impactos econômicos e a atuação do poder público (auxílio emergencial) na pandemia, a entrevistada Marta, cuidadora de idosos, aposentada, negra e também idosa, trouxe em sua fala o que foi estudado acerca da interseccionalidade, tendo em vista que se trata de aposentada que ainda necessita trabalhar, complementar sua renda durante a pandemia no Brasil.

Marta não pode requerer o auxílio porque é aposentada e possui renda fixa, apesar do valor da aposentadoria precisar de complemento de renda...Isto porque, segundo estudos, os cuidadores de idosos no Brasil estão em situação de muita vulnerabilidade. De acordo com a pesquisa realizada pela FIOCRUZ, diante da ausência de recursos financeiros, muitas mulheres precisam trabalhar como cuidadoras tornando-as ainda mais vulneráveis na pandemia.

Morgana, trabalhadora autônoma (cabeleireira) e Lucimara, relatam na entrevista que diante da queda do movimento sofreram com o impacto na vida econômica. Lucimara, que é trabalhadora sexual acrescenta ainda que teve que se reinventar na profissão, diante do confinamento e do medo do contágio com o Covid, passou a atender também de forma online para complementar a renda, *“precisei me reinventar, trabalhar pela internet, com vídeos chamadas, e até com fetiches online. No início da pandemia eu fui trabalhar com costura, como eu não podia atender presencial, tive que me reinventar de várias formas, como te disse, então fui fabricar máscaras nos quatro primeiros meses de pandemia”*. Ambas autônomas contam que receberam auxílio emergencial do poder público na pandemia, mas como o valor era baixo, precisou ser completado *“ajudou, e eu tive o auxílio, que ajudou muito, não em tudo, como eu pago aluguel água, luz, ajudava nesse sentido, mas aí tinha alimentação e todo o restante né.”*. Elisabeth, psicóloga e micro empresária, também autônoma lamenta que teve muito impacto em sua vida econômica, com o marido internado se sentiu desamparada com o poder público, não conseguiu o auxílio e até hoje está tentando acertar as contas.

Lourdinha, faxineira, também relatou que teve muito impacto, poucas pessoas chamavam para fazer faxina *“quando tinha alguma pessoa que me chamava, a gente corria risco no ônibus. Os ônibus não puderam parar, teve escala mínima, e os ônibus ficaram superlotados, a gente arriscava todo o tempo, uns com máscaras, outros sem...Iguar meu marido mesmo, eu acho que ele pegou esse vírus em um ônibus, e eu peguei dele em casa, por ele tá todos os dias.”* Lourdinha conta que seu marido, que é pedreiro, ficou somente 15 dias sem trabalhar, acredita inclusive que ele passou Covid para ela, pois saía para trabalhar de ônibus e como ela não conseguia trabalho, foi obrigada a ficar confinada. Neste sentido, é possível perceber como a sociedade sexista prejudica a mulher, conforme já mencionado alhures, o mercado de trabalho doméstico é, em sua maioria dominado por mulheres. Assim, Carla Akotirene explica que o *“pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho” (AKOTIRENE p. 26)*, assim como Joan Tronto e Patrícia Paperman quando ensinam que as mulheres são colocadas numa posição ao porque as imposta pela sociedade em uma estrutura do patriarcado

como cuidadoras. Sobre o amparo do poder público, conta que se sentiu desamparada, recebeu somente quatro parcelas e depois eu auxílio emergencial cessou, *“quando fui ver, eles cortaram por causa do salário do meu marido que ganha mil e poucos por mês. ..eu fiquei desamparada, não tinha nenhum salário, estava contando com aquele dinheiro”*.

Ainda sobre o impacto financeiro, o Relatório Pesquisa Sem Parar, apontou que 40% das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco, e ainda (55%) que a maior parte das mulheres que têm essa percepção são mulheres negras, tal fato pode ser constatado Cidinha, mulher negra, solteira, idosa que mora com dois filhos e uma neta, todos ficaram desempregados e a renda dela foi única da família para manter o lar e todas as despesas da casa, confirmando as palavras de Akotirene, ao mencionar que *“para a mulher negra, inexistente tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural”*.

A entrevistada Maria, advogada relata que durante a pandemia que não teve impacto porque seu salário não foi alterado, entretanto, menciona que após o momento crítico da pandemia teve mais dificuldade financeira, o preço das coisas subiu de forma avassaladora e a pensão que o pai da filha paga não ajuda em quase nada. A professora Cristiane conta que não teve muito impacto financeira porque é servidora pública, mas ainda assim, a renda familiar teve uma queda porque o marido, que trabalha com a venda de imóveis sofreu com a queda de vendas na pandemia. Ao ser indagada sobre o poder público percebeu que *“a pobreza assolou a cidade, e eu vi as pessoas degradando, em relação a situação financeira e conseqüentemente psicológico e social.”*

Desta forma, pode-se concluir que o poder público foi ineficiente para todas as entrevistadas que necessitaram de complemento de renda, conforme estudo realizado pelo Grupo Primeira Infância, do Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS) da Ufes, o qual revelou que o benefício do auxílio emergencial do governo federal não é suficiente para sanar as necessidades já existentes em uma parte da população que não é participante de programas de assistência social. Conforme já explanado, a burocracia era alta e poucas puderam contar com o auxílio do governo.

Somente uma entrevistada conseguiu recorrer ao terceiro setor para complementar as necessidades básicas, apesar das instituições não governamentais terem desenvolvido um papel fundamental na pandemia como ponto de apoio tanto para auxílio alimentar quanto para amparo social e psicológico, como fora relatado no caso das trabalhadoras sexuais e para a psicóloga que apesar de estar na rede de amparo como prestadora de serviços voluntários, se sentiu acolhida pelas assistidas em uma espécie de troca: *“a gente foi se ajudando e se fortalecendo, e*

literalmente foi aquela coisa de “ninguém solta a mão de ninguém”, então eu tenho muita gratidão nesse sentido, ao mesmo tempo que eu estava ajudando, eu estava sendo ajudada de certa forma, mesmo que as meninas não tenham noção disso, porque aqui era o lugar que eu podia vir e ter um contato com as pessoas”. Algumas entrevistadas mencionaram que se sentiram fortalecidas e amparadas com as instituições religiosas, como ponto de apoio emocional e esperança de estarem fortalecidas e que a pandemia ia passar.

Dentre as entrevistadas, a senhora Cidinha, ex trabalhadora sexual, trouxe um importante dado para a pesquisa que foi além de sua percepção pessoal, ela informou pontos relevantes sobre as trabalhadoras sexuais que teve contato durante a pandemia. Atualmente a Sra. Cidinha trabalha de forma contratada na Prefeitura de Belo Horizonte como Redutora de Danos, porém, ela foi uma das fundadoras da Aprosmig[1], local em que trabalha de forma voluntária, acolhendo e orientando as trabalhadoras sexuais, contribuindo com promoção de atividades culturais, palestras, intermediando doações para as associadas, divulgando direitos e proteção à saúde. Cidinha destacou em sua entrevista a Associação foi ponto de apoio para as trabalhadoras sexuais que estavam passando dificuldade financeiras diante da pandemia “nem todas conseguiram o auxílio do governo e muitas têm famílias para cuidar, babás para pagar, aluguéis de casa e pagamento dos hotéis que não reduziram os valores”. Cidinha informou que houve um elevado número de trabalhadoras sexuais grávidas neste período, momento em que teve marcante presença da associação com ajuda de cestas básicas, doadas pela Cruz Vermelha, auxílio para o cadastro para recebimento do auxílio emergencial do governo e distribuição de doações dos enxovais para os bebês.

Outra entrevistada foi a Jade, que não está listada na tabela de perfis, atual trabalhadora sexual, fundadora e coordenadora do Coletivo do Clã das Lobas, formado por profissionais do sexo de Belo Horizonte, que atende mulheres cis, trans e travestis. Jade destacou não sofreu abalo econômico em sua vida durante a pandemia, pois tinha economias para o caso de emergências, que havia juntado ao longo de sua vida, mas que foi justamente durante a pandemia, que participou de um edital para conseguir apoio financeiro para colocar em prática seu projeto e exatamente no auge da pandemia, fundou a Casa de Acolhimento Provisório para Penhas e Izidoras (nome escolhido em homenagem a duas amigas mortas com violência), alugada com essa verba adquirida. A casa serviu de apoio para várias trabalhadoras sexuais que não estavam conseguindo se manter na pandemia, pagar o aluguel de suas casas ou o pagamento dos hotéis para realizar os programas, onde atendiam ou no caso das recém-chegadas das cidades do

interior, que vieram na expectativa de conseguir trabalho sexual mas foram surpreendidas com o fechamento dos comércios na pandemia. Foi sede também de cursos oferecidos para que as trabalhadoras sexuais pudessem ter mais fontes de renda, como cursos de acupuntura sem agulha, aromaterapia, sabonetes, massagens e artesanatos em geral.

Jade também destacou que o coletivo recebeu diversas doações de cestas básicas de Igrejas e Cruz Vermelha, para entregar para as trabalhadoras sexuais que estavam passando necessidade. Assim como Cidinha, citada acima, ponderou que contribuiu no auxílio para cadastramento no site do governo para o recebimento do auxílio emergencial, destacando a dificuldade de acesso, tendo em vista que as trabalhadoras mais necessitadas, sequer tinham cadastro de pessoa física CPF, comprovante de endereço e outras documentações necessárias para o recebimento do benefício, “muitas trabalhadoras têm filhos, precisam pagar babás, alugueis e a pandemia acirraram suas vulnerabilidades.” Assim, como Cidinha, Jade mencionou o fato das gestações sem planejamento na pandemia, “várias meninas engravidaram, dificultando ainda mais a vida das trabalhadoras sexuais”.

A ASPROMIG é uma associação não governamental criada para defesa e divulgação dos direitos das prostitutas de Minas Gerais, trata-se de uma rede de associadas independentes, que está localizada no Centro, rua Guaicurus, região conhecida pela prostituição de Belo Horizonte. De acordo com o Fundo Brasil, a Associação tem cerca de 4 mil associadas e presta diversos serviços como acompanhamento psicológico, orientação jurídica, médica e informações sobre DST/Aids, distribuição de preservativos.

Cidinha e Jade mencionaram em suas entrevistas que tiveram conhecimento que muitas trabalhadoras sexuais engravidaram sem planejamento familiar na pandemia, colidindo o que fora apontado nos estudos com a pesquisa qualitativa. De acordo com a diretora da OPAS (Organização Pan-americana de Saúde), o vírus poderia trazer consequências e impactos devastadores em relação a saúde e questões socioeconômicas na vida das mulheres, diante da dificuldade de acompanhamento de programas realizados pelo SUS e dificuldade de compra para o uso de contraceptivos, haja vista que esses não foram listados como medicamentos essenciais para a população. Ademais, houve interrupção dos serviços de saúde da mulher, dificultando ainda mais o acompanhamento de programas e tratamentos pelo SUS (Sistema Único de Saúde), além do fato de que no Brasil, os contraceptivos não foram listados como medicamentos essenciais para

a população. O ginecologista e professor do Departamento de Tocoginecologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Luis Bahamondes, “alertou que a falta de acesso aos métodos contraceptivos pode afetar mais de 47 milhões de mulheres no mundo inteiro. Outro fator para o aumento no número de gestações pode ser a frequência de relações sexuais durante o isolamento social” (EBC, 2020)

Neste sentido, diversas foram as fontes pesquisadas, como é o caso do estudo acerca das Novas configurações da divisão sexual do trabalho, publicado nos Cadernos de pesquisa de Helena Hirata e Daniele Kergoat, Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus de Schmidt, Crepaldi, Bolze e Demenech dentre outras que foram de encontro com a análise de resultados.

Por sua vez, a pesquisa empírica não alcançou resultados quanto às subnotificações e violência de gênero na pandemia, o que não quer dizer que não tenham acontecido. O capítulo Subnotificação - Cifras Negras – A Invisibilidade da Violência Contra as Mulheres, apresentou uma robusta gama de informações e dados obtidos através de outras pesquisas que confirmaram que a pandemia contribuiu para o aumento da violência de gênero, em especial a violência doméstica contra a mulher, e o fenômeno das cifras negras, subnotificações ocorridas pela dificuldade de realizar denúncias pelo fato das vítimas estarem confinadas com o próprio agressor. O Relatório Pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, realizado pela Unicamp em 2020, e a dissertação de Leite, R., Vasconcelos, M., Santos, A., Santos, T. ., & Drebes, L. M, publicada em 2021 de título Violência Contra Mulher e Raça: Uma Análise Interseccional da Pandemia de Covid-19, a qual menciona que “embora o isolamento social por si só não produza a violência, ele dá visibilidade às relações de poder historicamente construídas, que provocam a intersecção da questão de gênero, de raça e de classe”, trouxeram, juntamente com outros estudos e dados, uma importante importante contribuição para o tema.

Desta forma, as principais conclusões da discussão da análise do conteúdo demonstram que pandemia trouxe à tona diferentes realidades que reafirmam o abismo social e o sexismo existente no país: mortes, desempregos e uma imensa sobrecarga de multitarefas sobre o gênero imposta às mulheres, que são as que mais sofreram o peso das externalidades negativas da pandemia. Com o estigma do “care”, as mulheres foram colocadas à frente, cuidando dos doentes e acumulando mais do que nunca as funções domésticas em seus lares e em lares dos outros, encarregadas de cumprir tarefas escolares e dividirem o cenário doméstico com inúmeros afazeres, herança de uma sociedade patriarcal e machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo foi possível relacionar o impacto da pandemia do Covid-19 no Brasil, focando em especial os corpos interseccionais, encruzilhando a tríade de gênero, raça e classe, demonstrando através de levantamentos bibliográficos e entrevistas que a pandemia foi mais prejudicial para as mulheres e para a comunidade LGBTQIA+.

Para tanto, a pesquisa cuidou de buscar a origem do termo Interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw, através de um levantamento bibliográfico e histórico do termo, que destrinchou o conceito matemático para entender o conceito sociológico da interseccionalidade. Neste contexto, a pesquisa associou a interseccionalidade e a pandemia, que afetou as mulheres brasileiras sob o olhar do gênero, raça e classe social no cenário brasileiro, cuja sociedade tem reflexos de culturas oriundas do cishetropatriarcado. Não obstante, é sempre necessário destacar que o conceito do gênero feminino abrange a construção cultural do ser em construção, muito além da definição biológica.

Do mesmo modo, restou demonstrado e comprovado que a pandemia afetou também a população LGBTQIA+, principalmente no que se refere a saúde emocional e aumento das cifras negras na pandemia, termo usado por Manuele Ivone Cunha, para descrever as subnotificações dos índices de violências não registrados, assim como ocorreu com as mulheres, vítimas de violências domésticas e feminicídios, que tiveram um elevado aumento durante a pandemia, uma vez que neste período tiveram que ficar por mais tempo confinadas com o seu agressor.

Apesar das normas no Ministério da Saúde, órgão federal do governo brasileiro, alinhado a OMS (Organização Mundial de Saúde), recomendarem para a pandemia do SARS-CoV-2, distanciamento social, uso de máscara, higienização das mãos e ambientes, isolamentos para casos suspeitos e quarentena para quem teve o contato com as pessoas com Covid- 19, serem gerais, a pandemia teve um diferente contexto para cada pessoa, e notadamente estudos apontaram que os periféricos, as mulheres e a população LGBTQIA+ foram os mais prejudicados. As externalidades do vírus tiveram um viés diferenciado para ambos.

No Brasil estudos comprovam que a maior parte da população vulnerável que vive em pobreza extrema se declara negra ou pobre e sofrem discriminações estruturais, vendedores ambulantes, trabalhadores informais, moradores de rua sofreram sem dúvida as externalidades negativas da pandemia, diante da ausência de políticas públicas que pudessem conter os danos causados pelo vírus. O estudo cuidou de observar o aspecto interseccional no âmbito da pandemia do Covid-19

em que ficou demonstrado que as mulheres pretas e pobres ficaram mais prejudicadas, em relação às mulheres brancas e aos homens pretos em relação ao desemprego, uma vez que no Brasil, a questão sócio econômica está intrinsecamente ligada a raça, e a classe está, em sua maioria associada a tríade da interseccionalidade.

Através de levantamento bibliográfico e entrevistas com análise de dados, foi possível perceber nitidamente os objetivos da pesquisa, compreendendo os impactos da pandemia do Covid-19 no Brasil sobre gênero feminino na esfera social, psicológica, familiar e econômica, dimensionando os efeitos psicológicos e emocionais da dupla vulnerabilidade da mulher no contexto da pandemia, a fim de identificar a interseccionalidade, como o peso do gênero correlacionando a classe e a cor da mulher na atual sociedade sexista no contexto da pandemia.

Em relação aos dados empíricos, ficou evidente a vulnerabilidade da mulher, com triplas jornadas de trabalho, sobrecarga de tarefas nos lares, famílias, cuidado com os seus filhos, parentes ou mesmo nos trabalhos que constituíram linhas de frente para o enfrentamento da pandemia que foram analisadas através de uma lente interseccional. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com perguntas relacionadas às implicações do covid-19 em seus empregos, vivência familiar, meio social, e também perguntas relacionadas às suas impressões sobre os aspectos econômicos, familiares e psicológicos e se estão amparadas por alguma política governamental do controlo da pandemia, a fim de investigar se o poder público desempenhou sua função para diminuir os impactos e se existiram atuação das organizações não governamentais durante a pandemia para si ou em seu entorno.

Através das entrevistas, pretendeu-se demonstrar o estudo dos impactos do Covid-19 em relação à vida social, familiar e econômica das mulheres, no momento pandêmico, na cidade de Belo Horizonte e cidades próximas, a fim de vislumbrar as adversidades acentuadas pela interseccionalidade na pandemia, descortinando a importância do poder público em relação às políticas sociais, o machismo estrutural e a desigualdade social e sexista, vivenciada por elas no dia a dia, dimensionando os efeitos psicológicos e emocionais da dupla vulnerabilidade da mulher no contexto da pandemia.

A análise de dados revelou, que houve uma dupla punição do gênero feminino na pandemia. Além da carga psicológica, houve uma tensão ao conciliar emprego, casa, cuidar dos filhos/ou parentes, herança da sociedade patriarcal que intitula a mulher como eterna cuidadora. Na pandemia foram as que mais seguiram na linha de frente dos hospitais, cuidando dos idosos e dos lares com serviços domésticos.

Percebeu-se, através da análise de dados que o poder público não conseguiu amparar de forma satisfatória as famílias de baixa renda. O auxílio financeiro fornecido pelo governo não foi satisfatório para suprir as necessidades básicas das entrevistadas e muitas contaram com o apoio de entidades não governamentais, que desempenharam um papel fundamental para algumas pessoas periféricas no sentido de dar suporte não só alimentar como também psicológico. Porém, também não conseguiram atingir todas as entrevistadas que tiveram necessidade.

O racismo estrutural e outras agruras da sociedade sexista corroboram para que fenômenos sociais continuem estigmatizando e excluindo os corpos interseccionais da sociedade que privilegia o patriarcado. Na pandemia do Covid-19 não foi diferente, diante da pesquisa pode-se concluir que a mulher foi a mais penalizada tanto no lar, quanto no trabalho, na estrutura familiar, psicológica e na questão econômica. Por tudo que aqui fora estudado, foi constatado que ainda há um longo caminho a ser trilhado para o enriquecimento do tema interseccionalidade, uma vez que é um termo que vive em constante construção, como fora mencionado, em constante “devir”, levando em conta as vulnerabilidades das sociedades que cada vez mais abrem debate para as discussões de temas envolvendo gênero, raça e classe, mas que muito precisam colocar e prática as reparações históricas envolvendo as mulheres e os negros. Necessário também se faz um estudo aprofundado em relação a pandemia do Covid-19, dado ao fato de que com o passar da severa crise sanitária inúmeros dados científicos poderão servir de base para uma pesquisa mais densa e colaborativa para o mundo acadêmico.

Por fim, através do presente estudo, pode se concluir que o caminho para uma sociedade mais igualitária se dá através do direito resguardado pelo texto constitucional que preza pela erradicação das desigualdades e garante acesso à dignidade da pessoa humana reduzindo os desníveis sexistas e racistas que permaneceram por séculos ditando os padrões da sociedade. Para tanto, a educação da população e as políticas públicas entram como ferramentas para conter as aberrações que massacram as minorias interseccionais, principalmente quando se fala da violência de gênero e invisibilidade da mulher. Se a população tivesse acesso a tais políticas e se a sociedade civil não tivesse em sua estrutura estigmas racistas e heteronormativos, a pandemia seria menos densa para as mulheres e haveria mais igualdade de gênero.

BIBLIOGRAFIA

Acauan, Ana Paula. *Esse Lugar Também É Nosso. (Sem data) Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras.* Acessado em 20/02/2023. <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/#:~:text=Como%20surgiu%20o%20termo%20escreviv%C3%AAncia,tarde%20comecei%20a%20usar%20escreviv%C3%AAncia>.

Adewunmi, Bim. (2014). Kimberle Crenshaw sobre interseccionalidade: “*Eu queria criar uma metáfora cotidiana que qualquer pessoa pudesse usar*”. Site Portal Geledés Brasil. São Paulo. Acessado em: 07/11/2022. https://www.geledes.org.br/kimberle-crenshaw-sobre-interseccionalidade-eu-queria-criar-uma-metafora-cotidiana-que-qualquer-pessoa-pudesse-usar/?gclid=Cj0KCQjw1vSZBhDuARIsAKZlijSfUje2E9OCRi8Z4L8sxdq_jWbn7DbFNn_eLPr0WnzLkXrHKnGfqM0aAnUiEALw_wcB

Alexandre, Breno (2021) Estudo aponta que auxílio emergencial é insuficiente para a população desassistida. Acessado em 06/03/2023. <https://www.ufes.br/conteudo/estudo-aponta-que-auxilio-emergencial-e-insuficiente-para-populacao-desassistida>.

Agencia Brasil (2020). *Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia.* Recuperado em: 07/11/2022. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>

Alvarenga, Darlan; Silveira, Daniel. (2020, abril). *Desemprego sobe para 12,2% no 1º trimestre e atinge 12,9 milhões.* Site G1 – Categoria: Economia. Brasil. Acessado em: 20/02/2023. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/30/desemprego-sobe-para-122percent-em-marco-e-atinge-129-milhoes.ghtml>

Alves, Giovanni. (2020, maio). *O novo coronavírus e a catástrofe do capitalismo global.* Site da Editora Boitempo. Acessado em 22/01/2021. <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/20/o-novo-coronavirus-e-a-catastrofe-do-capitalismo-global/>

Alves, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. (2012, maio). *Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta*. Fascículo publicado em julho de 1992. *Revista Paidéia*. Ribeirão Preto. Acessado em: 22/01/2021 <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yKQmzXgZMrdhBCMkdbYvJYj/?lang=pt>

Araújo, Ana Lídia. (2021, julho). *Pandemia acentua deficit educacional e exige ações do poder público*. Site Agência Senado - BRASIL. Brasil. Acessado em 02/09/2022, em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-aco-es-do-poder-publico>

Araújo, G. R. de; Nascimento, S. M. R. do. (2021). *Trabalho doméstico: evolução histórica e os impactos da pandemia do COVID-19*. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação, 7(6), 695–710. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i6.1425>; <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1425>

Araujo, Maria Clara Pereira. 2021, *Capitalismo Moderno e Divisão Sexual do Trabalho*, Revista *Textos Graduados - Número 2, volume 7*. Acessado em 03/07/2022. Em: <https://periodicos.unb.br> >

Arrellaga , María Magdalena; Monteiro, Patricia. (2021, março). *Os estragos invisíveis da pandemia para as mães solo*. Site EL PAÍs Brasil. Brasil. Acessado 12/11/2021, em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-17/os-estragos-invisiveis-da-pandemia-para-as-maes-solo.html>

Assis, Dayane N. Conceição de. (2019). *Interseccionalidades*. Dayane N. Conceição de Assis (Org.). UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; *Superintendência de Educação a Distância*. 57p. Salvador. Acessado em 09/10/2022 em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades>

Azevedo, Margarida. (2020, setembro). *Famílias contratam professor particular para reforçar ensino remoto*. Site JC - UOL. Brasil. Acessado 17/10/2022, em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2020/09/11971384-familias-contratam-professor-particular-para-reforcar-ensino-remoto.html>

Akotirene, Carla. (2020). *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro - Editora Jandaíra.

Farias, Bruna, Pizzino, Raphael. Coordcom / UFRJ. Alma Preta. (2020, maio). De escravizadas à cuidadoras: mulheres negras na linha de frente da luta pela saúde em tempos de pandemia. Site Alma Preta - Jornalismo Preto e Livre. Recuperado em: 28/04/2023. <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/de-escravizadas-a-cuidadoras-mulheres-negras-na-linha-de-frente-da-luta-pela-saude-em-tempos-de-pandemia>

Balbim, Renato. (2020, março). O combate ao coronavírus nas favelas. Site da Revista Le Monde Diplomatique – Brasil. Brasil. Acessado em 20/01/2021, em: https://diplomatique.org.br/o-combate-ao-coronavirus-nas-favelas/?fb_comment_id=3569772929761473_3602130156525750

Barbosa, Jeanine Pacheco Moreira et. al. (2021). *Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades*. Revista Saúde e Sociedade. São Paulo. Acessado em 09/10/2022, em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/qKZv8sc885rpsqDhwV5YJpF>

Barbosa, Ana Heloísa, Lemos, Alaine de Oliveira, Monzato, Priscila. (2020). *Mulheres em Home Office Durante a Pandemia Da Covid-19 E As Configurações Do Conflito Trabalho-Família*, Acessado em 26/02/2022: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>.

Barbosa, JPM, Lima, R. de CD, Martins, G. de B., Lanna, SD, & Andrade, MAC (2020). interseccionalidade e Outras Visões Sobre a Violência Contra a MULHER em Tempos de Pandemia da COVID-19. Em *SciELO Preprints* . Acessado em 14/04/2021. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.328>

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barreto, Filho, Herculano. (2020). *Covid: mortes avançam em favelas e superam 3ª cidade com mais óbitos no RJ*. Site Notícias UOL. Brasil. Acessado em 21/03/2021, em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/10/coronavirus-mortes-em-favelas-do-rio-aumentam-oito-vezes-em-um-mes.htm?>

Beauvoir, Simone de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Benites, Afonso. (2021, junho). *Comunicação do Governo priorizou economia à saúde no combate à pandemia, revelam documentos da CPI*. Site EL PAÍS – Brasil. Brasil. Acessado em: 16/02/2022 <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-08/comunicacao-do-governo-priorizou-economia-a-saude-no-combate-a-pandemia-revelam-documentos-da-cpi.html>

Bernardes, José Eduardo. (2020, março). "*Coronavírus aumentou abismo entre favela e pista*", diz morador do Morro do Alemão. Site Brasil de Fato. Brasil. Acessado em 20/02/2021, em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/14/coronavirus-aumentou-abismo-entre-favela-e-pista-diz-morador-do-morro-do-alemao>

<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acessado em 14 de março de 2023.

Betim, Felipe. (2020, março). *No Brasil informal com coronavírus, domésticas dependem de altruísmo de patrões para evitar contágio*. Site EL PAÍS – Categoria Sociedade. Acessado em 18,07/2021, em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-17/no-brasil-informal-com-coronavirus-domesticas-dependem-de-altruismo-de-patroes-para-evitar-contagio.html>

Betim, Felipe. (2021, abril). *Não estudo nada há um ano. Fico em casa limpando e cozinhando*. Site EL PAÍS Brasil. Brasil. Acessado em 05/09/2022, em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-04-13/nao-estudo-nada-ha-um-ano-fico-em-casa-limpando-e-cozinhando.html>

Bilge, Sirma. (2009), "*Théorisations féministes de l'intersectionnalité*". Diogenes, 1 (225): 70-88.

Bourdieu. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourdieu. Pierre. (1930). *Sociologia/Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo Ática.S.A.

Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). *The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence*. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. Acessado em 10/07/2021. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

Brasil. (Sem ano). Tribunal de Justiça do Paraná. *O que diz a Lei Maria da Penha*. Paraná. Acessado em 15/10/2022, em: <https://www.tjpr.jus.br/web/cevid/lei-maria-da-penha#:~:text=Portanto%2C%20a%20Lei%20Maria%20da,que%20a%20v%C3%ADtima%20seja%20mulher>

Brasil. (2022). *Painel Coronavírus – COVID-19*. República Federativa do Brasil. Brasil. Acessado em 15/10/2022. <https://covid.saude.gov.br/>

Brasil, Cristina Índio do. (08, março, 2021). *Violência contra mulher cresce durante a pandemia no estado do Rio*. Site Agência Brasil. Brasil. Acessado em: 20/05/2022: <https://www.camara.leg.br/noticias/661087-crescem-denuncias-de-violencia-domestica-durante-pandemia>

Brasil Mariana, Freire, Tiago, Vergasta, Ana Paula. (2021). Acessado em 20/03/2023., <https://www.revistafraude.ufba.br/novafraude/casa-comida-e-mao-lavada-ongs-se-adaptam-durante-a-pandemia-de-covid-19/>

Bronze, Giovanna. (2021, julho). *Seis em cada 10 pessoas LGBTQIA+ perderam renda ou emprego na pandemia*. CNN Brasil. Brasil. Acessado em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/seis-em-cada-10-pessoas-lgbtqia-perderam-renda-ou-emprego-na-pandemia/>

Brum, Eliane. (2015, agosto). *Um negro em eterno exílio*. Site EL PÁIS – Brasil. Brasil. Acessado em: 13/09/2022:

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/opinion/1441035388_761260.html

Butantan, Instituto. (2022, janeiro). *Vacinação contra Covid-19 no Brasil completa 1 ano com grande impacto da CoronaVac na redução de hospitalizações e mortes*. Site do Instituto Butantan

– Prefeitura de São Paulo. São Paulo. Acesso em 10/09/2022:

<https://butantan.gov.br/noticias/vacinacao-contra-covid-19-no-brasil-completa-1-ano-com-grande-impacto-da-coronavac-na-reducao-de-hospitalizacoes-e-mortes>

Camargo, Cristina. (2016, agosto). *Associação das Prostitutas de Minas Gerais tem cartilha sobre tráfico de pessoas*. Fundo Brasil. Brasil. Acessado em 05/12/2022, em:

<https://www.fundobrasil.org.br/associacao-das-prostitutas-de-minas-gerais-prepara-cartilha/>

Canavêz, Fernanda, Peixoto, Camila, Farias Giovana, Fagundes Luczinski *A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde?* (2021). Acessado em 04/08/2022.

<https://doi.org/10.1590/0103-11042021E109> ,

Camtra. (2021, fevereiro). Relembrar para não esquecer: Primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica. Site Casa da Mulher Trabalhadora. Rio de Janeiro. Acessado em

10/10/2022, em: <https://camtra.org.br/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>

Canofre, Fernanda. (2021, janeiro). *Pandemia deixou óbvio que vivemos em um país desgovernado*, diz Frei Betto. Jornal Folha de São Paulo – Site UOL. Brasil. Acessado em

20/01/2021, em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/pandemia-deixou-obvio-que-vivemos-em-um-pais-desgovernado-diz-frei-betto.shtml>

Carloto, Cássia Maria; Gomes, Anne Grace. (2011). *Geração de renda: enfoque nas mulheres pobres e divisão sexual do trabalho*. In Associativismo, Profissões e Políticas públicas - III Seminário

Nacional de Trabalho e Gênero. Serviço Social, n. 105, p. 131-145. Acessado 07/12/2019, em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/ANNEGRACE_KATIA.pdf

Carvalho, Thais, 2022. *Crianças estão passando mais tempo com telas; quais as consequências?* Acessado em 28 de março de 2023. <https://www.terra.com.br/byte/criancas-estao-passando-mais-tempo-com-telas-quais-as->

[consequencias,0c44fb4b13db2b312e2255a9222a013cp1n1f07w.html](https://www.terra.com.br/byte/criancas-estao-passando-mais-tempo-com-telas-quais-as-consequencias,0c44fb4b13db2b312e2255a9222a013cp1n1f07w.html).

CNS. (2021, março). *Pandemia, LGTBfobia e os impactos das negligências do Estado para esta população*. Conselho Nacional de Saúde – Brasil. Brasil. Acessado em: 20, maio, 2022: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1640-artigo-pandemia-lgbtobia-e-os-impactos-das-negligencias-do-estado-para-esta-populacao>

Coaston, Jane. (2019, maio). *The intersectionality wars*. Site VOX. Acessado em 09/10/2022, em: <https://www.vox.com/the-highlight/2019/5/20/18542843/intersectionality-conservatism-law-race-gender-discrimination>

Conceição, Ísis Aparecida. *Racismo e pandemia uma análise jurídica: dimensões de justiça e suas interseções*. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, v. 10, n. 101, p. 24-50, jul. 2021. Acessado em 20/03/2023. <https://hdl.handle.net/20.500.12178/194776>.

Cortes, Cristane Felipe Ribeiro de Araujo - *As pontas de uma estrela: poéticas do silêncio em macabéa e ponciá*. Acessado em 07, outubro, 2022. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-ATBPKJ>

Collins, Patrícia. Hill.; Bilge, Sirma. (2020). *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. (1 ed.). São Paulo: Boitempo.

Collet, Andressa.. (2020). *Invisíveis da pandemia precisam de ajuda, alerta Padre Chiera*. Site Vatican News. Acessado em janeiro 18, 2021, em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2020-04/coronavirus-moradores-de-rua-brasil-entrevista-pe-renato-chiera.html>

Comoli, Eliane, Canto, Karen. (2020). *Pandemia impacta mais a vida das mulheres*. Acessado em 06/05/2022. <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>.

Columbia Law School. *Kimberle W. Crenshaw*. Acessado em 10/12/2022.. <https://www.law.columbia.edu/faculty/kimberle-w-crenshaw>

Crenshaw, Kimberly. (2022). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. *Estudos Feministas*. Florianópolis. Acessado em julho 20, 2022, em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>

Cunha, Manuela P. (2019). *Criminalidade e Segurança [Crime and Security]*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

DAS – SUGESP. (2022, maio). COVID-19 e o peso da desigualdade sobre as mulheres. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Departamento de Atenção à Saúde. Rio Grande do Sul. Acessado em 16/10/2022, em: https://www.ufrgs.br/das/___trashed/

Davis, Angela. (2016). *Mulheres, raça e classe*. (1.ed.). São Paulo: Boitempo.

Diagnóstico LGBT+. (2020, junho). Diagnóstico LGBT+ na pandemia. Acessado em 10/08/2022:

https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/5ef78351fb8ae15cc0e0b5a3/1593279420604/%5Bvote+lgbt+%2B+box1824%5D+diagno%CC%81stico+LGBT%2B+na+pandemia_completo.pdf

Diagnóstico LGBT+. (2021, junho). *Diagnóstico LGBT+ na pandemia 2021*. Rede Afro LGBT Minas.

Acessado em 10/08/2022:

<https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/60db6a3e00bb0444cdf6e8b4/1624992334484/%5Bvote%2Blgbt%2B%2Bbox1824%5D%2Bdiagno%CC%81stico%2BLGBT%2B2021+b+%281%29.pdf>

Diniz, Débora. *A favela nos tempos do coronavírus* - Le Monde Diplomatique Brasil. Acessado em 20/03/2023. <https://diplomatique.org.br/a-favela-nos-tempos-do-coronavirus/>

Dieese. (2021, novembro). Boletim Especial 20 de novembro - Dia da Consciência Negra. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Acessado em abril 10, 2022, em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2021/conscienciaNegra.pdf>

Dossiê - A Saúde Da População LGBTQIA+ Durante a Pandemia da Covid -19. <https://periodicos.ufba.br>. ISSN 2525-6904. Acessado em: 20, maio, 2020: DOSSIÊ - A Saúde Da População LGBTQIA+ Durante a Pandemia da Covid -19. <https://periodicos.ufba.br>

Dorna, L.B.H. (2021). *O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID 19: mudanças e permanências*. *Laboreal* [Online], v. 17, (n. 1). Acessado em 05/11/2022, em: <http://journals.openedition.org/laboreal/17860>

EBC. (2020, junho). *Mais de 7 milhões de mulheres podem engravidar durante a pandemia*. Portal EBC – Rádios EBC – Programa Tarde Nacional. Brasil. Acessado em novembro 21, 2022, em: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2020/06/mais-de-7-milhoes-de-mulheres-podem-engravidar-durante-pandemia>

EBC. (2020, dezembro). *Índia ultrapassa 10 milhões de casos de Covid*. Acessado em 11/11/2022, em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-12/india-ultrapassa-10-milhoes-de-casos-de-covid-19>.

Emiliana, Cecília. *Coronavírus: pandemia deixa prostitutas de BH sem renda e moradia*. (2020) Acessado em outubro 10, 2022. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/03/20/interna_gerais,1130945/coronavirus-pandemia-deixa-prostitutas-de-bh-sem-renda-e-moradia.html.

Estrela, Fernanda Matheus. et al. (2020, setembro). *Pandemia da covid 19: Refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe*. Revista *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Acessado em abril 25, 2021, em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>

Faustino, Deivison; Gonçalves, Renata. (2020, dezembro). *A nova pandemia e as velhas relações coloniais, patriarcais e racistas do capitalismo brasileiro*. (Dossiê). Revista Lutas Sociais – v. 24, (nº 45). Acessado em outubro 04, 2022, em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7oVwYDWvMLAJ:https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/download/53009/34772/157974&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

Flauzina, Ana Luiza Pinheiro, PIRES, Thula Rafaela de Oliveira (2020). *Políticas da morte: Covid-19 e os labirintos da cidade negra* – Acessado em 10/06/2022. <https://www.publicacoes.uniceub.br>

Felizardo, Nayara. (2019, julho). *Ninguém perguntou às meninas que trabalham em casas de família do nordeste se elas queriam estar ali*. The intercept_ Brasil. Brasil. Acessado em 10/08/2022, em: <https://theintercept.com/2019/07/10/trabalho-infantil-domestico-nordeste/>

Fernandes, C. M., Farnese, P., Garcia, J. M., & Demuru, P. (2021). *Imunização e desigualdade de gênero: a construção da imagem da mulher nos primeiros atos de vacinação contra a covid-19*. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 15(4). <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i4.2412>. Acesso em: 12/07/2022: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/166421>

Ferreira, Elinay Almeida. (2020, outubro). *O recorte de classe, gênero e raça na pandemia da Covid-19*. Site Carta Capital. Brasil. Acesso em: 21/06/2021 <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/o-recorte-de-classe-genero-e-raca-na-pandemia-da-covid-19/>

Ferreira, Ivanir. (2021, fevereiro). *Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia*. Jornal da USP – Universidade de São Paulo. São Paulo. Acesso em: 21/06/2021 em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>

Flauzino, Ana e Pires, Thula. *Políticas da morte: Covid-19 e os labirintos da cidade negra*. (2020). Revista Brasileira de Políticas Públicas. V.10. Acessado em 10, junho, 2022. doi: 10.5102/rbpp.v10i2.6931 . Disponível em <https://www.publicacoes.uniceub.br>

Fiocruz. (2020, julho). Covid-19: *Idosos negros têm menos acesso ao auxílio de cuidadores contratados*. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Acessado em 15/06/2022, em: <https://agencia.fiocruz.br/covid-19-idosos-negros-tem-menos-acesso-ao-auxilio-de-cuidadores-contratados>

Fiocruz, ICICT. (2020, julho). *Idosos negros têm menos acesso ao auxílio de cuidadores contratados*. Assessoria de Comunicação do Icict/Fiocruz. Acessado em 15/06/2022, em: <https://www.icict.fiocruz.br/content/idosos-negros-tem-menos-acesso-ao-auxilio-de-cuidadores-contratados>

Firmino, F. H., & Porchat, P. (2017). *Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”*. DOXA: Revista Brasileira De Psicologia E Educação, 19(1), 51–61. Em: <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819>

Fratelli Tutti. (2020, outubro). *Carta Encíclica do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*. Site do Vaticano. Vaticano – Roma. Acessado em 22/01/2021, em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

Furtado, Otávio Diniz de Araujo. (2022). *A violência doméstica contra as mulheres durante a pandemia da covid-19: causas e consequências*. In ANAIS DO I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE (ON-LINE) – Resumos Expandidos. Editora Omnis Scientia. Triunfo – PE. Acessade em 12/10/2022, em: <https://editora.editoraomnisscientia.com.br/livroPDF/4-10598925457-09032022114218.pdf>

Furtado, Rafael Nogueira; Camilo, Juliana Aparecida de Oliveira. (2016, dezembro). *O Conceito de Biopoder no Pensamento de Michel Foucault*. Revista Subjetividades. Fortaleza. Acessado em: 04, abril, 2022. <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4800/pdf>

Fundo Brasil De Direitos Humanos. *Prostituição, interseccionalidade e enfrentamento à violência contra as mulheres*. ASPROMIG. Acessado em 01/11/2022, em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/associacao-das-prostitutas-de-minas-gerais-aprosmig/>

Gallagher, Della; Benveniste, Alexis. (2020, outubro). *Para Papa Francisco, o capitalismo falhou durante a pandemia*. CNN BRASIL. Brasil. Acessado em 20/01//2021, em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/10/04/para-papa-francisco-o-capitalismo-falhou-durante-a-pandemia>

Gil, Antônio Carlos, 1946-. Métodos e Técnicas de pesquisa Social. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008. Bibliografia. ISBN 978.85.224-5142-5

Guimarães, N. A., & Acciari, L. (2021). Entrevista com Patricia Hill Collins. *Tempo Social*, 33(1), 287-322/323. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.174340>. Acessado em 17 de março de 2023.

Hirata, Helena. (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Revista Tempo Social*. São Paulo. Acessado em 15/04/2021, em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNlNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?lang=pt>

Hirata, Helena; KERGOAT, Danièle. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*. 37(132), p. 595–609. Acessado em 04/10/2022, em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>

IBGE. (2018). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acessado em 04/10/2022. em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/81c9b2749a7b8e5b67f9a7361f839a3d.pdf

IBGE. (2020). *Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Agência IBGE Notícias. Editoria de Estatísticas Sociais. Brasil. Acessado em 20/10/2022, em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-oshomens-aosafazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>

IBGE. (Sem ano). Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Categoria Sociedade. Brasil. Acessado em setembro 10, 2022, em: <https://covid19.ibge.gov.br/categorias/sociedade.php>

IBGE. (2020, novembro). PNAD Covid-19 – Trabalho. . Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Site IBGE. Acessado em outubro 02, 2022, em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>

Idoeta, Paula Adamo. (2020, agosto). *'Mães estão no limite': famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena*. Site BBC News – São Paulo. São Paulo. Acessado em outubro 15, 2022, em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53644826>

Instituto Alana. (2022). *Dossiê Infâncias e Covid-19: Os Impactos Da Gestão Da Pandemia Sobre Crianças E Adolescentes (Dossiê)*. Brasil. Acessado em 17/10/2022, em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/03/DOSSIE-INFANCIAS-E-COVID-19.pdf>

Instituto Maria da Penha. (Sem ano). Quem é Maria da Penha. Site Instituto Maria da Penha. Brasil. Acessado em 14/10/2022, em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>

Instituto Mariele Franco.(2019).Acessado em 07/04/2023. <https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias>.

Kobelinsk, Milena. (2020). Feminização da pobreza e famílias monoparentais: reflexões sobre os impactos dessa relação na vida das mulheres-mães. (Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de

Serviço Social), Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. Acessado em 14/10/2022, em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8975/TCC%20Milena%20Kobelinski.pdf?sequence=1>

Laugier, Sandra; Molinier, Pascale; Paperman, Patricia. (2020, abril). *Nous défendre – face au discours politique sur le Covid-19*. Site AOC Media. Acessado em 20/03/2021, em: <https://aoc.media/opinion/2020/04/06/nous-defendre-face-au-discours-politique-sur-le-covid-19/>

Letras. (Sem ano). A carne – Elza Soares. Acessado em 16/10/2022, em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>.

Lima, Everton. (2021, novembro). Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19. Portal FIOCRUZ Brasil. Brasil. Acessado em agosto 12, 2022, em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19>

Leite, R., Vasconcelos, M. ., Santos, A. ., Santos, T. ., & Drebes, L. M. . (2021). *Violência Contra Mulher E Raça: Uma Análise Interseccional Da Pandemia De Covid-19*. *Enciclopedia Biosfera*, 18(35). Recuperado de <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/3834>

Lima, Márcia.(2021) *No Brasil, mulheres negras têm maior mortalidade por covid que qualquer grupo na base do mercado de trabalho*. Acessado em 12 de março de 2023. . <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-negras-tem-maior-mortalidade-por-covid-19-do-que-restante-da-populacao/>

Lopes, Marcos Rogério. (2020). *Pandemia foi pior para negros e mulheres no mercado de trabalho. Homens e brancos, outra vez, sofreram menos: ganharam maior parte das novas vagas e mantiveram privilégios*. Site Portal R7. Acessado em 06/03/2021, em: <https://noticias.r7.com/economia/pandemia-foi-pior-para-negros-e-mulheres-no-mercado-de-trabalho-26122020>

Lorde, Audre. (1984). *Age, race, class and sex: women rede ning di erence*. Paper del delivered the Copeland Colloquium, Amerst College, Reproduced in: Sister Outsider Crossing Press, California.

Mansuido, Mariane. (2020, agosto). *Entenda o que é feminicídio e a lei que tipifica esse crime*. Site Prefeitura do Estado de São Paulo. São Paulo. Acessado em 21/10/2022, em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/entenda-o-que-e-feminicidio-e-a-lei-que-tipifica-esse-crime/#:~:text=A%20palavra%20feminic%C3%ADdio%20ganhou%20destaque,%C3%A9%20morta%20por%20ser%20mulher>

Matta, G.C., Rego S., Souto, E.P., and Segata, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>.- Livro Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: ficaram vulnerabilizadas e respostas à pandemia.(2023) Acessado em 27 em fevereiro de 2021.

Mainart, Catherine, Lopes Ellen. *Mulheres e Pandemia: Breves Reflexões Sobre o Recrudescimento da Violência Doméstica no Brasil Durante as Medidas De Isolamento Social* (agosto de 2021) . Acessado em 10/06/2022. <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/24204>. Revista Transgressões: ciências criminais em debate, v. 9, n. 1,

Marcondes, Mariana Mazzini. (2013). *O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho*. In Silvia Cristina Yannoulas (Coord.), *Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações*. Brasília: Editorial Abaré.

Mbembe, Achille. (2018). *Necropolítica*. 80 p., (3. ed.). São Paulo: n-1 edições.

Mello, Daniel. (2020, julho). *home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia*. Site Agência Brasil. Brasil. Acessado em 21/02/2022, em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>

Michaelis. (Sem ano). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* – Interseção. Site UOL Brasil. Acessado em setembro 10, 2022, em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=interse%C3%A7%C3%A3o&r=0&f=0&t=0>

Michaelis (Sem ano). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* – Pandemia. Site UOL Brasil. Acessado em janeiro 17, 2021, em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=G9Qdx>

Ministério Público do Trabalho. (2019) Nota Técnica do Ministério Público Coronavírus. Acessado em 10, setembro, 2022: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica-no-4-coronavirus-1.pdf>

Miranda, Jhonatan Jeison de; Timo, Alberto Luiz Rodrigues; belo, Fábio Roberto Rodrigues. *Crítica à Teoria da Maternidade em Winnicott: é Preciso ser Mulher para cuidar de Crianças?. Revista Psicologia: Ciência e Profissão (Impressa)*. Brasil. Acessado em 10/09/2022, em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/475d6fx59GMGvPywDCdS73f/?lang=pt>

Mulheres e Pandemia: Breves Reflexões Sobre O Recrudescimento Da Violência Doméstica No Brasil Durante As Medidas De Isolamento Social. (2021). Acessado em 17 de março de 2023. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/60304>
Prostituição, Neoconservadorismo – RODRIGUES, M. T. } DOI: 10.12957/REP.2021.60304,

Nunes, Sthefany Cristina da Silva. *Interseccionalidade e o trabalho doméstico: uma análise jurídico-sociológica*. 2022. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Acessado em: 04/04/2023 <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35973>.

OIT. (2022, junho). *Apenas 6% dos trabalhadores domésticos têm proteção social completa, segundo a OIT. Organização Internacional do Trabalho*. Brasília. Acessado em: https://www.ilo.org/brasil/noticias/WCMS_848787/lang-pt/index.htm

Oliveira, Cláudia Elaine, Soares, e Soares Jaqueline (2021) *Pandemia escancara violência contra população negra*. Acessado em 17 de março de 2023.. <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vida/2021/Pandemia-escancara-viol%C3%Aancia-contra-popula%C3%A7%C3%A3o-negra>

Oliveira, L. B., Cavazotte, F. S. C. N., & Paciello, R. R. (2013). Antecedentes e consequências dos conflitos entre trabalho e família. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4), 418-437. Acessado em: 17 de março de 2023. <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10348/antecedentes-e-consequencias-dos-conflitos-entre-trabalho-e-familia/i/pt-br>

Oliveira, Maria José de. (2022). *Saúde mental de mulheres na pandemia da Covid 19: reflexões aproximativas*. (Trabalho de conclusão de curso - Graduação em Serviço Social, 39 f.) – Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo. Santos. Acessado em 10/09/2022 em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/63617?show=full>

ONU. (2020). *Covid-19: Mulheres à frente e no centro. Organização das Nações Unidas Mulheres - ONU Mulheres Brasil*. Brasil. Acessado em 08/10/2022, em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/Covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro>

ONU. (2020). ONU Mulheres Américas e Caribe faz 14 recomendações para que mulheres e igualdade de gênero sejam incluídas na resposta à pandemia do COVID-19. Acesso em 10/08/2022. <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-americas-e-caribe-faz-14-recomendacoes-para-que-mulheres-e-igualdade-de-genero-sejam-incluidas-na-resposta-a-pandemia-do-covid-19/>

ONU. (2020, junho). Nota técnica: *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. organização das nações unidas – onu mulheres*.

brasil. Acessado em 14/05/2022: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/06/213247_NT_Disoc-N_75_web.pdf

ONU. 2019. OIT: *novo coronavírus pode causar perda de 25 milhões de postos de trabalho*. Organização das Nações Unidas – Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental (UNRIC). Acessado em 20/01/2021, em: <https://unric.org/pt/oit-novo-coronavirus-pode-causar-perda-de-25-milhoes-de-postos-de-trabalho/>

OPAS. (Sem ano). *Violência contra as mulheres*. Organização Pan-Americana de Saúde. Site OPAS. Acessado em 14/10/2022, em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>

OPAS. (2021, maio). COVID-19 tem impactos “devastadores” sobre as mulheres, afirma diretora da OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. Acessado em novembro 21, 2022, em: <https://www.paho.org/pt/noticias/26-5-2021-covid-19-tem-impactos-devastadores-sobre-mulheres-afirma-diretora-da-opas>

OPAS.(2022,maio). *Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021*. Acessado em 02/04/2023 <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021#:~:text=Excesso%20de%20mortalidade%20associado%20%C3%A0,Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Pan%2DAmericana%20da%20Sa%C3%BAde..>

OXFAM. (2020, outubro). *Mulheres negras e pandemia: reflexões sobre raça e gênero*. Site OXFAM Brasil. Brasil. Acessado em 16/10/2022, em: https://www.oxfam.org.br/blog/mulheres-negras-e-pandemia/?gclid=Cj0KQCQjw166aBhDEARIsAMEyZh7KdlcAA_8LagioLLbFGq2CdbgaESu5-Vn-Ela_qiQZW1UgnhFUG1caAnBUEALw_wcB

Pereira, Flávia Souza Máximo; Bersani, Humberto. (2020, novembro). Crítica à interseccionalidade como método de desobediência epistêmica no Direito do Trabalho brasileiro. Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro. Acessado em: 07, julho, 2022.

<https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/cr%C3%ADtica-%C3%A0-interseccionalidade-como-m%C3%A9todo-de-desobedi%C3%Aancia-epist%C3%Aamica-no-direito-do>

Pérez, Gorka R.; Aranda, José Luis. (2021). *Pandemia faz as maiores fortunas do planeta dispararem*. Site EL PAÍS – Brasil. Brasil. Acessado em 22/01/2021, em: <https://brasil.elpais.com/economia/2021-01-01/pandemia-faz-as-maiores-fortunas-do-planeta-dispararem.html>

Pimentel, Thais. (2020, maio). *Pesquisa da UFMG e Unicamp aponta que população LGBT está mais vulnerável ao desemprego e à depressão por causa da pandemia*. Site G1 – Minas Gerais. Belo Horizonte. Acessado em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/17/pesquisa-da-ufmg-e-unicamp-aponta-que-populacao-lgbt-esta-mais-vulneravel-ao-desemprego-e-a-depressao-por-causa-da-pandemia.ghtml>

Planeta Educação. (2021, outubro). *Os reais impactos da pandemia na Educação Infantil*. Site Portal Educação. Brasil. Acessado em setembro 02, 2022, em: <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/a/460/os-reais-impactos-da-pandemia-na-educacao-infantil>

Portal Anarquista. (2020, abril). Noam Chomsky: . *Superaremos a crise do coronavírus, mas temos crises mais sérias pela frente*”. Site Colectivo Libertario – Portal Anarquista. Portugal. Acessado em janeiro 20, 2021, em: <https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2020/04/12/noam-chomsky-superaremos-a-crise-do-coronavirus-mas-temos-crise-mais-serias-pela-frente/>

Público. (2020, junho). Covid-19. *Pandemia agudizou situações de violência doméstica já existentes*. Autor – Lusa. Site Público – Categoria Sociedade. Acessado em 18/01/2021, em: <https://www.publico.pt/2020/06/16/sociedade/noticia/covid19-pandemia-agudizou-situacoes-violencia-domestica-ja-existentes-1920817>

Ramos, Marcelo Maciel; Nicoli, Pedro Augusto Gravatá; Pedra, Caio Benevides. (2020, junho). *Fora do armário e dentro de casa? Integrantes do Grupo Diverso, da Faculdade de Direito, refletem sobre os direitos humanos de pessoas LGBTQ+ na pandemia*. Site Universidade Federal de Minas

Gerais – Notícias. Minas Gerais. Acessado em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/fora-do-armario-e-dentro-de-casa>

Rocha, Lucas. (2021, junho). *55% da população LGBTQIA+ teve piora na saúde mental na pandemia, diz estudo*. CNN Brasil. Brasil. Acessado em agosto 16, 2022, em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/55-da-populacao-lgbtqia-teve-piora-na-saude-mental-na-pandemia-diz-estudo/>

Santos, Márcia Pereira Alves dos. et. al. (2020, julho). *População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde*. Revista Estudos Avançados. São Paulo. Acessado em outubro 17, 2022, em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LnkzjXxJSJFbY9LFH3WMOHv/?lang=pt#ModalFigch1>

Santos, Boaventura de Sousa. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, S.A. Disponível em <https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Livro-Boaventura-A-pedagogia-do-virus.pdf> . Acessado em: 10 de outubro de 2021.

Schmidt, B., Crepaldi, M.A., Bolze, S.D.A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L.M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID10.26823/19). *Estudos de Psicologia* (Campinas), 37, e200063. Epub May 18, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.

Souza, Jessé - 1960 . *Como o racismo criou o Brasil* [recurso eletrônico] / Jessé de Souza- 1 ed. Rio de Janeiro. Estação Brasl. 2021.

Shah, Sônia. (2020). *Contra a pandemia, ecologia*. Londres, 17 nov. 2018. Acessado em 11/11/2022, em: <https://diplomatie.org.br/contra-a-pandemia-ecologia/>

Scio Education. (Sem ano). *A Saúde Mental das Mulheres Durante a Pandemia*. Acessado em novembro 21, 2022, em: <https://scioeducation.com/artigos/a-saude-mental-das-mulheres-durante-a-pandemia/>

SIC Notícias. (2020, abril). *Como o coronavírus aumentou a fortuna de Jeff Bezos*. Site SIC Notícias. Acessado em janeiro 22, 2021, em: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-04-15-Como-o-coronavirus-aumentou-a-fortuna-de-Jeff-Bezos>

Silva, Pedro Ivo Rodrigues da; Jorge Fabiola Alcântara; Ferreira, Francisca Micaely do Nascimento. (2020). Acesso em 07/06/2022. *Meninas e meninos: brincar e suas relações de gênero. Ensino em Perspectivas*. Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-6.. Disponível: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tKeJ_qhn9eoJ:https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/download/4535/5172/24541&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br

Silva, Carla Cecília Serrão. (2021, novembro). Meninas no Trabalho Doméstico: uma fração da questão de gênero. In X Jornada Internacional de Políticas Públicas – Ambiente virtual. Universidade Federal do Maranhão – Maranhão. Acessado em 22/11/2022. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaold_1284_1284612efe919f1e9.pdf

Siqueira, H. C. B. ., Silva, V. O. B. ., Pereira, A. L. S. ., Filho , J. D. G. ., & Silva, W. R. da . (2020). Pandemia de COVID-19 e Gênero: *Uma Análise sob a Perspectiva do Princípio Constitucional da Isonomia* . *Revista Psicologia & Saberes*, 9(18), 216–226. Recuperado de <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1230>

Stadler, Philipp. (2020). Noam Chomsky sobre o coronavírus: a ganância pelo lucro custa vidas humanas. Site TICtank. Acessado em abril 20, 2021. Disponível em: <https://tictank.pt/2020/04/09/noam-chomsky-sobre-o-coronavirus-a-ganancia-pelo-lucro-custa-vidas-humanas/>

Sousa, Karla Cristhina Soares. *Tornar-Se Mulher: Feminismo Existencialista E Performatividade De Gênero* – P.26, https://ppgf.ufba.br/sites/ppgf.ufba.br/files/tornar-se_mulher_feminismo_existencialista_e_-. Acessado em: 15, outubro, 2022.

Thompson, 2022. DAS – SUGESP. COVID-19 e o peso da desigualdade sobre as mulheres. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Departamento de Atenção à Saúde. Rio Grande do Sul. Acessado em outubro 16, 2022, em: https://www.ufrgs.br/das/_trashed/

Thober, Evelise; Creutzberg, Marion; Viegas, Karin. (2005, julho). *Nível de dependência de idosos e cuidados no âmbito domiciliar*. Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn. Acessado em 21/11/2022, em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/yFmT6mtZqWTNrPwfrcsvrMF/?format=pdf&lang=pt>

UFMG. (Sem ano). *População LGBTQ+ ficou mais vulnerável com a pandemia*. Site Universidade Federal de Minas Gerais – Categoria Saúde Mental. Acessado em 16/09/2022, em: <https://www.ufmg.br/saudemental/noticia/populacao-lgbt-ficou-mais-vulneravel-com-a-pandemia/>

UFMG (2023). *Tempo de tela e seus impactos para a saúde de crianças e adolescentes é o tema do próximo Papo em Pauta, uma parceria do Espaço do Conhecimento UFMG com o Instituto Unimed-BH*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tempo-de-tela-e-seus-impactos-para-a-saude-de-criancas-e-adolescentes-e-o-tema-do-proximo-papo-em-pauta/>. Acessado em: 28/03/2023.

UOL. (2020). *Covid: mortes avançam em favelas e superam 3ª cidade com mais óbitos no RJ*. Site Notícias UOL – Brasil. Brasil. Acessado em 18/10/2021, em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/10/coronavirus-mortes-em-favelas-do-rio-aumentam-oito-vezes-em-um-mes.htm?>

UOL. (2020, março). *Coronavírus: dono do Madero critica fechamento parcial do comércio*. Site Economia UOL. São Paulo. Acessado em 22/07/2021, em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/23/coronavirus-dono-do-madero-critica-fechamento-parcial-do-comercio.htm?>

UOL. (2022, setembro). *Bolsonaro cortou 90% de verba para enfrentamento à violência contra a mulher*. Folha de São Paulo. Acessado em 10/11/2022, em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/bolsonaro-cortou-90-da-verba-de-combate-a-violencia-contra-a-mulher.shtml>.

USP. (2022, junho). *A desigualdade racial no Brasil*. Site Comissão de Direitos Humanos – Apoio às disciplinas da Universidade de São Paulo. São Paulo. Acessado em novembro 14, 2022, em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=3010086&forceview=1>

Leão, Nathália, Thandara, Tica, Moreno, Santos. (2021). *Relatório: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. Acessado em 02/11/2022. <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/> - Relatório .

Informativo SUAS. Acessado em 02 de abril de 2023. Informativo SUAS, 2020. https://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2020/05/Informativo_Pop_Rua_Auxilio_Emergencial_18_maiu_revisado_DEC_AU.pdf.

Vasconcelos, Grace. UFPB. (2021, agosto). Universidade Federal da Paraíba – UFPB. *Trabalho do cuidado dos filhos é invisibilizado e sobrecarrega mulheres*. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Site - Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres na UFPB - Notícias. Acessado em 12/10/2022, em: <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/trabalho-cuidado-filhos-sobrecarrega-mulheres>

Vergasta, Ana Paula, Brasilm Mariana, Freire, Thiago. (2021). *Como ficou a atuação das ONGs e como seus trabalhadores e assistidos se adaptaram à pandemia*. Acessado em 20/03/2023. <https://www.revistafraude.ufba.br/novafraude/casa-comida-e-mao-lavada-ongs-se-adaptam-durante-a-pandemia-de-covid-19/>.

Veiga, A. M. (2020). *Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates*. *Revista Tempo e Argumento*, 12(29), e 0101. Florianópolis. Acessado em 14, maio, 2022: <https://doi.org/10.5965/2175180312292020e0101>

Via Comercial. (2021, abril). Limpeza vira profissão de risco na pandemia da COVID-19. Site Via Comercial. Minas Gerais. Acessado em março 21, 2021, em: <https://www.viacomercial.com.br/2021/04/12/limpeza-vira-profissao-de-risco-na-pandemia-da-covid-19/>

Vieira, Luiza, Pordeus, Augediva, Ferreira, Renata, Deborah, Moreira, Potívea, Maia, Kátia, Savioli. (2008). *Fatores de Risco para Violência Contra a Mulher no Contexto Doméstico e Coletivo*. Revista

Santos. José Adailton. *Mulheres negras e trabalho doméstico racismo e desigualdades na pandemia do covid-19*. <https://doi.org/10.52521/19.7344>
<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/7344>

Saúde e Sociedade, 17(3), 113-125 ISSN: 0104-1290. Acessado em agosto 12, 2022, em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/TYNfX3tF7FJTXJccSKnLRdf/?lang=pt>

Silva, Jorge, Ferreira, (2020). Meninos e Meninas: Brincar e suas relações de gênero. Acesso em 07/06/2022: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tKeJ_qhn9eoj:https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/download/4535/5172/24541&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-7, 2020.

Scio Educatio. A saúde mental das mulheres durante a pandemia. 2021, Acesso em 27 de fevereiro de 2023. <https://scioeducation.com/artigos/a-saude-mental-das-mulheres-durante-a-pandemia/>

Silva, Carla Cecília Serrão. (2021, novembro). *Meninas no trabalho doméstico: uma fração da questão de gênero*. In X Jornada Internacional de Políticas Públicas – Ambiente virtual. Universidade Federal do Maranhão – Acessado em outubro 10, 2022. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaold_1284_1284612efe919f1e9.pdf

Suassuna, Fernanda. Estudo revela que pandemia afeta mais a saúde mental das mulheres. 2021. Acessado em 20/04/2023. <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/estudo-revela-que-pandemia-afeta-mais-a-saude-mental-das-mulheres>

Tribunal Superior do Trabalho. *Pandemia, home office e a proteção do trabalho da mulher*. (2021). Acessado em 07 de março de 2023 <https://www.tst.jus.br/web/guest/-/pandemia-home-office-e-a-prote%C3%A7%C3%A3o-do-trabalho-da-mulher> ..

Who. (2020, june). *Addressing violence against children, women and older people during the covid-19 pandemic: Key actions*. Site World Health Organization. Acessado em 14/05/2022. https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Violence_actions-2020.1

LEGISLAÇÃO

Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, Senado. Acessado em 03/02/2023 de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>.

Brasil (2020). Nota Técnica Conjunta 04/2020 - Nota Técnica para a atuação do Ministério Público do Trabalho em face das medidas governamentais de contenção da pandemia da doença infecciosa (COVID 19) para trabalhadoras e trabalhadores domésticos, cuidadores ou vinculados a empresas ou plataformas digitais de serviços de limpeza ou de cuidado. Brasília. Acesso em: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica-no-4-coronavirus-1.pdf>

Brasília(2005). Regulamento Sanitário Internacional, RSI, 2005 . Acessado em setembro, 10, 2022. <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/regulamento-sanitario-internacional/arquivos/7181json-file-1>

Brasília(2019). Regulamenta a Medida Provisória nº 1.039, de 18 de março de 2021, que institui o Auxílio Emergencial 2021 para o enfrentamento da emergência de saúde pública de

importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Acessado em 02 de abril de 2023.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/decreto/d10661.htm .

ANEXOS

Abaixo segue o quadro constando as respostas das entrevistadas que foram qualificadas na Tabela 1 (Perfil Das Entrevistadas Escolhidas para as Análises) e a categorização e suas subcategorias, relacionadas com as falas das entrevistadas:

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS
CATEGORIA: O IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA FAMILIAR
<i>1. Da minha família não, mas dos meus amigos, ao meu redor sim eu tive muita morte né? Três amigas minhas morreram com a pandemia, então isso pra mim afetou a família e me afetou também. Eu fiquei muito chateada com isso.</i>
<i>2. Teve um impacto enorme porque eu comecei a dar aula online e aí eu tive que conciliar o trabalho de ser mãe, dona de casa.”</i>
<i>3. Como mora só eu e minha mãe, ela é minha família, e como na pandemia ficamos muito tempo juntas, acabou que teve conflitos familiares que é normal de toda família, desavenças, cabeça cheia, coisas assim mesmo..</i>
<i>4. “Teve, muito, bastante.. Porque no meu caso mesmo, que eu sou diarista, o movimento caiu muito, o pessoal não podia chamar a gente, não podia ir trabalhar porque a pandemia tava demais, o vírus só alastrando, alastrando... E ninguém me chamava para trabalhar, pra mim né, para meu marido não, ele continuou normal.”</i>
<i>5. Sim. Principalmente em relação à escola da minha filha porque ela estuda em escola pública. E aí quando ela ia começar a aprender a ler e escrever, a escola parou de funcionar por causa da pandemia. “. Ela ficou mais ansiosa, não tinha colega pra brincar, ela já começou a ficar mais nervosa, ansiosa porque ficava a maior parte do tempo em casa, né? E eu com outras coisas também pra fazer acabava ficando nervosa também por conta disso.</i>
<i>6. Eu moro sozinha, então não tive impactos na minha casa, só que eu arrumei mais gatinhos, eu tinha um e arrumei mais dois. Agora cuido de três.</i>
<i>7. Afetou sim, meus filhos ficaram desempregados, e foi por isso que a gente passou aperto. Moro eu e mais 2 filhos e uma neta, só eu que estava trabalhando...</i>

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES

8.Sim, em todos os aspectos!Meu marido internado com Covid e a cada dia um noticia que não sabia como seria o dia seguinte, eram muitos altos e baixos nesse processo, isso tudo por telefone, gente não podia ver a pessoa e com isso tendo que pegar a notícia, elaborar ela para passar para a família... Minha sogra não sabia que ele estava hospitalizado, ela tem 92 anos, então assim, como você explica que a pessoa não pode falar por 44 dias? Tive que ficar mediando e entendendo que tinham mais pessoas envolvidas e ao mesmo tempo tendo que se sustentar, quanto pessoa para poder dar conta de todo o resto . Tinham pessoas que trabalhavam comigo e tive que dar suporte e garantir o emprego dessas pessoas no restaurante. E a atuação na Aprosmig enquanto psicóloga voluntária, fazendo testagens com as trabalhadoras sexuais tanto quanto pessoas em situação de rua, testagens para o HIV então teve projetos que aconteceram no meio da pandemia, que também foram uma forma de você estar ali, fazendo alguma coisa e se fortalecendo.

SUBCATEGORIA: O IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA ECONÔMICA

1.No começo sim, porque eu não estava trabalhando, eu sou aposentada e aposentado ganha muito pouco. E como eu estava trabalhando com pessoas com um poder aquisitivo maior, eu ganhava bem.. Mas como agora eu estou com pessoas de nível mais baixo, então para mim tava sendo terrível, eu não conseguia colocar minhas coisas em dia como eu colocava antes. Me tirou da rotina.

2.Não. Teve um pouco porque o meu marido tem uma imobiliária e aí os imóveis tiveram uma queda e ele teve que parar de trabalhar, então na renda familiar sim mas na minha renda não, porque eu sou funcionária pública.

3.Muito, bastante, ainda mais para mim, que trabalho por conta própria, o movimento caiu demais e eu fiquei muito preocupada em relação a isso e qualquer coisa que estava aparecendo, eu tava indo para pode tava ganhando um lucrinho. Teve o auxílio emergencial, mas ele não foi suficiente para poder suprir nada não.

4.Teve muito impacto. As pessoas falavam que não queriam faxina, e às vezes, quando tinha alguma pessoa que me chamava, a gente corria risco no ônibus. Os ônibus não puderam parar, teve escala mínima, e os ônibus ficaram superlotados, a gente arriscava todo o tempo, uns com máscaras, outros sem...Iguar meu marido mesmo, eu acho que ele pegou esse vírus em um ônibus, e eu peguei dele em casa, por ele tá transitando todos os dias .

E ele trabalha em qual área? Ele é pedreiro, ficou somente 15 dias em casa, logo em seguida ele voltou e eu continuei sem trabalhar, sem receber porque eu ganho pelo trabalho do dia.

5.Na época do Covid não tive impacto porque estava recebendo o salário em dia.

6.Mudou no contexto do trabalho, principalmente no trabalho sexual. Eu tive que me reinventar, trabalhar pela internet, com vídeos chamadas, e até com fetiches online. No início da pandemia eu fui trabalhar com costura, como eu não podia atender

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES
<p><i>presencial, tive que me reinventar de várias formas, como te disse, então fui fabricar máscaras nos quatro primeiros meses de pandemia,</i></p> <p>E isso ajudou para você se manter?</p> <p><i>Ajudou, e eu tive o auxílio, que ajudou muito, não em tudo, como eu pago aluguel água, luz, ajudava nesse sentido, mas aí tinha alimentação e todo o restante né.</i></p>
<p><i>7. Afetou sim, meus filhos ficaram desempregados, e foi por isso que a gente passou aperto. Moro eu e mais 2 filhos e uma neta, só eu que estava trabalhando.</i></p>
<p><i>8. “ Sim, em todos os aspectos. Pensando na questão comercial, teve a interrupção do trabalho por um tempo, o abre e fecha, o funcionamento diferente do que a gente está habituado para isso e em relação a psicologia eu participo da coordenação de projetos sociais na Aprosmig...Eu sou micro empresária e trabalhadora autônoma (psicóloga), então é assim, se você trabalha, você ganha.. Meu marido está recorrendo até hoje para o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), porque ele recebeu somente por 7 dias quando saiu do hospital, e ele ficou 44 dias internado, e aí agente vai entrar na justiça, com advogado. Quando ele saiu do hospital, ele perdeu a mobilidade e teve que fazer fisioterapia por um longo período e com isso o movimento no restaurante caiu por 1/3, isso afetou financeiramente e a gente tentou não demitir e garantir a manutenção do emprego das pessoas que trabalhavam com a gente. E aí eu tentei fazer outras coisas na área da psicologia, mas estava tudo difícil e então assim, foi tentar equilibrar-se mesmo, num momento de extrema tensão. Até hoje ainda estou tentando acertar as contas, porque foi muito punk...</i></p>
SUBCATEGORIA: O IMPACTO DA PANDEMIA EM TERMOS PSICOLÓGICOS E EMOCIONAIS
<p><i>1. Sim, por causa das minhas amigas que faleceram.. Até hoje penso nelas e fico sensibilizada.</i></p>
<p><i>2.Sim, muitos, muitos mesmo. Porque conciliar todo esse isolamento com medo, com a questão de uma nova modalidade de trabalho, as crianças sem escola, e essa mudança brusca de rotina fez com que a gente ficasse muito frágil emocionalmente.</i></p>
<p><i>3.Sim, teve muito impacto. As pessoas focaram demais na doença e esqueceram do psicológico das pessoas, sabe? Eu perdi meu melhor amigo por suicídio por esse ano por da pandemia, e não foi fácil...</i></p>
<p><i>4.Afetou quando eu tive a Covid, então isso afetou muito meu emocional. Eu peguei na primeira onda e não tinha vacina ainda. Eu e meu marido ficamos em casa, sem trabalhar, sem poder fazer nada e me senti muito afetada.</i></p>
<p><i>5.Com certeza, gerou muita incerteza de como que seria tudo em relação ao funcionamento de tudo, como ia ser, já que ela estava começando a ler e a escrever, se ela ia perder muito tempo, quando que ia recomeçar a voltar ao normal e também o medo da doença, que a gente não conhecia... Muita incerteza, ansiedade e preocupação. A gente fica com medo de ficar doente e a criança também...</i></p>
<p><i>6.Sim, eu tive aquela Covid que chamam de vida longa, então eu tive muitas sequelas, estou fazendo fisioterapia por causa do pulmão, que eu tenho muito cansaço, e agora para mim tá sendo o período mais difícil, porque depois da pandemia eu tive</i></p>

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES

depressão... Tive mas medo de não saber o que fazer, medo de saber se eu ia sobreviver, eram vários tipos de medo, você está na pandemia, e eu falava para muitas pessoas que eu conversava online, minha meta é sobreviver, estou aqui, meta cumprida. Só que agora a gente vai para uma segunda fase da pandemia, copa do mundo, aglomeração, tudo isso vai fazer com que a pandemia dê um boom.

7. Eu senti sim, porque eu perdi uma pessoa muito querida da minha família, que é minha tia e desde pequena ela morava com a gente, ela não teve filho e faleceu com Corona Vírus, foi muito triste porque a gente não pode visitar, o enterro dela foi de caixão fechado, não teve velório, foi um enterro que ela não merecia isso...

***E você comentou anteriormente que você teve que ter muita força, pode comentar um pouco sobre isso?** Eu tive que ter muita força porque todo mundo ficou abalado, desempregados, perdemos nossa tia e se todo mundo ficar fraco não dá, e eu tive que ser forte para dar conta de passar por isso, mas que foi difícil, foi.*

8. Não tem como falar disso tudo que a gente vivenciou sem falar que não foi afetado psicologicamente, eu acho que até hoje a gente ainda se sente afetado, está vindo uma nova onda, uma nova cepa e você começa a pensar, meu Deus.. Porque na época a gente não tinha a quem recorrer. Quando eu falo isso é no sentido de que , em uma situação normal , se você está passando por uma dificuldade você pode contar com uma amiga, ir na casa, você abraça, é uma energia.. E no Covid você não podia ter contato né? Então foi um momento de muita solidão, na hora que eu recebia a notícia da médica (sobre o estado de saúde do marido internado com Covid), eu tinha ainda que elaborar aquilo, digerir para ver como eu ia repassar isso para as pessoas. A gente tem que ter esse cuidado, não vou mentir ou omitir, mas não preciso tirar o resto de esperança das pessoas que estão em volta e tentei manter o equilíbrio, com suporte de amigos à distância e tentando também, o mínimo possível manter estável, porque eu tinha que estar ali e eu tinha que dar conta. Meu marido no hospital, minha mãe que foi para ficar com meu irmão antes da pandemia e teve que ficar por lá, por dois anos, e ela é uma pessoa idosa também, e ela ficava muito comigo.. E você não ter com quem contar. Quando eu falo “não ter com quem contar, é no sentido assim, no hospital por exemplo, quando meu companheiro foi para a enfermaria, ele ficou tão mal que me ligaram para eu ficar com ele. E aí, eu fiquei no hospital internada com ele, o tempo todo, 13 dias na enfermaria, no auge do Covid. Ele ficou internado ano passado, de abril a maio, então assim , eu fiquei literalmente com ele na enfermaria. E aí não dava para contar com ninguém, as irmãs dele podiam ficar? Podiam mas estavam com mais de 60 anos, os mais jovens, com muito receio né, do Covid. Aí você pensa, a pessoa não está fazendo isso, mas tem motivos. Então foi assim, vou ficar e vou dar conta, porque a pessoa precisa de afeto e de quem conhece perto. Poderia contratar uma pessoa da enfermagem para ficar com ele, mas precisaria muito mais que isso, não é só o cuidado, é o cuidado, é o afeto, e de alguém mais próximo é o mais importante, ajuda né. . E isso ajuda no processo de cura também né? Com certeza, e na cura para mim também, porque eu estava com a cabeça a mil..

SUBCATEGORIA: IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA ESCOLAR

1. Não porque não estudo mais e não tenho contato com parentes que estudam.

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES

2. *Trouxe, para todos nós, principalmente por eu ser professora. E eu reparo por exemplo, que os meus alunos no início eles ainda participaram da aula, ainda procuravam fazer as atividades. E já no final do meio da pandemia pra frente ninguém fazia mais nada, ninguém abria a câmara, ninguém dialogava comigo nas aulas. Era como se eu só falasse pra ninguém. E aí eu percebi que da mesma forma que eu estava sofrendo, que estava sendo difícil pra mim conciliar pra eles também estava.*

E em relação aos seus filhos você percebeu algum desgaste? Eles estudam em escola particular?

Sim, percebi desgaste em relação aos meus dois filhos. Meu filho mais velho teve que começar a fazer terapia. Ambos estudam em escola particular.

Qual é a idade dele? *Meu filho mais velho tem 9 anos, ele teve que começar a fazer terapia. Ambos estudam em escola particular. O mais velho, desenvolveu um transtorno de ansiedade e aí, para a gente não precisar entrar com nenhuma medicação a gente começou com terapia toda semana para entender o que estava acontecendo com ele. E o meu filho mais novo passou a ter aversão a escola, custou a conseguir querer voltar ao normal, ficou muito agitado. Piorou demais da conta, porque às vezes para a gente conseguir trabalhar, tinha que deixar ele na televisão, no celular e a hora de tela aumentou e com isso aumenta a ansiedade, a agressividade. Eu tentei vários recursos com eles, aula de artes, produção de artesanato, oficinas, mas chegou um ponto que nada disso fez sentido mais com eles.*

E você contou com ajuda de mais alguém do seu núcleo familiar?

Não, tive que dispensar a minha ajudante, e meu marido não pode interromper as atividades, de forma que quando ele saía para trabalhar tinha que cuidar da casa, dos conteúdos escolares dos meus filhos, e ainda do meu trabalho remoto, que era interrompido frequentemente pelas crianças entediadas.

3. *Não, terminei meus estudos e não tive contato com estudantes.*

4. *Não temos filhos e não tenho contato com pessoas que ainda estão estudando.*

5. *Pois é, não havia aula online como havia nas escolas particulares...Na escola pública, que é a dela, foi criado um grupo de Whatsapp em que eram enviadas atividades, tarefas, direcionando os pais e responsáveis o que era para orientar a criança, com as tarefas mesmo e a gente tinha que sentar com a criança e fazer as tarefas e como eu não tenho formação em professora em pedagogia, eu fiquei bem perdida no início, para mim foi bem complicado. Eu não tinha ideia de como eu ia passar o conteúdo para a criança, como eu ia ensinar e achei bem complicado... Depois e fui buscando informações na internet, até liguei para a diretora da escola para perguntar como eu faria com a criança ficar sentada fazendo a tarefa.*

E você contou com ajuda de mais alguém do seu núcleo familiar?

Não, era só eu. Foi só eu mesma. Não tinha. O pai talvez não sabe nem o nome da escola que ela estuda. Não tem tanto interesse, na vida dela, ele é muito ausente.

6. *Na minha vida não, mas minha amiga que também é trabalhadora sexual e tem uma filha e para ela foi difícil. Porque ela era uma das melhores alunas do colégio e de repente não teve aquele compromisso de ter que estudar, porque é adolescente, tem 10 anos.. E dessa idade com celular na mão vai querer jogar, vai querer ver outras coisas e não vai estudar. Então ela tinha essa dificuldade, ela trabalhando fora, o marido trabalhando fora. Tiveram que comprar um celular melhor para a menina ter acesso às aulas. Já a outra vizinha não tinha celular e nem internet e usava a internet e o celular da outra vizinha do andar de cima.*

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES
<i>7. Meu filho ficou desempregado e ele estuda na UFMG (Filosofia) e ele ficou dois anos dentro de casa, e minha neta, filha dele também, não foi na escola mais e ela ficava também muito quieta, e de uma hora para outra ela ficou sozinha, então teve impacto sim.</i>
<i>8. Não, não tenho filhos nem tive contato com estudantes.</i>
CATEGORIA :PODER PÚBLICO NA PANDEMIA
<i>1. Eu não lembro disso não... Como eu já sou aposentada eu não tenho direito ao auxílio.</i>
<i>2. Meu salário permaneceu o mesmo, eu senti que as pessoas a minha volta, que não conseguiram auxílio, ou que o auxílio não dava para pagar as despesas, porque na cidade que eu moro, a maioria das pessoas é pobre e tem uma desigualdade social enorme, eu percebi o tanto que a pobreza assolou a cidade, e eu vi as pessoas degradando, em relação a situação financeira e consequentemente psicológico e social.</i>
<i>3. Teve o auxílio emergencial, ele ajudou, se não tivesse tido ele, não sei o que eu ia estar fazendo da vida, tudo fechado, movimento parado, não podia trabalhar, como eu ia tirar uma renda?</i> Você acha que por ser mulher trans isso atrapalha para o mercado de trabalho? <i>Atrapalha, ainda mais para poder procurar outras áreas.. Se eu fosse procurar outro lugar na pandemia, se já é difícil sem pandemia, com pandemia então piora ainda mais a situação.</i>
<i>4. Eu peguei só as 4 primeiras parcelas do auxílio do governo, depois eles me tiraram sem eu saber o motivo, nem justificaram. Quando fui ver, eles cortaram por causa do salário do meu marido que ganha mil e poucos por mês. E depois você conseguiu novamente? Não, eu fiquei desamparada, não tinha nenhum salário, estava contando com aquele dinheiro.</i>
<i>5. Não, eu não tive alteração do meu salário. Na época achei que o auxílio era para pessoas mais necessitadas, meu salário não teve alteração na pandemia... Na pandemia os preços continuaram estáveis e agora está bem complicada a questão econômica porque os preços estão subindo demais por causa da inflação, a pensão do pai da minha filha não ajuda em quase nada.</i>
<i>6. Eu me senti amparada porque consegui o auxílio emergencial. Não foi só o auxílio, algumas ONGS também nos apoiaram.</i>
<i>7. Olha, a gente que acolheu as trabalhadoras, pedindo ajuda de cesta básica, verdura, máscara. Aqui na pandemia teve muita trabalhadora sexual grávida, foram mais de 15, aí a gente ganhou enxoval de bebê, fralda para o enxoval dos meninos, um tanto de coisas. Os estagiários de psicologia ajudaram muito também, deram enxovais completos. Foram muitas gestantes, as meninas passaram aperto, muitas tem crianças, e elas pagam aluguel, ou diária dos quartos dos hotéis. Falam que trabalho sexual é trabalho fácil e não é... Teve também mulheres que estavam fora do mercado, porque casaram, tiveram filhos, aí o</i>

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES
<p><i>marido “do nada” larga e arruma uma amante, e ela precisa voltar para o mercado de trabalho sexual para pagar o aluguel e cada caso é um caso que elas me contam.</i></p> <p><i>Em relação a ajuda, a Cruz Vermelha doou cestas básicas e a gente organizava tudo direitinho, elas vinham aqui e pegavam. E teve também da Prefeitura, aí a gente orientava para elas poderem ganhar a cesta de lá. E mais ou menos, quantas precisava pegar a cesta? Vieram mais ou menos umas 100.</i></p>
<p><i>8. Sobre o auxílio do governo a gente não teve.</i></p>
CATEGORIA: AMPARO DAS INSTITUIÇÕES NA PANDEMIA
<p><i>1. Eu não sou de frequentar igrejas, não porque não quero, mas porque eu trabalho com idosos. Eu assisto muito a TV Aparecida do Norte, eu assisto missa assim. Esses programas foram muito bons para mim.</i></p>
<p><i>2. Igreja ou Instituição não....A pandemia me deixou bem desestruturada, as redes sociais eram espaços virtuais que a gente tinha para se apoiar, as lives me ajudaram a descontrair e deixar esse momento menos tenso.</i></p>
<p><i>3. Nada que me favoreceu. A umbanda que meu uma ajuda espiritual, mas nada material...</i></p>
<p><i>4. Não tive nenhuma ajuda.</i></p>
<p><i>5. Houve um certo amparo porque houve fornecimento de cesta básica durante um certo tempo para os estudantes de escola pública. Esse foi o único auxílio, eu na verdade não procurei o auxílio do governo durante a pandemia, porque não foi necessário. verdade, agora que seria mais necessário porque na época eu estava recebendo mais em dia o pagamento, e agora não estou recebendo..</i></p>
<p><i>6. Sim, tive apoio de diversas ONGs como o Clã das Lobas, Aprosmig, Central das Favelas...Então a gente teve um suporte de início assim, grande, graças a deus. Cestas básicas.. O governo já estava nos dando o auxílio, mas você sabe que tem o complemento né? Carne, ovos, outras coisas que não supre com isso, então a Central das Favelas nos dava um cartão para compras, mas foi só por três meses de R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais), no qual eu conseguia comprar carne, leite, verduras e principalmente nesse período não teve dificuldade, porque a gente tinha esse suporte, só que esse suporte não foi para todo mundo. Eu vivia sozinha, recebi os R\$600,00 (seiscentos reais) do auxílio, pagava R\$450,00 (quatrocentos e cinquenta reais de aluguel) aí vinha água e luz, quer dizer o auxílio dava para pagar o aluguel,, água e luz, com a vendagem das máscaras eu conseguia completar a renda e eu tenho problema de saúde, ainda tinha medicação para comprar, tudo isso em decorrência do início da pandemia, que eu acho que foram os meses mais complicados né?</i></p>
<p><i>7. Olha, a gente que acolheu as trabalhadoras, pedindo ajuda de cesta básica, verdura, máscara. Aqui na pandemia teve muita trabalhadora sexual grávida, foram mais de 15, aí a gente ganhou enxoval de bebê, fralda para o enxoval dos meninos, um tanto de coisas. Os estagiários de psicologia ajudaram muito também, deram enxovais completos. Foram muitas gestantes, as meninas passaram aperto, muitas tem crianças, e elas pagam aluguel, ou diária dos quartos dos hotéis. Falam que trabalho sexual é trabalho fácil e não é...Teve também mulheres que estavam fora do mercado, porque casaram,</i></p>

DADOS COLETADOS – RESPOSTA DAS PARTICIPANTES
<i>tiveram filhos, aí o marido “do nada” larga e arruma uma amante, e ela precisa voltar para o mercado de trabalho sexual para pagar o aluguel e cada caso é um caso que elas me contam.</i>
<i>8.Sim, Asprosmig, quando eu falo acolhida, eu falo no sentido que trabalhando aqui eu tinha uma troca, parte do meu tempo eu estava vindo, fazendo o trabalho, que eu sempre fiz na Aprosmig, deu um suporte, mesmo não vindo todos os dias, de fazer o cadastro das trabalhadoras tanto para receberem o auxílio emergencial, que também foram poucas que conseguiram em função do que estava sendo pedido na época, a documentação confusa para o processado auxílio emergencial tanto para as cestas básicas que a Prefeitura de Belo Horizonte estava dando. Então eu ajudei nesse processo; E a medida que foi liberando o ir e vir, eu retomei os trabalhos porque a Asprosmig estava fechada e a gente foi se ajudando e se fortalecendo, e literalmente foi aquela coisa de “ninguém solta a mão de ninguém”, então eu tenho muita gratidão nesse sentido, ao mesmo tempo que eu estava ajudando, eu estava sendo ajudada de certa forma, mesmo que as meninas não tenham noção disso, porque aqui era o lugar que eu podia vir e ter um contato com as pessoas .</i>

Tabela 2 . Dados Coletados – Resposta das Participantes